

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA**

RAIMUNDA MADALENA ARAUJO MAEDA

**A TOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE: UM ESTUDO
DOS NOMES DE FAZENDAS**

ARARAQUARA

2006

RAIMUNDA MADALENA ARAUJO MAEDA

**A TOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE: UM ESTUDO DOS
NOMES DE FAZENDAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de
Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para a obtenção do grau de
Doutor em Linguística e Língua Portuguesa,
elaborada sob a orientação da Professora Doutora
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.

Araraquara – SP, julho de 2006.

Maeda, Raimunda Madalena Araújo

A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas /
Raimunda Madalena Araújo Maeda – 2006

276 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Toponímia. 2. Signo Toponímico. 3. Motivação Toponímica.
mato-grossense. I. Título.

**Tese aprovada em 25/ 08/ 2006 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

Prof^ª Dr^ª Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa – FCLAr/UNESP
Orientadora

Prof^ª Dr^ª Maria Antonieta Carbonari Almeida

Prof^ª Dr^ª Claudia Maria Xatará

Prof^ª Dr^ª Maria Cristina Parreira da Silva

Prof. Dr Luiz Antonio Amaral

Para Osvaldo, pelo incentivo e apoio, sempre.

Para Eduardo, Vinicius e Eliana.

*Para José Ferreira de Araújo, meu pai,
de quem ouvi histórias do Pantanal, que
fizeram brotar em mim o amor por essa
região.*

Agradecimentos

À Prof^a Dr^a Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, pelas contribuições oferecidas como orientadora dessa pesquisa. Pela compreensão e amizade, pela disposição constante à leitura crítica e construtiva.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa através da bolsa PICD – UFMS.

À Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária do Pantanal – EMBRAPA-CPAP, na pessoa do pesquisador Carlos Padovani, que oportunizou nosso acesso ao Banco de Dados e também ao Laboratório de Geoprocessamento daquela instituição.

Aos colegas do Departamento de Letras, que possibilitaram o meu afastamento para realizar este trabalho.

Ao colega de Departamento, Prof. Auri Claudinei Matos Frübel, pela elaboração do *Abstract*.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o levantamento, a classificação taxonômica e a análise dos topônimos, objetivando a motivação toponímica, ou seja, os motivos predominantes na denominação das propriedades rurais localizadas no Pantanal Sul-mato-grossense, portanto, uma microtoponímia que apresenta particularidades bastante distintas, em razão das especificidades dos aspectos antropoculturais, econômicos, históricos, geográficos, o processo de ocupação, estrutura fundiária, enfim o modo de ser e de encarar o mundo segundo a óptica do homem pantaneiro. Partindo-se da hipótese de que os locativos, incluindo-se aqui os nomes de Fazendas, revelam-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois permitem a identificação de fatos lingüísticos, de ideologias e crenças, presentes no ato denominativo e a própria trajetória do homem na formação do grupo, chegando-se às causas ou motivos da denominação, adotou-se como base teórica dados da Lingüística Geral, na perspectiva de SAUSSURE (edição de 1970), FREGE (1978) e BENVENISTE (1991), associando-o ao signo toponímico segundo os fundamentos de DICK (1990). O método utilizado para o levantamento do *corpus* relativo à pesquisa foi o da consulta documental realizada junto ao Banco de dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal – EMBRAPA/CPAP e no Mapa “Fazendas do Pantanal”, elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento dessa instituição de pesquisa, na escala de 1:750000. A análise dos dados revelou que os topônimos de natureza antro-po-cultural são a maioria e que, dentre esses, predomina a taxa dos hierotopônimos como denominativos das fazendas, uma herança portuguesa dos tempos da colonização. Já as taxas de natureza física, sobretudo os fitotopônimos, hidrotopônimos e zootopônimos revelam a interação das condições ambientais e o denominador.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. Signo Toponímico. Motivação Toponímica. Pantanal Sul-mato-grossense.

ABSTRACT

This work has as a main purpose the selection, the taxonomic classification and the analysis of toponyms, focusing on the toponymic motivation, that is, the motives which determined the denomination of rural properties located in Pantanal Sulmatogrossense, in this way, a microtoponymy that presents particularities very distinct, considering the specificities of anthropo-cultural, economic, historical, and geographic aspects, as well as the process of occupation, fundiary structure, and the way of being and facing the world according to the viewing of the pantaneiro man. Considering the hypothesis that the locatives, including the farm names, reveal themselves of great importance to understand the historical and cultural aspects of a community, since they contribute to the identification of linguistic facts, of ideologies and believes, which are present in the denominative act and the trajectory of the man in the group formation, getting to the causes or motives of the denomination, the work was supported by the theoretical base of General Linguistics, considering SAUSSURE (edition of 1970), FREGE (1978) e BENVENISTE (1991), relating it to the toponymic sign according to DICK (1990). The method used to constitute the *corpus* related to the research was the documental consulting carried out through the data base of Brazilian Agricultural Research Corporation of Pantanal – EMBRAPA/CPAP and using the Map “Farms of Pantanal”, made by the Geoprocessing Laboratory of this research institution, in a scale of 1:750000. The analysis of the data showed that the anthropo-cultural toponyms are the majority and that, among them, there is a predomination of hierotoponyms as denominatives of farms, a Portuguese inheritance of the colonization time. However, the physical taxes, mainly the fitotoponyms, the hydrotoponyms and the zootoponyms revealed an interaction of the environmental conditions and the denominator.

KEY WORDS: Toponymy. Toponymic Sign. Toponimic Motivation. Pantanal Sulmato-grossense.

LISTA DE FIGURAS

1. Onomástica	39
2. Triângulo de Baldinger I	43
3. Triângulo de Baldinger II	43
4. Ficha Lexicográfico-Toponímica	104

ABREVIATURAS

Ns = Nome simples

Nc = Nome composto

Sb = Substantivo

Adj. = Adjetivo

Conec. = Conectivo

Num. = Numeral

Vb = Verbo

Prep. = Preposição

Art. = Artigo

Masc. = Masculino

Fem. = Feminino

Sing. = Singular

Pl. = Plural

AH = Acidente Humano

Etp = Estrutura do texto toponímico

El. ddo = Elemento determinado

El. dde = Elemento determinante

Sf. dim. = Sufixo diminutivo

Sf. aum. = Sufixo aumentativo

LISTA DE MAPAS

1. Mapa de Articulação do Pantanal Sul-mato-grossense no contexto da América do Sul	63
2. Mapa Sub-regiões do Pantanal	80
3. Mapa Localização do Pantanal de Paiaguás	83
4. Mapa Localização do Pantanal do Paraguai	85
5. Mapa Localização do Pantanal da Nhecolândia	88
6. Mapa Localização do Pantanal do Abobral	90
7. Mapa Localização do Pantanal de Aquidauana	92
8. Mapa Localização do Pantanal de Miranda	95
9. Mapa Localização do Pantanal de Nabileque	97
10. Mapa Localização do Pantanal de Porto Murtinho	100

LISTA DE TABELAS

1. Sub-região de Paiaguás	207
2. Sub-região do Paraguai	209
3. Sub-região da Nhecolândia	210
4. Sub-região do Abobral	212
5. Sub-região de Aquidauana	213
6. Sub-região de Miranda	214
7. Sub-região de Nabileque	216
8. Sub-região de Porto Murtinho	217
9. Quantificação dos Topônimos de Natureza Física e Antropo-Cultural, por Sub-Região do Pantanal Sul-mato-grossense	219
10. Quantificação geral dos topônimos que nomeiam as Fazendas do Pantanal Sul-mato-grossense	220
11. Quantificação dos Topônimos de Natureza Física e Antropo-Cultural mais produtivos no Corpus	220

LISTA DE GRÁFICOS

1. Distribuição dos topônimos que nomeiam as fazendas do Pantanal de MS, de acordo com o plano motivacional de Dick (1990)	224
2. Distribuição quantitativa dos topônimos denominativos das Fazendas do Pantanal de MS	225
3. Distribuição percentual dos topônimos denominativos das Fazendas do Pantanal de MS	226
4. Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais	259
5. Identificação quantitativa dos topônimos em relação ao aspecto físico	261

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I – LINGUAGEM E TOPONÍMIA	18
1. A nomeação como atividade humana	18
2. Linguagem: perspectiva lingüística	22
3. O Signo Lingüístico	26
3.1. A arbitrariedade do signo, o sentido e a referência	27
4. O Signo Toponímico	31
4.1. Os estudos Toponímicos	33
4.2. O método de investigação da Toponímia	37
4.3. As taxonomias toponímicas	47
4.3.1. Taxonomias de Natureza Física	48
4.3.2. Taxonomias de Natureza Antropo-Cultural	50
II – SUBSÍDIOS HISTÓRICOS DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE	54
1. Aspectos Antropo-culturais e econômicos do Pantanal	54
2. Aspectos Geográficos, Históricos e Ocupacional do Pantanal	61
3. Estrutura Fundiária do Pantanal	74
4. O Pantanal Sul-Mato-Grossense e suas Sub-Regiões	77
III - PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	101
IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	107
1. Fichas Lexicográfico-toponímicas	107
1.1. Sub-Região de Paiaguás	107
1.2. Sub-Região do Paraguai	131
1.3. Sub-Região da Nhecolândia	136
1.4. Sub-Região do Abobral	168
1.5. Sub-Região de Aquidauana	173
1.6. Sub-Região de Miranda	180
1.7. Sub-Região de Nabileque	185
1.8. Sub-Região de Porto Murtinho	200
2. Quantificação e classificação dos dos topônimos por sub-região	206
V – ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	221
1. Quanto à natureza dos topônimos	259
2. Quanto às taxonomias registradas na região	260
3. Quanto à origem dos nomes	265
CONSIDERAÇÕES FINAIS	268
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	272

INTRODUÇÃO

Escrever sobre aspectos da cultura de uma região não é tarefa das mais fáceis, uma vez que a história dos nomes de lugares, qualquer que seja o espaço físico considerado, apresenta muitas informações que se interpenetram e que merecem (re)interpretação. Todavia, é um estudo instigante face à complexidade dos fatores envolventes: conhecimentos lingüísticos, históricos e antro-po-culturais, como é o caso da presente pesquisa sobre nomes de fazendas ou topônimos de natureza humana.

Identificando lugares os topônimos atuam, funcionalmente, como formas conservadoras das tradições e dos costumes de uma comunidade, na medida em que se utilizam de sua cultura lingüística para nomear acidentes geográficos. Entende-se cultura como um conjunto de idéias, tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo.

A *Região do Pantanal Sul-mato-grossense*, pela especificidade de sua biodiversidade e características físico-geográficas, mostra-se singular para um estudo toponímico, em razão de ter sido palco de fascinante história desde os primeiros séculos quando os espanhóis e portugueses disputavam a sua ocupação no expansionismo europeu no continente sul-americano lutando com o nativo, o indígena de cultura Chaquenha, os Paiaguá e os Guaicuru.

A identidade pantaneira contemporânea, tem suas raízes a partir de fins do século XIX, quando a pecuária extensiva concretiza-se como a principal atividade econômica da planície, com a formação das grandes fazendas e no andar dos rebanhos na busca de pastagens de melhor qualidade provocou o "amansamento" da região. Com a formação das fazendas, iniciou-se nova etapa do Pantanal superando obstáculos dos

séculos anteriores, forjando a "identidade pantaneira", consolidando as extensas fazendas e sedimentando assim o *modus vivendi* pantaneiro.

Nesse ambiente, outras histórias ainda permanecem ocultas, como a lida de um povo que deixou suas marcas, registradas em vários acidentes geográficos, sejam eles de natureza física ou humana e, hoje, conservados, constituem-se ferramentas históricas propícias para estudo lingüístico: os topônimos que se formaram e se fixaram em trezentos anos de história da região, aqui denominada *região do Pantanal Sul-mato-grossense*.

Por seu caráter histórico, a língua deve ser estudada dentro do processo que a produz, ou seja, ela deve refletir as condições de produção e interpretação do sentido, advinda da natureza dinâmica, interativa e fluida da intersecção de vários movimentos de sentido e de diferentes objetos simbólicos (linguagem, sujeito, pensamento, história), responsável pela relação que o homem mantém com as referências do mundo social, cultural, ou com a história e o ambiente onde ele vive.

Com base nesse pressuposto, elegeram-se como objetivos desta pesquisa:

1. Proceder ao levantamento de topônimos, abrangendo a Região do Pantanal Sul-mato-grossense, com base na pesquisa realizada junto ao Banco de Dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária do Pantanal – EMBRAPA/ CPAP e no Mapa “Fazendas do Pantanal”, elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento dessa instituição de pesquisa, na escala de 1:750000.
2. Identificar e classificar os topônimos que nomeiam as Fazendas localizadas na Região do Pantanal Sul-mato-grossense.
3. Proceder à descrição e análise dos dados, tendo em vista o ambiente físico e antro-po-cultural em que se encontram inseridos.

4. Detectar a estruturação dos motivos ou das fontes geradoras dos nomes de lugares, dando-lhes um tratamento sistemático em categorias classificatórias, da maior ou menor incidência de designativos de uma mesma tipologia, na região considerada.
5. Interpretar os nomes de lugares com maior segurança do ponto de vista semântico, de forma a resgatar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo.
6. Apontar características e tendências lingüístico-culturais extremamente importantes para o resgate da identidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Os objetivos propostos nortearam a estruturação do trabalho que se dividiu em cinco partes.

Na primeira parte intitulada **Linguagem e Toponímia** discutem-se os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa. Inicialmente, faz-se a abordagem sobre a *nomeação como atividade humana*, ressaltando-a como ato relevante para que o homem possa entender a realidade circundante; a seguir, enfoca-se a *linguagem sob a perspectiva lingüística*, o *signo lingüístico* e a questão da *arbitrariedade*, o *sentido e a referência*; posteriormente, aborda-se o *signo toponímico*, os *estudos toponímicos*, o *método de investigação da toponímia* e, por fim, as *taxonomias toponímicas de natureza física e antro-po-cultural*.

A segunda parte contém os **Subsídios Históricos do Pantanal Sul-mato-grossense**, na qual tem-se a abordagem dos *Aspectos Antro-po-culturais e Econômicos do Pantanal*, os *Aspectos Geográficos, Históricos e Ocupacional do Pantanal*, a *Estrutura Fundiária* e o *Pantanal Sul-mato-grossense e suas Sub-regiões: Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho*.

Considera-se a língua como um fato social e, por isso, estreitamente ligada ao meio em que é usada. Desse modo, acredita-se que quanto mais se conhecer aspectos socioculturais do ambiente em que os fatos lingüísticos acontecem, melhores condições ter-se-á para identificar mudanças ou retenção em um sistema.

Na terceira parte, denominada **Procedimentos Teórico- Metodológicos** apresenta-se a exposição do método utilizado nas várias etapas da pesquisa. Destacam-se como base teórica- metodológica dados da Lingüística Geral, na perspectiva de SAUSSURE (edição de 1970), FREGE (1978) e BENVENISTE (1991), associando-o ao signo toponímico segundo os fundamentos de DICK (1990). Nessa parte, contemplam-se, também, informações sobre *métodos e procedimentos relativos a coleta de dados*, as *Fichas lexicográfico-toponímicas*, a *Quantificação e classificação dos topônimos por sub-região*.

Já a quarta parte – **Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados** apresenta, através de gráficos, resultados da análise dos dados tendo em vista as suas taxonomias, origem lingüística, estrutura morfológica e informações enciclopédicas relevantes para a análise e classificação do topônimo. Produto do processo denominativo, descreve-se, quantifica-se e analisa-se a natureza dos nomes para se chegar à motivação toponímica. Observa-se, ainda, a questão da ocorrência, mudança e retenção de topônimos na região, enquanto se comparam os dados presentes e pretéritos, que permitirão conhecer aspectos e tendências lingüístico-culturais da região.

A quinta parte – **Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados**, na qual far-se-á a análise dos topônimos de natureza humana na ordem das categorias de maior freqüência para as de menor freqüência, partindo-se de uma macrotoponímia, que envolve as oito sub-regiões em estudo, para uma microtoponímia, que são os acidentes humanos coletados nas oito sub-regiões. Utiliza-se, para tanto, de gráficos quantitativos

que ilustram os dados da pesquisa. Apresentam-se, ainda, três sub-seções: *Quanto à natureza dos Topônimos*, *Quanto às taxonomias registradas na região*, *Quanto à origem dos nomes*, que retomam e reforçam dados da análise.

Por fim, na última parte do trabalho, intitulada **Considerações Finais** retomam-se as conclusões decorrentes das análises feitas, ao mesmo tempo em que se comprova a validade da pesquisa toponímica para um estudo lingüístico-cultural: os topônimos mais que locativos são o suporte lingüístico em que se vê refletida a história de um povo, veículo que transmite informação e ideologia e, sobretudo, que a motivação toponímica envolve uma complexa interação de fatores, sejam eles do ponto de vista do denominador ou do ambiente total em que se encontra.

Este estudo procura ampliar e aprofundar o nosso conhecimento sobre a língua portuguesa na região do Pantanal Sul-mato-grossense. É uma pesquisa que envolve não só aspectos lingüísticos, mas que pretende demonstrar que a ocorrência de um topônimo num *continuum denominativo*, sem substituição ou ruptura, na região em estudo, é fator de estabilidade dos valores sócio-culturais, históricos e ideológicos vivenciados pela população que a habita.

I – LÍNGUAGEM E TOPONÍMIA

Nesta parte do trabalho, intitulada *Língua e Toponímia*, discutem-se os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa. Inicialmente, far-se-á uma abordagem sobre *a nomeação como atividade humana*, destacando-a como atividade significativa ao homem como forma de entender a realidade circundante; em seguida enfocamos a *língua*, a partir de uma perspectiva lingüística. Posteriormente, apresentamos o *signo lingüístico*, enfocando a questão da *arbitrariedade, o sentido e a referência, os estudos toponímicos e o método de investigação da toponímia*, ressaltando *a motivação e os modelos taxonômicos* que servirão de base para a análise dos topônimos de natureza humana – os nomes de fazendas do Pantanal sul-mato-grossense – que constituem o *corpus* deste trabalho.

1. A nomeação como atividade humana

A arte de dar nome às coisas ao longo do tempo e o seu eventual desdobramento em novas palavras são fenômenos, dentre muitos outros fenômenos lingüísticos, mais abertamente expostos à observação humana. Esse fenômeno pode ser evidenciado ao se fazer a análise da toponímia de uma dada região para que, em nossa mente, retornem imagens de épocas remotas.

De acordo com Biderman (1998, p. 11)

(...) a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos

em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Ao nomear, o indivíduo se apropria do real, como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo, no *Gênesis*, em que Deus determinou ao primeiro homem dar nome a toda a criação:

E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo [...].¹

A preocupação com a *nomeação* e a sua relação com o *ser* ou *coisa* nomeada tem sido objeto de profundas reflexões desde os gregos, conforme se pode verificar na obra de Martins (2002)², na qual ela discute os conceitos presentes nos diálogos de *Teeteto* e *Crátilo*, de Platão, ao dizer que:

A arte de dar nomes às coisas é arte rara, de difícil execução, pois exige que se olhe para o nome que cada coisa tem por natureza e se saiba exprimir, com letras e sílabas, sua idéia fundamental.

Ou ainda, quando Sócrates e Crátilo dialogam sobre a “virtude e falibilidade dos nomes”:

SÓCRATES: [...] que virtude têm os nomes para nós e que bom efeito lhes devemos atribuir? CRÁTILLO: A mim, Sócrates, parece-me que eles instruem, e isto de um modo bem simples; de sorte que quem conhecer os nomes conhece também as coisas.³

Segundo Seabra (2004, p.22) também no período renascentista, Fernão de Oliveira discute o quanto é complexo o estudo da etimologia, assinalando que é extremamente difícil motivar a origem de cada nome, pois seria preciso saber de onde surgiram as “coisas” correspondentes e, em cada caso, chegar até a “pessoa particular”

¹ GÊNESIS 2, 20

² MARTINS, Maria Silvia Cintra. *Entre palavras e coisas*. São Paulo: UNESP, 2002.

³ PLATÃO (1963, p. 147)

que impôs tal nome. Surgem as primeiras observações de caráter empírico que poderiam ser fundamentadas, hoje, na lexicologia e na sociolingüística

Para saber todas estas cousas requiere-se ler e ver muyto; e ainda assi alcançaremos pouco, porque avemos de perguntar isto a cada tempo e terra e pessoa muito pelo miudo.⁴

Assim, não é de se estranhar que tais reflexões tenham adquirido caráter científico, encontrando-se vinculadas a várias áreas de estudos sobre a linguagem humana, dentre elas a Filosofia e a Lógica, a Lingüística Histórica, a Sociolingüística e a Etnolingüística.

Sobre esse assunto, o filósofo alemão Gottlob Frege escreve, em 1892, o artigo *Über Sinn und Bedeutung*⁵- Sobre o Sentido e a Referência (1978). Nele concebe o sinal⁶, ou *nome próprio*⁷ como a união de uma referência⁸ e um sentido⁹. No entanto, é importante explicar o que é um nome próprio e qual o critério para identificá-lo, de acordo com Frege. Para que algo seja um nome próprio, é preciso que se refira a um objeto singular. Isso significa que algo é nome próprio se, e somente se, designa um particular e não mais que um, ou seja:

O nome próprio deve ter pelo menos um sentido, senão ele seria uma seqüência vazia de sons, ilegitimamente chamada de nome. Para uso científico, porém, deve-se exigir que também tenha uma referência, que designe ou nomeie um objeto. Assim o nome próprio se relaciona, mediante o sentido, e só mediante este, com o objeto, (FREGE, 1978, p. 64).

⁴ OLIVEIRA (2000: 33 *apud* SEABRA, 2004, p. 24)

⁵ FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.

⁶ Por *sinal*, Frege entende qualquer que seja o nome, combinação de palavras ou letra.

⁷ Pode-se tentar uma aproximação do conceito de *sinal*, *nome próprio* com o conceito de *signo lingüístico*, de F. de Saussure. Porém, Frege concebe o nome próprio consistindo de uma ou mais palavras, ou mesmo de outros sinais.

⁸ *Referência*, aquilo que pelo sinal é designado, ou seja, aquilo a que o sinal se refere. (FREGE, 1978).

⁹ *Sinal*, o modo de apresentação do objeto. (FREGE, 1978).

Mais ainda, ele assim resume a constituição do nome próprio:

A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos: a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanto a representação, mas que também não é o próprio objeto, (1978, p. 65).

Como se pode ver, Frege claramente introduz o mundo real em suas considerações. Tal fato nos remete à geração do léxico de uma língua natural, que se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.

Assim é que, de acordo com Biderman (1998, p. 12):

O léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história. Para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos lingüísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Por fim, é importante ressaltar que o léxico de uma língua natural encontra-se arraigado à história – tradição e costumes – de um povo, por isso, mantém-se em processo constante de expansão, alteração e contração. Entretanto, como bem lembra Oliveira (1998, p. 107) “essas mudanças não impedem a língua de desempenhar sua função principal, a de ser instrumento de comunicação e de interação social”.

2. Linguagem: perspectiva lingüística

O estudo da linguagem e de sua natureza é tão antigo quanto a questão da natureza e origem do ser, e as posições quanto a isso são as mais diversas, em razão de tratar-se de um fenômeno extremamente complexo, no qual se misturam problemas de diferentes ordens. Historicamente, a construção da teoria da linguagem é, pois, marcada por diferentes perspectivas de análise. Na Grécia, a investigação da linguagem era encarada como um ramo da filosofia – no pensar de Platão ela era concebida como algo imposto aos seres humanos por uma necessidade da natureza. Aqueles que defendiam semelhante posição eram chamados de *naturalistas*. Já os denominados *convencionalistas*, dentre eles Aristóteles, consideravam a linguagem como resultado de uma convenção entre os homens. No período medieval, o quadro dos estudos da linguagem delineado na Antiguidade não conhece alterações significativas, permanecendo em foco a abordagem filosófica e, em função disso, as teses então debatidas serviram de ponto de partida para as discussões em torno da gramática nos séculos posteriores.

No Renascimento, surge uma nova visão de mundo e, em razão disso, ocorre no período profundo interesse pelos idiomas modernos, em virtude do aparecimento de uma literatura vigorosa e expressiva nos países europeus, como os escritos de Ariosto e Maquiavel, na Itália; Rabelais e Montaigne, na França; Camões, em Portugal. Já no continente americano houve uma concentração de estudos sobre a documentação de centenas de línguas nativas, até então ignoradas no Velho Mundo.

O pensamento moderno sobre a linguagem instala-se a partir do início do século XIX, com o interesse pelas línguas vivas, pelo estudo comparativo dos falares, em

detrimento de um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem. De acordo com Petter (2005, p. 12) é nesse momento que o estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando de forma regular. Mais ainda, de acordo com ela,

Os estudiosos compreenderam melhor do que seus predecessores que as mudanças observadas nos textos escritos correspondentes aos diversos períodos que levaram, por exemplo, o latim a transformar-se, depois de alguns séculos, em português, espanhol, italiano, francês, poderiam ser explicadas por mudanças que teriam acontecido na língua falada correspondente. Esse progresso na investigação do desenvolvimento das línguas veio a alterar, modernamente, o próprio objeto de análise dos estudos sobre a linguagem, (Petter, 2005, p. 13).

No início do século XX surgem os estudos efetivados pelo lingüista suíço Ferdinand de Saussure, cujas idéias representam um marco na lingüística moderna. A esse respeito, em Dubois et al, (s.d., p. 389-390) lê-se:

Concorda-se em reconhecer que o estatuto da lingüística como estudo científico da linguagem é assegurado pela publicação em 1916 do *Curso de Lingüística Geral*, de F. de Saussure. A partir dessa data, todo estudo lingüístico será definido como surgido “antes” ou “depois” de Saussure.

A posição de Saussure, vindo do comparativismo do século XIX, no qual ele se formara, pode ser vista nos seus primeiros trabalhos. Entretanto, são as idéias apresentadas no *Curso*¹⁰ que provocaram mudanças fundamentais no mundo da ciência lingüística. Assim, rompendo com os postulados estabelecidos pelos comparatistas – acreditavam que o estudo histórico da linguagem seria o caminho mais coerente para a

¹⁰ O *Curso de Lingüística Geral* consultado é o da 9ª. ed., 1970, Capítulo I “Natureza do Signo Lingüístico” e Capítulo IV “O Valor Lingüístico”.

investigação da língua –, ele apresenta, ao lado dos estudos diacrônicos, a visão sincrônica do estudo da língua, ou seja, ela possui um aspecto estático e dinâmico ao mesmo tempo, pois a cada momento ela é atual e um produto do passado.

De acordo com Elia (1978, p. 16),

Ferdinand de Saussure estabeleceu duas distinções fecundas, que se ajustam perfeitamente a uma visão conciliadora entre a coerção social e a ação do indivíduo. De uma parte ele distingue a *langue*, que é o conjunto e o sistema dos sinais arbitrários em uso em um momento dado, numa determinada sociedade, e de outra, a *parole*, que é o ato particular e concreto de um indivíduo que usa a *langue*, seja para se fazer compreender, seja para compreender. Distingue a sincronia da *langue*, isto é, sua constituição, seus sons, suas palavras, sua gramática, suas regras, etc. em um certo lugar e um certo tempo, da diacronia da *langue*, ou seja, as transformações que nelas se dão através do tempo.

Para Saussure a linguagem é um sistema de signos, onde um som só pode ser considerado como linguagem se estiver expressando idéias. Tais signos são compostos por um significante, que seria uma “forma que significa”, e um significado, sendo “uma idéia significada”. O signo é, então, o fato central da linguagem.

Outro ponto importante em sua teoria é o fato levantado sobre a natureza arbitrária do signo, o que, em outras palavras, quer dizer: não há vínculo, elo, ou qualquer ligação de ordem natural ou inevitável que ligue o significado e o significante. Ora, ao explicitar que não existe nenhuma relação entre um e outro, um objeto real representado pelo signo passa a não ter relevância, pois não poderá ele influir no sistema lingüístico, uma vez que essa relação, que é arbitrária, se dá por uma convenção lingüística (que são aquelas que convencionam que um *cão* é representado pela palavra *cão*). Trocando por outras palavras, não se faz presente um objeto real no processo lingüístico, pois a ele não cabe uma ação participativa, ele apenas serve como referência

para um significado e um significante, que estão relacionados a uma convenção lingüística, que irá associar o conceito à imagem, independente qual sejam eles.

A concepção da língua como um sistema de valores está intimamente associado à célebre frase de Saussure “na língua só existem diferenças”, ou seja, ela funciona sincronicamente e com base em relações opositivas (paradigmáticas) no sistema e contrastivas (sintagmática) no discurso. Tendo como ponto de partida as idéias motrizes contidas no *Curso de Lingüística Geral*, formaram-se várias Escolas Lingüísticas, que deram conseqüência e continuidade ao pensamento do fundador da Lingüística moderna. A visão da língua como um sistema semiológico, a teoria do signo, com seus dois princípios fundamentais: arbitrariedade / linearidade, a diferença entre sincronia (funcionamento) e a diacronia (evolução), a distinção fonética / fonologia, fone / fonema, a dupla articulação da linguagem¹¹ (1ª = plano do conteúdo ou morfossintaxe; 2ª = plano da expressão ou fonologia), as noções de morfema e gramema, a tricotomia língua / fala / norma. São categorias lingüísticas extremamente férteis, todas decorrentes do pensamento de saussureano e hoje definitivamente incorporadas às ciências da linguagem.

Dada a natureza deste trabalho, no que se refere à estruturação dos motivos ou das fontes geradoras dos nomes de lugares, interessa-nos, portanto, analisar o papel do referente na construção do significado, levando em consideração o papel que os fatores extralingüísticos desempenham na análise da motivação e, conseqüentemente, no processo de denominação é que, na próxima seção, trataremos da questão do signo lingüístico, de forma mais específica, da relação signo / significação / realidade.

¹¹ Veja proposta funcionalista de André Martinet sobre a Dupla Articulação da Linguagem em Dubois, J. et al, 1973, p. 67-(68).

3. O Signo Lingüístico

É perfeitamente perceptível que a sociedade atual organiza-se em torno de um grande e poderoso universo de signos, diga-se de passagem, bastante complexo. De igual modo, é também perceptível o estado absoluto em que se portam a linguagem humana e seus signos de valor incondicional, uma vez que na vida moderna, todos nós dependemos do signo para vivermos e interagirmos com o meio no qual estamos inseridos. Segundo Fiorin (2005, p. 55) “Os signos são, assim, uma forma de apreender a realidade. Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia”.

Para o homem comum, a noção de signo e suas relações não são importantes do ponto de vista teórico, mas ele os entende de maneira prática e precisa. A utilidade do signo vai além do que imaginamos: ao dirigirmos, por exemplo, precisamos constantemente ler e analisar discursos transmitidos pelas placas de trânsito, pelas luzes do semáforo, pelas reações do veículo ao meio ambiente, etc. O homem intelectualizado não vive sem o signo, precisa dele para entender o mundo, a si mesmo e às pessoas com as quais mantém relações humanas.

As noções de signo são muito mais amplas e discutíveis do que podemos imaginar, todavia, no presente trabalho nos limitaremos à análise de algumas considerações referentes ao signo lingüístico que, na seção seguinte constituirá o nosso objeto de estudo.

3.1. A arbitrariedade do signo, o sentido e a referência

Ao propor a língua como um sistema de signos, Saussure assinalou a importância da questão do arbitrário do signo lingüístico. Entretanto, é preciso lembrar que o princípio da arbitrariedade do signo lingüístico foi e ainda é, objeto de muitas discussões e controvérsias, dada a imprecisão de algumas colocações e exemplos do seu famoso *Curso de Lingüística Geral*¹².

Quando Saussure (1970, p. 79-80), estabelece o que é signo, ele deixa marcada a distinção entre entidades psíquicas (que constituiriam o signo) e físicas (que lhe seriam estranhas):

Os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. [...] O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um *conceito* e uma *imagem acústica*. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...] O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro.

Essa distinção é fundamental à concepção saussureana da língua como sistema auto-suficiente, que prescinde do mundo para se explicar. Logo, o princípio da arbitrariedade do signo, que é o primeiro princípio enunciado por Saussure e, segundo ele mesmo, o de primordial importância na análise lingüística (1970, p. 82), não estaria relacionado com a conexão do signo com o mundo, com a coisa do mundo real designada pelo signo. Os componentes do signo, destacados na passagem citada, a

¹² A obra em questão foi publicada em 1916, que, embora atribuída a Saussure, foi escrita por alguns de seus alunos da Universidade de Genebra (Bally, Riedlinger e Sechehaye). Ilari, 2005, p. 55.

saber, o conceito (significado) e imagem acústica (significante), é que sofrem uma conexão arbitrária:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário. (1970, p. 81).

O corolário da arbitrariedade é a convenção. Diz Saussure que afirmar que o signo é arbitrário não significa que o significado depende da livre escolha do falante (1970, p. 83), pois não está nas mãos do indivíduo a capacidade de mudar nada num signo lingüístico, já que ele é social, ou seja, a arbitrariedade da relação significante e significado quer dizer que ela é convencional, isto é, repousa numa espécie de acordo coletivo entre os falantes.

Aceitar ou não este princípio saussureano faz toda a diferença, pois a arbitrariedade do signo é o cerne de uma outra discussão: A relação da língua com o mundo é arbitrária ou motivada? Para os estudos semânticos, e para os lingüistas e filósofos que deles se ocupam, dentre estes Benveniste e Frege, esta passa a ser a questão.

Se para Saussure o signo é arbitrário em relação ao significado, imotivado, não possuindo o signo nenhuma ligação natural com o significado, não contendo um elemento imposto de fora, bastando-se em si mesmo, para Benveniste¹³ a arbitrariedade do signo não está explicitada, só detectada, e é geralmente incontestada. Seria preciso reencontrar a estrutura do fenômeno e repô-la na teorização. Há, então, uma contradição entre a maneira como Saussure define o signo lingüístico e a natureza fundamental que ele mesmo lhe atribui. Para Benveniste, a contradição está na exclusão da realidade, da

¹³ BENVENISTE, E.A Natureza do Signo Lingüístico (Cap. IV) In. *Problemas de Lingüística Geral*, vol. I., 1991.

própria coisa, quando da definição do signo. Um terceiro termo implícito e não abarcado na definição inicial de Saussure. Assim, o laço significado/ significante não é arbitrário, mas necessário, e a necessidade advém do próprio fato da língua ser um sistema, e aqui o cuidado é não se desprezar e nem se afastar das propostas saussureanas.

Benveniste retoma a discussão de Saussure, sobre o arbitrário do signo, colocando-a em novos termos. Ele não refuta o pensamento saussureano, mas analisa o texto de Saussure, apontando certas conclusões, decorrentes da exclusão do mundo na análise da língua como um sistema de signos.

Para Benveniste (1991, p. 56), a relação entre significado e significante não é arbitrária: “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro”.

Para complementar a multiplicidade de visões e a complexidade de entendimento, Frege¹⁴ se situa no campo da lógica e coloca as questões de significação em termos de relação de igualdade ($A = A$, $B = B$, $A = B$), e em termos de valor cognitivo. Apresenta-se uma nova ordem de conceitos, uma divisão clara entre sinal, sentido e referência, e as ligações destes com a representação. Entender uma relação como $A = B$ requer exercícios mais substanciais de nosso conhecimento do que entender uma relação do tipo $A = A$. Trazendo a questão para a lingüística, grosso modo, A e B seriam os sinais da língua (qualquer que seja o nome, combinação de palavras ou letra) e sua relação de igualdade só ocorreria se designassem ou denominassem a mesma coisa. A arbitrariedade coloca-se, agora, na conexão entre os sinais e a coisa designada. E entre signo e realidade se interpõe o modo de apresentação do objeto, o sentido.

¹⁴ FREGE, G. Sobre o Sentido e a Referência. In. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/ USP, 1978.

A partir destas discussões sobre a arbitrariedade do signo, interpõe-se um novo ponto de separação nas abordagens de estudos do significado lingüístico: qual a relação entre língua e mundo? A língua é uma realidade original, imprevisível e irredutível a toda realidade extralingüística? Dito de outro modo: o sistema lingüístico se basta em si mesmo ou não, ele faz parte de um sistema maior de significações? Ou ainda: a significação se resolve no sistema lingüístico ou necessita do todo extralingüístico?

Saussure¹⁵ está de todo convencido que a língua resolve os problemas de sentido. Para ele a significação é significação lingüística, pois a língua é o depósito das informações do mundo, e as conexões com o extralingüístico são matéria para as outras ciências, a fonologia pura ou a psicologia pura, por exemplo. A língua na visão saussureana é a organizadora e intermediária de duas massas amorfas, o pensamento, massa indistinta, e o som, meio indeterminado. A língua é o domínio das articulações, das idéias que se fixam em um som e dos sons que se tornam o signo de uma idéia.

Benveniste tem sempre o cuidado de querer manter a estrutura do pensamento saussureano, mas não pode deixar de tentar restaurar algumas pilastras. Para ele a confusão entre o que é arbitrário no signo lingüístico tem relações com a discussão entre sentido e referência, coonforme se pode ver:

O sentido de uma palavra é seu emprego e o referente é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso. [...] É desta confusão extremamente freqüente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo. (1989, p. 222).

De algum modo a visão de Frege também leva em conta a realidade e o mundo na sua formulação de sentido, mesmo que seja só ao se referir a representação associada

¹⁵ SAUSSURE, F. O valor lingüístico (Cap. IV) In. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

ao sinal e a sua inerente subjetividade, onde o autor menciona um tesouro comum de pensamentos da humanidade, transmitido de um geração para outra, que nos obriga a pensar em algo que não está na língua, que é necessariamente extralingüístico.

A busca do entendimento da significação, as questões sobre o signo (e mais propriamente, o signo lingüístico) nos provocam mais e mais reflexões. Parece-nos relevante e necessária a distinção entre sentido e referência. Vamos na trilha aberta por Benveniste, considerando a relação significado/ significante necessária. Concordamos com Frege e também com Benveniste que a arbitrariedade se dá na conexão do signo com a coisa do mundo, o seu referente. Acreditamos que uma teoria semântica não pode prescindir das coisas as quais os signos designam, seja dizer, das referências das coisas. Sem elas, não conseguimos dar conta de explicar a significação lingüística.

4. O Signo Toponímico

A atividade lingüística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo¹⁶. Os signos são, assim, uma forma de apreender a realidade. O signo lingüístico em função toponímica representa uma projeção aproximada do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado.

Todavia, de acordo com Dick (1990a, p. 34), ainda que, na língua, o signo participe genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento lingüístico comum, revestido de função onomástica ou identificadora de lugar, integra

¹⁶ É a visão de uma mesma realidade, a partir de experiências culturais diversas, (FIORIN, 2005, p. 57).

um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

Extraídos originalmente de uma língua viva, os signos toponímicos – ou topônimos – são enunciados lingüísticos, formados por um universo transparente significante, passam pelo crivo de um denominador, que os seleciona e interpreta de acordo com seus conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais que representam também os do seu grupo, a fim de tornar o termo escolhido um possível referente para o receptor.

Para Carvalhinhos (2005, p. 72)¹⁷:

O texto toponímico, como qualquer texto-objeto, pertence a um universo de discurso, estando sujeito a suas normas. O espaço não é real, é um espaço manipulado pelo homem, filtrado por seus modelos culturais. O topônimo pode ser visto, então, como discurso manifestado de um destinador coletivo, o denominador – que, enquanto ator, pode ser um indivíduo que representa politicamente uma comunidade; pode ser um grupo de habitantes do espaço em questão ou ainda um denominador anônimo, perdido no tempo.

O signo toponímico inscreve-se, assim, como hábeis instrumentos de pesquisa, constituindo-se como ponto de partida para investigações que, se antes, se definiam apenas como lingüísticas, ou até de uma maneira simplista, em uma posição unilateral, desligada de um conjunto maior, da sociedade e da cultura, hoje se inscrevem, também, nos campos da geografia, da antropologia, da sociologia, enfim, da cultura em geral para, num aprofundamento, procurar compreender a própria mentalidade do denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social.

¹⁷ CARVALHINHOS, P. de J. *Hierotoponímia Portuguesa. De Leite de Vasconcelos às Atuais Teorias Onomásticas. Estudo de Caso: as Nossas Senhoras*. São Paulo: FFLCHH/USP, Tese de Doutorado, 2005.

4.1. Os Estudos Toponímicos

A Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência Lingüística e se ocupa da origem e do significado dos nomes de lugares. É um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia – ciência dos nomes próprios – cujo outro ramo, a Antroponímia, se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas. De acordo com Dick (1990, p. 119)¹⁸ o conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do grego *topos*, “lugar” + *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação: *física* (rios, córregos, morros, etc.) e *humana*, *antrópica* ou *cultural* (aldeias, povoados, cidades, etc.).

Desde os mais remotos tempos o homem sempre deu nomes aos lugares. Entretanto, a Toponímia só nasceu oficialmente como disciplina autônoma no século XIX, com Auguste Longnon, por volta de 1878, no ambiente positivista da recuperação das línguas indo-européias. Nesse primeiro momento, prevalecia uma estreita visão etimológica, com a realização do estudo de nomes antigos do território francês, a fim de se levantar a história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes assegurar a proteção dos santos ou de Deus (DICK., 1990).

Num segundo momento, há o trabalho de caráter científico de análise realizado por Albert Dauzat, que proporcionou avanços metodológicos importantes para a

¹⁸ DICK, M.V.P.A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990.

“geografia lingüística”, com o seu método das áreas¹⁹. Em Portugal, o filólogo Leite de Vasconcelos seguia, a partir de 1887, seus estudos de Onomástica, organizado em dois ramos, *Toponímia* e *Antroponímia*, tópicos lingüísticos que, naturalmente, se iam destacando dos estudos etnográficos. Sobre o termo “Antroponímia”, o autor já o havia proposto e empregado em 1887, na *Revista Lusitana*.

Assim, este primeiro momento da disciplina pode ser visto como um período de estabelecimento de regras metodológicas e metas de estudos, destacando-se a organização periódica de congressos de onomástica, que orientaram os estudiosos da área, posteriormente; assim como abriram caminhos para possibilidades futuras de estudo. Seguindo a tendência outorgada pelos estudos das correntes lingüísticas indo-européias desde o fim do século XIX²⁰, então é natural que se enfatizasse, também, num estudo toponímico, a etimologia do nome de lugar.

Como estudo metódico e regular, com formação de grupos de pesquisa, os estudos toponímicos começam a proliferar em outros países. Segundo Dick (1990, p. 02) nos Estados Unidos há a atuação de estudiosos e órgãos especializados, como a revista *Names*, publicação da *American Name Society*, tendo como importante colaborador George Stewart, autor de trabalhos como *Name of the land* e da *A classification of place names*. No Canadá, tem-se o *Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica*, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Laval, Québec.

¹⁹ Esse “método das áreas” consistiu num estudo de perspectiva diacrônica, com o qual Dauzat determinou áreas com várias camadas de nomes, de várias épocas diferentes, ou seja, nomes pré-célticos, gauleses, romanos, francos, próprios dessa época que vão se superpondo uns aos outros, podendo suplantá-los pelo uso os antecedentes, até a sua natural extinção, ou mesmo coexistir em outros pontos do território.

²⁰ Esses estudos, calcados no método da gramática comparativa, privilegiavam a reconstituição etimológica.

Na América do Sul, destaca-se o trabalho do antropólogo venezuelano Adolfo Salazar-Quijada – *La Toponímia em Venezuela*; no Chile, tem-se o trabalho de Mário Bernales Lillo – *Toponímia de Valdivia*, (SCHNEIDER, 2002, p. 24).²¹

No Brasil pode-se verificar o trabalho de Teodoro Sampaio – *O Tupi na Geografia Nacional*; a obra de Armando Levy Cardoso – *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. No entanto, a partir do trabalho de Drumond²², calcado na vertente europeia, o estudo sistematizado da toponímia no Brasil integrou-se aos estudos lingüísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena através das pesquisas sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira.

Ainda, no Brasil, conforme dados de Seabra (2004, p. 40), cabe registrar também o trabalho da professora e pesquisadora dessa área, Maria Vicentina de Paula do Amaral DICK, que, seguindo as orientações de Drumond e a teoria de Dauzat, enriquecendo, a partir de uma visão física e antropocultural, os estudos toponímicos através dos seus *Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos* aplicados aos nomes de lugares. Para Drumond, “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como os seus ‘Princípios Teóricos e Modelos Taxeonômicos’, seja do ponto de vista estrutural como científico”.²³ Além de dar continuidade aos estudos sobre a Toponímia Indígena, iniciados por Drumond, ampliando-os, Dick dedica-se, ainda, à Toponímia Brasileira pesquisando e orientando várias pesquisas acadêmicas neste campo.

²¹ SCHNEIDER, M. *Um Olhar sobre os Caminhos do Pantanal Sul-Mato-Grossense: a Toponímia dos Acidentes Físicos*. Tese de Mestrado. Três Lagoas-MS, UFMS, 2002.

²² DRUMOND, C. *O Tupi e a Toponímia Brasileira* (FFLCH-USP).

²³ DRUMOND, C. Prefácio. In. DICK, M.V.P.A. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, 1990.

Segundo Carvalhinhos (2005, p. 68),

Dick sentiu a necessidade de incorporar a moderna lingüística aos estudos tradicionais de Toponímia, objetivando, assim, ampliar o alcance da mesma e enfatizar o seu caráter pluridisciplinar. Em seus estudos, a partir de 1990, o uso conjunto de outras subáreas da lingüística, como a lexicologia e a semiótica, permitiu perceber a importância da investigação toponímica sob um novo ângulo: o da recuperação/ resgate ideológico.

Outra importante contribuição à pesquisa toponímica teorizada por Dick, de acordo com Carvalhinhos (2005, p. 68) foi considerar a Terminologia como um importante instrumento que auxilia o pesquisador que se dedica aos estudos onomásticos, não somente quanto à teorização e compreensão da onomástica (essa pesquisadora considera o topônimo um termo), mas também quanto à análise prática, pois a classificação toponímica proposta por Dick (1980), em campos semânticos, permite que se extraia do topônimo a motivação denominativa, num momento sincrônico. Porém, é importante lembrar que há um movimento diacrônico de recuperação não só do topônimo, como de seu significado original (que pode ser de uma língua desaparecida ou da própria língua, mas num estágio cristalizado que não permite a decodificação por parte do usuário).

Vale destacar também vários outros trabalhos acadêmicos sobre o assunto, entre eles pode-se citar, segundo dados de Schneider (2002, p. 24), o de Francisco Possebom, *Militares na Toponímia Paulistana: axiotopônimos militares nas vias públicas de São Paulo* (1996); o de Severino Bernardo dos Santos, *A reconstituição dos Fitotopônimos Paraibanos* (1996); o de Patrícia de Jesus Carvalhinhos, *A Toponímia Portuguesa: um recorte lingüístico do Doro ao Tejo* (1998); o de Vieira, *Estudo Onomástico do município de Socorro: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração* (2000), o de Doro, *Pouco Espaço com grandes ideais: os topônimos de Vila Nova*

Savóia (2000), e, mais recentemente, Carvalhinhos, *Hierotoponímia Portuguesa: de Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de Caso: as Nossas Senhoras* (2005), já citado neste trabalho. Todos estes trabalhos foram realizados na Universidade de São Paulo (USP).

Em Mato Grosso do Sul, registramos os seguintes trabalhos acadêmicos: *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-Mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos*, de Schneider (2002); *A Toponímia do Bolsão Sul-Mato-Grossense*, de Dargel (2003); *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*, de Gonçalves (2004); *Toponímia Sul-Mato-Grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*, de Tavares (2004), todos realizados na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, além de outras pesquisas em andamento, entre elas o Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul, que se encontra em fase final de conclusão e realizado por pesquisadores dessa universidade.

Os diversos estudos já realizados contribuíram para a consolidação da Toponímia como um das disciplinas da ciência lingüística, destacando a sua importância não só como fonte de informações dos aspectos relacionados à localidade, como também quanto aos níveis social, econômico, político e cultural de uma região.

4.2. O método de investigação da toponímia

Os instrumentos onomásticos, de um modo geral e dentre eles, de um modo particular, a Toponímia, são meios importantes de investigação lingüística, uma vez que

atuam como formas conservadoras da memória de um núcleo humano existente ou preexistente. Por serem particulares em determinados espaços, pontuam seus contornos características marcantes que os tornam segmentos ou referenciais desse todo.

Assim, a Toponímia, embora seja uma disciplina suscetível de ser estudada por outras matérias, é certo também que, em nenhuma outra posição, tomada isoladamente ou com exclusivismo, será possível atingir a plenitude do fenômeno toponomástico, em seu conjunto. Isso se dá porque, segundo Dick (1990, p. 16) “a Toponímia, antes de tudo, é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. A autora ressalta, porém, que dada à natureza eclética dessa disciplina, inicialmente, esse pensamento parece se chocar com o de estudiosos de nome como Charles Rostaing²⁴, para quem a Lingüística é o princípio essencial da Toponímia. Entretanto, segundo ela, nada existe de contraditório entre as duas posições já que em sua feição intrínseca, a Toponímia “deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas”.

Porém, é preciso lembrar que *antroponímia* é a ciência dos nomes de pessoas (*antropônimo*, nome de pessoa); *toponímia*, a ciência dos nomes de lugares (*topônimo*, nome de lugar). E a *onomástica*, a união destas duas ciências (termo empregado, às vezes erroneamente, como sinônimo de antroponímia). No entanto, esses dois ramos têm na Onomástica uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares, conforme pode se ver representado na figura a seguir:

²⁴ Esse estudioso francês escreveu a obra *Lês noms de lieux*. Paris. Presses Universitaires de France, 1958, p. 6 (Col. Que sais-je?) (DICK, 1990, p. 16).

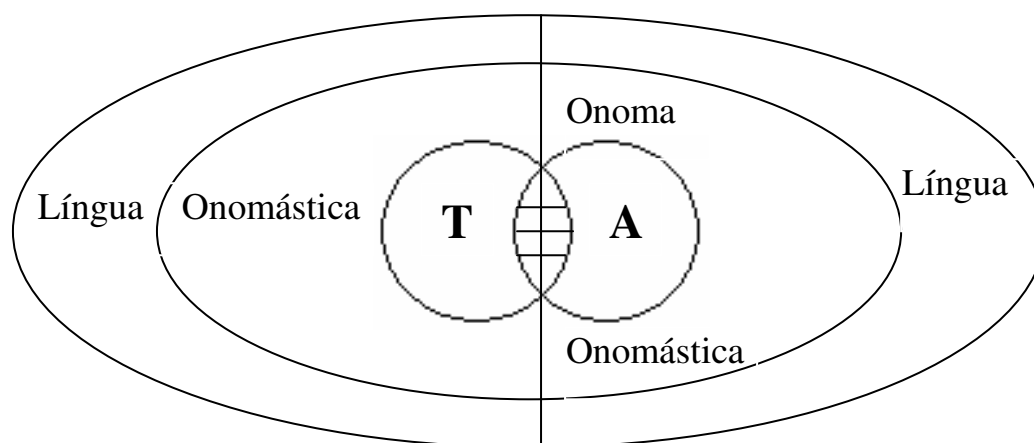


Figura 1 - Onomástica²⁵

Desse modo, Toponímia e Onomástica acham-se em uma verdadeira “relação de inclusão”, ou seja,

$$T \cap A$$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

Atualmente, as pesquisas envolvendo a onomástica, sobretudo as realizadas por Dick²⁶, que traçou um modelo teórico de análise e classificação dos topônimos que mais se adapta à realidade brasileira, apresentam uma mudança significativa, não só do corpo de estudos correlatos, mas, sobretudo da consideração do “nome”, objeto da ciência, em termos de sua funcionalidade descritiva ou narrativa. Antes de se buscar, prioritariamente, as influências aparentes do topônimo, por exemplo, em domínios específicos, como o geográfico, ou sua filiação genética a um sistema de língua,

²⁵ DICK (1999, p. 40)

²⁶ A pesquisa em questão está na publicação *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, já citada neste trabalho.

traçando o correlato esquema de incorporações e empréstimos, há a necessidade de se interpretá-lo como um designativo de outra grandeza.

O fato principal é que, antes de tudo, o topônimo é uma palavra como outra qualquer da língua, mas a partir de sua atualização, ou seja, quando de lexema passa a palavra, sua contextualização muda, pois o que era signo arbitrário passa a motivado (e icônico, segundo Dick, 1990, p. 18). Passa, ainda, da categoria gramatical de substantivo comum a próprio. Para a semiótica, serve ainda como elemento configurador de verossimilhança, na construção do espaço dentro de determinado discurso, ou seja, o topônimo não pode ser encarado apenas como elemento que ajuda, no discurso, a configurar o espaço: ele mesmo pode ser veículo de informação da idade, etnia e ideologia de denominador.

Segundo Greimas e Courtés (1979, p. 464):

Os topônimos, na qualidade de designações dos espaços por meio de nomes próprios, fazem parte da onomástica, subcomponente da figurativização. Juntamente com os antropônimos e os cronônimos, permite uma ancoragem histórica que visa a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido “realidade”.

Nessa perspectiva, para Carvalhinhos (2005, p. 71-72) a definição de topônimo, envolve outras três mais:

Elemento discursivo do nível superficial do discurso, sendo também elemento de figurativização e ancoragem histórica; *Lexema*, é primeiramente, uma palavra de língua (signo arbitrário que, pelos fenômenos discursivos, passa a motivado); *signo de língua*, não arbitrário, motivado (DICK, 1980), com conteúdo e expressão (Hjelmslev), significante e significado; *testemunho da oralidade*, como fala atualizada de um determinado enunciador, em um tempo passado, cristaliza, muitas vezes, formas de língua arcaicas (Dauzat).

Assim, percebe-se que o conceito de topônimo refere-se a outros discursos, outros textos (espaço, tempo, e pessoa, nos conceitos de topônimo, cronônimo e antropônimo), mas não se fala em um texto toponímico em si, construído a partir de vários outros elementos. O texto toponímico, na verdade, envolve vários elementos, sendo muito complexo, tais como: o mapa (texto visual), que contém informações que o rol de topônimos não oferece, se estudado isoladamente, sendo as divisões políticas, geográficas, históricas e até étnicas imprescindíveis para a verificação da natureza e motivação do signo toponímico. A disposição espacial dos topônimos se junta à expressão lingüística dos mesmos para revelar traços de significação como idade e procedência do topônimo, enquanto reflexo do denominador.

Ainda, segundo Carvalhinhos (2005, p. 72) o texto toponímico, como qualquer texto-objeto, pertence a um universo de discurso, estando sujeito a suas normas. O espaço não é o real, é um espaço manipulado pelo homem, filtrado por seus modelos culturais. O topônimo pode ser visto, então, como discurso manifestado de um destinador coletivo, o denominador – que, enquanto atuante desse processo, pode ser um indivíduo que representa politicamente uma comunidade; pode ser um grupo de habitantes do espaço em questão ou, ainda, um denominador anônimo, perdido no tempo.

De acordo com Dick (1990, p. 38),

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

Ainda, de acordo com essa autora (1990, p. 38-39), o duplo aspecto da motivação toponímica transparece, assim, em dois momentos:

- primeiro, na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o leva a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado *nome* para este ou aquele acidente geográfico; - e, a seguir, na própria *origem* semântica da *denominação*, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas.

A busca da motivação toponímica nada mais é do que verificar, no plano da semântica discursiva, os efeitos de realidade resultantes do texto toponímico. Ao se refletir sobre essa afirmação, verifica-se que os topônimos denominam acidentes físicos e antropoculturais, tendo sempre por trás um motivo do denominador e das razões que o levaram, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção, ou seja, a motivação envolve uma complexa interação das condições do indivíduo e do ambiente total em que se encontra.

Sobre a interpretação do texto toponímico/ onomástico, torna-se evidente que o mecanismo da sua construção se realiza por etapas. Entre os modelos propostos para a análise da estruturação do significado, um dos mais aplicados pela lexicologia, a partir da segunda metade do século XX, foi o estudo de Kurt Baldinger sobre a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico. De acordo com Biderman (2001, p. 199), para Baldinger (1966),

a onomasiologia representa a face das designações, ao passo que semasiologia representa a face das significações. Em outras palavras: um campo onomasiológico compreende todos os significantes (designações, nomes) de um dado significado. Inversamente, um campo semasiológico compreende todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (nome).

Figurativamente:

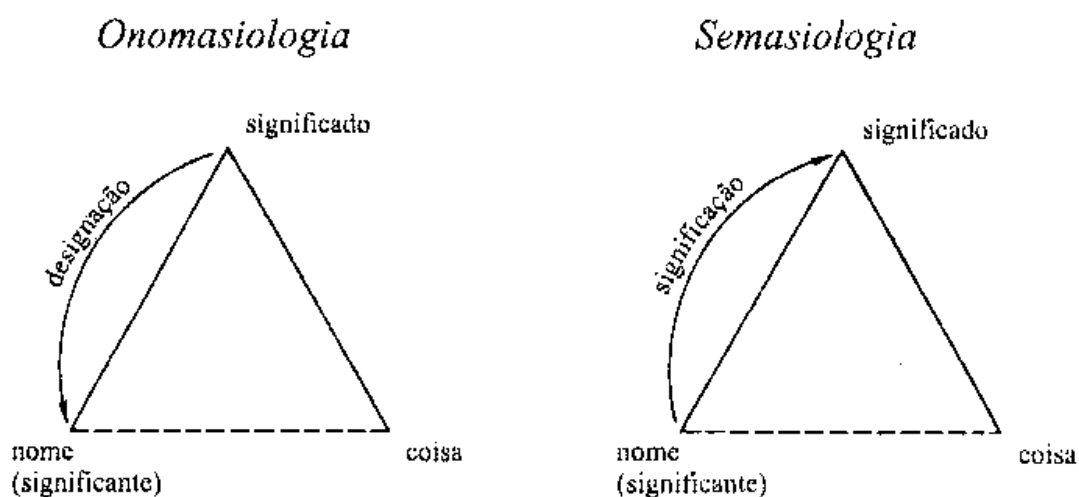


Figura 2 – Triângulo de Baldinger I

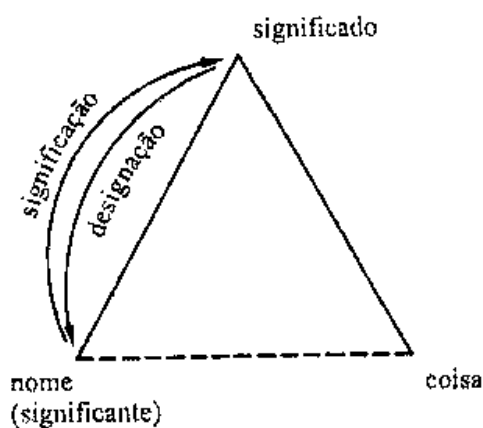


Figura 3 – Triângulo de Baldinger II

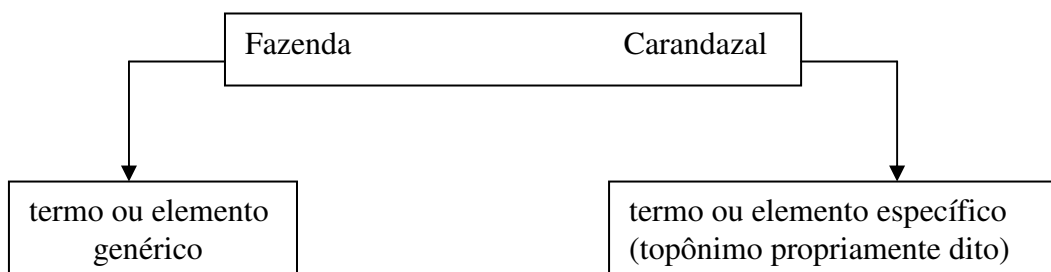
Assim, a Onomasiologia e a Semasiologia constituem dois tipos de enfoque do fenômeno léxico-semântico, opostos e complementares, ou seja, a passagem do plano onomasiológico da língua (designação) para o semasiológico (significação) é que permitirá a complementação do processo denominativo. Como diz Dick (1998, p. 102) “são momentos de construção de um conjunto, que caminham associadamente e ganham forma à medida que entendemos não ser possível isolar o sistema onomástico do campo

da linguagem”. Aquele se apóia neste, estando sujeito às mesmas condições de transformação ou de evolução registradas ao longo das épocas.

Porém, de acordo com Dick (1999, p. 9),

A coesão dos enunciados toponímicos e antroponímicos é mais difícil de ser intuída do que nas demais modalidades discursivas, considerando-se que cada um deles se reporta a uma entidade autônoma (tropos/ antropos). A logicidade das várias maneiras de identificação de qualquer zona física deve ser interpretada ponto a ponto, em cada um dos recortes lingüísticos que simbolizam o objeto nomeado. O texto onomástico²⁷ será construído, assim, linearmente, a partir de cada traço isolado; cada um deles definirá a estrutura de sua própria aplicação, e o conjunto de todos eles, por sua vez, definirá a ordem geral da paisagem ou do grupo de indivíduos no núcleo familiar, em termos de tendências ou comportamento.

Sobre a estrutura do signo toponímico, de acordo com Dick (1990b, p. 10), esta apresenta uma configuração binômica, ou seja, um *termo* ou *elemento genérico*, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o *elemento* ou *termo específico*, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes, conforme se pode ver na representação descrita a seguir:



²⁷ Dick se refere a *texto onomástico* e não toponímico porque o processo se dá, igualmente, nos dois ramos da Onomástica: Toponímia e Antroponímia.

Isso quer dizer que o elemento genérico designa o acidente físico ou antrópico determinado pelo topônimo. No caso de toponimização²⁸ o termo ou elemento genérico acaba sendo incorporado pelo elemento específico: podemos tomar como exemplo o município de Mato Grosso do Sul, exemplificativamente *Rio Verde* – de um rio cujas águas límpidas apresentam um aspecto esverdeado em razão do reflexo da luz solar sobre elas, surgiu o nome *rio* (elemento genérico) *Verde* (topônimo propriamente dito). A cidade provavelmente foi assim designada pela proximidade do curso d'água, e a incorporação da lexia *rio* ao elemento específico configura uma toponimização.

É importante lembrar que, na constituição do sintagma toponímico, esta pode ocorrer de forma justaposta (córrego das Antas) ou aglutinada (Paraúna, “rio negro”), conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve (DICK, 1990, p. 10).

Outras vezes, porém, por simples mecanismos designativos, não há elementos específicos nos “topos”. A função é exercida somente pelo termo genérico, que simultaneamente, engloba as duas categorias (a de determinado e a de determinante), como ocorre em “baía das Moças”, que dispensa qualquer qualificativo para nomeá-lo. Há, ainda, ocasiões em que o termo genérico vem acompanhado de algum qualificativo, que o explicita ou o descreve, como é o caso do topônimo de origem Caribe, “Penecurú”, que significa “água fria”, ou ainda em “Poduáua, ou “rio preto” e “Quecê-Uêne”, ou “rio branco”, ambos os topônimos são de origem aruaque (DICK, 1990, p. 11-12).

De acordo com Dick (1999, p. 137), no sistema onomástico há formas que se tornam mais visíveis que outras, ocupando um lugar nuclear na nomenclatura. Nas diferentes categorias nominativas levantadas no Brasil, tipos de unidades lexicais podem exercer o papel de uma “imantação” ou “translação semântica”, tornando-se o

²⁸ Conceito proposto por Dick, na sua tese de doutoramento “A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos”. USP, maio de 1980.

centro das referências. Podem ser interpretadas como matrizes ou bases toponímicas geradoras de outras tantas camadas de nomes, que retomam o mesmo modelo ou a mesma estrutura de formalização. Por exemplo: Etp: - el. ddo + el. dte = sb + adj; o que significa que a estrutura toponímica (Etp) é constituída de um elemento determinado (el. ddo. ou termo genérico) seguido de um elemento determinante (el. dte) (ou termo específico, propriamente dito); ou de um substantivo (rio) + adjetivo (grande) ou de um substantivo (rio) + um substantivo (cachoeira).

A estrutura toponímica comporta outras variações, conforme o termo seja simples, composto ou híbrido, e derivações: sb + sf. dim.; sb + mf. pl.; sb + conec. + adj; sb + sf. dim. + mf. pl.; sb + sf. aum., na seguinte resolução exemplificativa: lagoa / lagoa branca / lagoinha / lagoas / lagoinhas / lagoão / lagoa da saudade. Segundo Dick (1999, p. 139), o termo lagoa, na realidade brasileira, constitui-se em uma das formações hidrotoponímicas mais produtivas na nomenclatura, seja em sintagma simples (Lagoa) ou adjetival (sintagma composto) (Lagoa Azul), com conectivo (Lagoa da Prata), em derivados (Lagoão, Laguna, Lagoinha) ou em uso plural (Lagoas). O mesmo ocorre com outros termos de alta produtividade, conforme se pode verificar em Dick (1990, p.99-109). Segundo ela, a diversidade da paisagem física do território é, na prática, a responsável por esse processo seletivo de ocorrências variadas que, nem sempre, marcam áreas ou concentrações num só ponto, apesar do uso preferencial.

Dick (1999, p.139), ressalta, ainda, que nas línguas justapostas, como o português, os termos genéricos da nomenclatura geográfica permanecem por mais tempo no vocabulário ativo dos usuários. As dificuldades de segmentação entre eles e os termos específicos ocorrem mais nas línguas aglutinadas, como as nossas línguas indígenas, pelo amálgama existente nos elementos formadores, o que pode acarretar alterações na estrutura vocabular. Nestes casos, as perdas ou acréscimos indevidos de

componentes silábicos serão responsáveis por erros de interpretação, que acabam gerando uma cadeia defeituosa pela repetição da forma (Itaquaquetuba / Taquaquetuba).

Por fim, ao se analisar os signos toponímicos, deve-se atentar para o fato de que alguns deles são facilmente compreensíveis porque o semanticismo que sugerem ainda não se cristalizou; outros apresentam dificuldade dupla, seja quanto à origem etimológica da palavra ou quanto ao significado intrínseco. Esse é um fato comum no Brasil, principalmente quando se deparam com palavras oriundas de outros estratos de língua, presentes desde a colonização, cujas matrizes permanecem no léxico, apesar das transcrições deturpadas, em alguns casos.

4.3. As taxonomias toponímicas

Adotando um critério metódico de organização das idéias a serem desenvolvidas, procurou-se examinar as motivações toponímicas sob o ângulo do ambiente, físico e social, já que a denominação de lugares remete ao homem, em um determinado contexto antropológico. Tal postura encontra respaldo em Sapir (1961, p. 44) que diz não acreditar na força ambiental isolada, mas sim condicionada à força social:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Embora haja dois grupos de fatores ambientais, o fator físico só se reflete na língua quando, sobre ele, atuou a força social, ou seja, o surgimento de um símbolo lingüístico reporta-se à influência da parte social do ambiente, aos membros do grupo que nele interagem. Em um estudo toponímico tal fato é bastante evidente, já que no seu léxico se enxerga a cultura de um povo.

Para análise dos aspectos taxonômicos dos nomes de lugares, procurou-se seguir as taxonomias toponímicas sugeridas e adotadas por Dick (1990b, p. 31-34), que distribui em 27 taxes a sua classificação, traduzindo condutas motivadoras orientadas pela ordem física e antropocultural de suas ocorrências.

Vale lembrar que a terminologia dessas taxes²⁹ é composta de dois elementos: o primeiro elemento do sintagma tem por função a definição da classe genérica; o segundo, a procedência do campo de estudo específico. Assim, em zootopônimo, a palavra “zôo” revela uma filiação a elementos do reino animal; a segunda, “topônimo” refere-se à procedência do estudo específico.

4.3.1. Taxonomias de natureza física

4.3.1.1. Astrotopônimos

É a taxe utilizada para se referir a topônimos, cujos nomes remetem a corpos celestes, com ou sem luz própria: fazenda *Estrela*, fazenda *Sol Nascente*, etc.

4.3.1.2. Cardinotopônimos

É o nome dado ao topônimo quando este faz referência à posição geográfica: fazenda *Entre-Rios*, serra *do Norte*, etc.

²⁹ Para Dick (1990) o termo *taxe* corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos.

4.3.1.3. Cromotopônimos

Classifica-se o topônimo com esta taxa quando ele faz referência à escala cromática como, por exemplo, rio *Negro*, rio *Pardo*, etc.

4.3.1.4. Dimensiotopônimos

É quando o topônimo se reveste do sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade: rio *Pequeno*, morro *Alto*, etc.

4.3.1.5. Fitotopônimos

No processo de ocupação humana no país e, mais especificamente, na região do Pantanal, a vegetação constituiu um meio importante nos estudos toponímicos, dado o seu caráter referencial, na medida em que retrata o meio ambiente, aspectos da natureza. Entre os fitotopônimos pode-se ter, por exemplo, Fazenda *Carandá*, Fazenda *Bocaiúva*, etc.

4.3.1.6. Geomorfotopônimos

O estudo toponímico relativo às formas topográficas, seja no sentido de elevações ou depressões, permite que se observem aspectos do povoamento da região, do assentamento do homem no solo, devido, sobretudo, à procura de terras mais altas e ao abrigo das águas para a prática da pecuária, tais como: Barranco Alto, Morro Alto, etc.

4.3.1.7. Hidrotopônimos

Os cursos d'água são de vital importância para o homem e, no Pantanal, na grande maioria das vezes, serviu como guia para a navegação e ligação às outras regiões do país, como também à fertilidade do solo em decorrência do período das cheias.

Como exemplo desta taxonomia pode-se citar *Fazenda Corixão*, *Fazenda Baía Negra*, etc.

4.3.1.8. Litotopônimos

Enquadram-se nessa taxa os topônimos de índole mineral, *pedra*, *ouro*, *prata*, *cobre*, etc.; relativos também à constituição do solo, podendo ser representado por indivíduos, como *barro*; ou conjunto da mesma espécie, tal como córrego *Tijucal*, ou ainda de espécie diferente como em *Pedreiras*.

4.3.1.9. Meteorotopônimos

É quando o topônimo remete a idéia de fenômenos produzidos na atmosfera terrestre, entre eles, pode-se citar córrego *Trovão*, serra da *Ventania*, etc.

4.3.1.10. Morfotopônimos

Relativo aos topônimos cujo sentido lembra as formas geométricas, tais como: fazenda *triângulo*, lagoa *Redonda*, etc.

4.3.1.11. Zootopônimos

Entre as fontes motivadoras de topônimos é comum, no Brasil, a presença de animais, como em fazenda *Arara Azul*; e da mesma espécie em grupos, tal como ribeirão *da Boiada*.

4.3.2. Taxonomias de natureza antropológica

4.3.2.1. Animotopônimo ou Nootopônimo

Topônimos que abrangem áreas do psiquismo humano, indo além do meio físico, tal como em fazenda *Vitória*, fazenda *Alegria*, etc.

4.3.2.2. Antropotopônimos

São os topônimos relativos aos nomes próprios constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo, como em fazenda *Conceição*, fazenda *Lourdes*, etc. Caracterizam-se, principalmente, por nomear acidentes geográficos, evidenciando a noção de posse

4.3.2.3. Axiotopônimos

Quando o antropotopônimo vem acrescido de um título, como em fazenda *General*, *Presidente Prudente*, etc.

4.3.2.4. Corotopônimos

São os topônimos relativos a nomes de cidade, estados, países, tal como em fazenda *Piracicaba*, fazenda *Veneza*, estância *Brasil*, etc.

4.3.2.5. Cronotopônimos

São topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados em Toponímia pelos adjetivos *novo*, *nova*, *velho*, *velha*. Formam nomes de lugares que indicam a passagem do tempo, como em fazenda *Antigal*.

4.3.2.6. Ecotopônimos

Inserem-se nessa categoria, os nomes relativos à habitação em geral como Fazenda *Tapera*, Fazenda *Ranchinho* etc.

4.3.2.7. Dirrematopônimo

São sintagmas toponímicos constituídos por expressões cristalizadas, ou seja, sintagmas semantizados:, como em Fazenda *Pé-de-Ferro*, etc.

4.3.2.8. Ergotopônimos

São os topônimos que se referem a elementos da cultura material do homem. Nessa categoria estão somente os nomes que não deixaram transparentes a sua motivação: Fazenda *Sombrero*, etc.

4.3.2.9. Etnotopônimos

São os topônimos relativos a grupos étnicos, isoladas ou não, conforme se vê em Fazenda *Guarani*, Fazenda *Francesa*, etc.

4.3.2.10. Hierotopônimos

Nessa taxa, encontra-se a toponímia de origem religiosa, isto é, os nomes sagrados de diferentes crenças, locais de culto, membros religiosos, associações religiosas e datas relativas a esses fatos: Fazenda *Santa Cruz*, Fazenda *Bom Jesus*, etc. Apresenta duas divisões:

4.3.2.10.1. Hagiotopônimos

Inserem-se nessa categoria os topônimos referentes aos nomes de santos e santas da religião católica romana: Fazenda *Santa Clara*, Fazenda *Santo Antônio*, etc.

4.3.2.10.2. Mitotopônimos

São os topônimos referentes ou que recordam entidades mitológicas: Fazenda *Tupaceretã*.

4.3.2.11. Historiotopônimos

São os topônimos ditos históricos, que relembram a história do país, seus personagens e datas como, por exemplo, a presença dos *Bandeirantes*, *Tiradentes*, *Independência*, *7 de setembro*, etc.

4.3.2.12. Hodotopônimos

São os topônimos relativos às vias de comunicação rural e urbana, como em Lagoa do *Atalho*, *Caminho de Pedra*, etc.

4.3.2.13. Numerotopônimos

Topônimos relativos a adjetivos numerais: Fazenda *Sete Estrelas*, Fazenda *Quarto Centenário*, etc.

4.3.2.14. Poliotopônimos

Referem-se às taxes relacionadas aos aglomerados populacionais, tais como vilas, cidades, aldeias, povoados, etc., como em Fazenda *Aldeia*, *Vila dos Milagres*, etc.

4.3.2.15. Sociotopônimos

Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo como *praça*, *largo*, etc. como se pode ver em Fazenda *Piraquara*, Fazenda *Curral Velho*.

4.3.2.16. Somatopônimos

São topônimos empregados em relação metafórica e que têm seus nomes interpretados como designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou do animal, tais como em *Pé de Boi*, *Pé de Galinha*, *Dedo Grosso*, *Mão Quebrada*, etc.

II – SUBSÍDIOS HISTÓRICOS DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

Nesta parte do trabalho far-se-á a abordagem dos aspectos antropoculturais, econômicos, geográficos, históricos e de ocupação do Pantanal, bem como a sua estrutura fundiária, de forma a delinear o *modus vivendi* do homem que habita esta região, evidenciando o processo harmônico de interação entre homem e natureza. Posteriormente, apresentaremos especificamente o Pantanal de Mato Grosso do Sul, caracterizando individualmente cada uma das sub-regiões, que serão objeto de investigação deste trabalho.

1. Aspectos Antropo-culturais e econômicos do Pantanal

Os aspectos idílicos do Pantanal, visto como santuário ecológico, paraíso dos bois, cujas belezas nenhuma lente é capaz de captar em toda sua magnitude, já foram largamente comentados e fazem parte do reino das letras, do sonho e da fantasia. No entanto, quem nele vive e dele depende sabe o quanto é difícil adaptar-se a essa natureza inconstante e até certo ponto bravia. Para Nogueira (1989, p. 31):

O ecossistema pantanal não se completa apenas no conjunto harmonioso de sua avefauna e de sua flora variadíssima. De extrema importância para a manutenção do equilíbrio entre os elementos desse conjunto é o *homem* que nele habita, tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, pescador, garimpeiro, barqueiro, peão campeiro, peão praieiro, etc.

Assim, no contexto deste trabalho, chamaremos de *homem pantaneiro* não só o elemento nativo do Pantanal, mas também aquele que nele habita há mais de quinze anos, absorvendo, durante esse longo processo de aprendizagem, integração e assimilação os hábitos e costumes típicos da região, de modo a constituírem o que chamamos de *cultura pantaneira*, na qual pode-se observar a contribuição dos vários elementos étnicos que para lá vieram ou já o habitaram: o índio – primeiro habitante da região; o português – através do mameluco paulista e, mais tarde, os gaúchos, os goianos, os mineiros, o negro – trazido para a mineração e para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, sem contar as influências exercidas pelo relacionamento com os países vizinhos: Bolívia e Paraguai, sendo que deste último recebeu influência mais marcante, decorrente da intensificação dos movimentos migratórios dos “brasiguaios”³⁰

A região do pantanal caracteriza-se pela presença das enormes fazendas, onde o gado de corte é criado à solta, nas invernadas, constituindo a grande força da economia regional. Inúmeras destas propriedades, principalmente as maiores, são administradas por gerentes ou capatazes, que substituem a presença do patrão, que lá aparece uma vez por mês e quase sempre de avião ou de caminhonetes, apenas para se inteirar das atividades desenvolvidas.

Assim, mantém-se viva a estrutura social do pantanal, que apresenta a seguinte configuração hierárquica: de um lado, o patrão – proprietário, a grande maioria, de mais de uma fazenda, geralmente localizadas em sub-regiões ou pantanais diferentes, com sua cultura refinada de homem da cidade, habituado à tradição e costumes burgueses. De outro, a simplicidade e rusticidade do peão, cujos conhecimentos e

³⁰ A denominação "brasiguaios" refere-se principalmente a trabalhadores agrícolas brasileiros que se reproduzem na República do Paraguai (Zaar, 2001, p. 13).

costumes se baseiam em um *saber* e em um *fazer* empíricos, adquiridos oralmente, através de seus antepassados. No entanto, nos últimos tempos, essa configuração social e cultural tem apresentado algumas alterações em razão de novas populações que buscam a região, constituídas por novos proprietários oriundos dos Estados do Sul e Sudeste do país, que adquiriram partes das antigas fazendas, fato que vem alterando grandemente antigos hábitos e costumes típicos, que, de certa forma, mantinham um relativo grau de homogeneidade cultural entre patrão e peão.

Segundo Corrêa Filho (1955, p. 139):

Era comum os proprietários terem o mesmo nível de instrução dos empregados, bem como hábitos e costumes igualmente humildes, pois mantinham laços de cordialidade consolidados, muitas vezes, pelas relações de compadresco.

Atualmente, essa relação é diferente. Em grande parte das fazendas, sobretudo nas maiores, as relações entre patrão e empregado são formais. Há um grande distanciamento entre eles. Os empregados não conhecem o proprietário, pois só tratam as questões de trabalho com o gerente, o administrador ou mesmo com o capataz de campo, estando ao último imediatamente subordinados. Essas fazendas são verdadeiras empresas, possuem escritórios de representação nas sedes dos municípios onde se localizam, ou na capital do Estado. No início de cada mês, os empregados se deslocam até a cidade para receberem seus salários e também para efetuarem as “despesas do mês”. Entretanto, alguns deles, preferem se abastecer no armazém da própria fazenda, e o valor dessas compras são descontados no salário.

Outro fator importante a ser destacado é com relação à moradia dos empregados dessas fazendas. Segundo Nogueira (1989, p. 79), há duas situações: alguns empregados, sobretudo aqueles que têm filhos em idade escolar, optam por manter a

família morando na cidade, onde a mulher acaba trabalhando como empregada doméstica, a fim de completar a renda familiar. Outros, preferem morar na própria fazenda, próximos às sedes, nas vilas ou “ranchadas”³¹, cujas casas são habitações simples, quase sempre de madeira ou alvenaria, ou ainda, pequenas construções bastante rústicas cobertas de folhas de buriti e paredes de troncos de árvores nativas. As primeiras são construídas pelos proprietários e cedidas aos empregados, as segundas são erguidas pelo próprio empregado. Assim, no Pantanal, coexistem dois tipos de configuração sociocultural: de um lado, o poder econômico, acumulado nas mãos dos proprietários; e, de outro, a visível pobreza dos “peões” ou “trabalhadores rurais”, que se assemelham aos escravos do Brasil Colonial, em razão da dependência econômica.

O habitante do Pantanal, vivendo num ambiente marcado pela alternância de secas prolongadas e as grandes enchentes, que nem sempre ocorrem com a regularidade que se espera, aprendeu ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas na interpretação dos fenômenos naturais. Segundo Nogueira (2002, p. 31):

Embora usando métodos diferentes, pode-se dizer que o pantaneiro é, ao mesmo tempo, um botânico, um zoólogo, um astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com a qual aprendeu a conviver, no dia-a-dia. [...] E, assim, observando o comportamento dos animais, da flora, dos astros visíveis a olho nu, chega a avaliar as condições atmosféricas propícias às enchentes e aos estios mais ou menos intensos, tirando conclusões sobre muitos outros modos de agir em relação ao manejo da criação, ao seu tratamento, ao uso da medicina caseira, ao plantio, à colheita, etc.

Em razão das diversas influências a que aludimos anteriormente, o homem pantaneiro possui uma cultura variadíssima, resultante da herança do índio, do branco colonizador e dos vizinhos Bolívia e Paraguai. Do índio, veio o costume de dormir em redes, de tomar banhos em rios e corixos, de andar a cavalo, de locomover-se

³¹ Conjunto de ranchos que formam uma vilinha de peões (Nogueira, 2002, p. 150).

(nomadismo), certas desconfianças e cismas, de falar pausadamente e de narrar com aquela faculdade de síntese tão característica dos simples, o respeito pelos animais, a utilização de canoas, a mania de botar fogo no pasto, o desgosto pela enxada e pelo trabalho nas lavouras (o sedentarismo), o costume das festanças, o gosto pelo milho e pela mandioca, o conhecimento de sementes e raízes, dentre outros. Do branco colonizador absorveu a maior quantidade de crenças em entidades sobrenaturais, entre elas o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o pé-de-garrafa – figuras mitológicas de bichos, que foram mescladas com a do Mãozão (uma espécie de pai-do-mato) dos índios. A influência paraguaia é notória nos traços fisionômicos de alguns vaqueiros. Atuou, também, na culinária e na música. Na música deixaram as guarânias, as polcas, os chamamés. Na culinária deixaram o puchero (espécie de cozido), a sopa paraguaia (tradicionalmente apreciada na Semana Santa), a chipa (rosca feita de queijo e polvilho) e também o hábito de tomar tereré³². Da Bolívia vieram as contribuições entre as quais o arroz boliviano, um tipo de risoto, preparado com ervilha, banana-da-terra frita, pedaços de galinha e grãos de milho verde. E, ainda, a salteña, que é um tipo de pastel feito de carne ou de galinha, preparado com azeitona, (NOGUEIRA, 2002, p. 38).

Há, ainda, as festas, que muitas vezes duravam vários dias, acompanhadas de churrasco, mandioca, tereré, carreiradas³³ e bailes. Hoje, essas festas praticamente desapareceram, poucas são as fazendas que ainda cultivam a tradição de festejar os santos como São Sebastião (padroeiro dos criadores), Santo Antônio, São João, São Pedro e outros. Verifica-se, também, a influência do “pop” sertanejo, muito apreciado entre os habitantes do Pantanal, através dos programas de rádio que chegam às fazendas, ou mesmo, em algumas localidades, pela televisão via antena parabólica (NOGUEIRA, 2002, p. 42).

³² Bebida refrescante, tomada com auxílio de bomba de metal, introduzida no centro do recipiente, onde se coloca a erva-mate e a água fria ou gelada, (Nogueira, 2002, p. 151).

³³ Corrida de cavalos em cancha própria. Variante lexical: carreira. (Nogueira, 2002, p. 146).

O trabalhador rural do Pantanal ou “peão”, como é comumente chamado, em razão do tipo de atividade que exerce, aprende desde cedo a enfrentar situações inesperadas, sempre atento a todas as transformações do seu *habitat*. É quase sempre nômade, pois a lida com o gado nos pastos, a condução das boiadas de uma localidade a outra, obrigam-no a estar sempre se deslocando de uma região à outra, principalmente durante as cheias ou mesmo durante o período de grandes estiagens, quando o pasto fica completamente seco e o gado precisa ser mudado de lugar, em busca de melhores pastagens e água.

Segundo Nogueira (2002, p. 39) o autêntico vaqueiro dos pantanais, embora tristonho e até consciente do seu destino parco, não perde o humor e a velada ironia. Vive fazendo gracejos, desconfiado, zomba de sua própria situação e da dos companheiros. Especialista em colocar apelidos, encontra sempre oportunidade de mostrar seus préstimos, inventando cognome para todo mundo, como: João Bala, Polícia, Ministro, Bigode, Paraguaio, Manga Larga, Bugre, João Meia Barba, etc.

Ainda, de acordo com Nogueira (2002, p.43):

Embora possam ser encontradas no pantaneiro diversas características comuns ao tipo humano vivente de um território indefinido, com formas próprias de fala e visão de mundo, na verdade, o caboclo dos pantanais transcende aos moldes pré-concebidos pela cultura urbana, para elaborar o perfil do caipira [...] modelo consagrado pela caricaturesca versão de Monteiro Lobato. [...] Poder-se-ia dizer, talvez, que o vaqueiro típico do pantanal aproxima-se mais do sertanejo de Inocência, descrito por Taunay, como forte e hospitaleiro. Enfim, as condições de vida do Pantanal não condizem com hábitos sedentários, ingenuidade ou falta de iniciativa. Só se pode, portanto, incluir o pantaneiro dentro do conceito de caipira, após algumas reformulações e/ou ampliações desse mesmo conceito.

De um modo bem sucinto, este é o complexo ambiente antropocultural do pantaneiro, que se desenvolveu durante um longo processo de aprendizagem, integração

e assimilação e foi se somando, de modo a constituir o que chamamos de “cultura pantaneira”.

Em relação ao aspecto econômico, a base da economia do Pantanal é a pecuária de corte extensiva, com aproximadamente dez milhões de cabeças de gado que se concentram nas fazendas pantaneiras. Em Corumbá, é encontrado o maior rebanho bovino do Pantanal e este visa abastecer os frigoríficos do Oeste de São Paulo (Araçatuba, Barretos, Presidente Prudente...), já o gado de corte criado em Cáceres - Mato Grosso, é predominantemente exportado para o Mercado Comum Europeu.

A pesca é outra atividade econômica importante, existente graças ao estado de conservação do ambiente. Segundo Calheiros e Fonseca Jr. (1996, p. 24), o potencial de produção pesqueira pode ser estimado entre 14.000 a 263.000 toneladas/ano, em função de 43.850 km² de áreas inundáveis, consideradas de importância para a ictiofauna. Essa atividade mantém cerca de 3.500 pescadores profissionais e de subsistência e impulsiona o turismo da região através da pesca esportiva. A beleza cênica da região também contribui para tornar o turismo uma atividade de importância econômica e social, tanto que hoje já é considerada a segunda maior fonte de renda da região. Entretanto, o aumento significativo do fluxo turístico para a região, além de ter contribuído para o crescimento da infra-estrutura necessária ao atendimento dos visitantes, contribuiu para a ampliação das áreas de acesso ao pantanal, como a BR-262 entre Miranda e Corumbá e a rodovia Transpantaneira, que liga Corumbá à Cuiabá. A construção dessas duas vias de acesso ao Pantanal, sobretudo a segunda, até hoje causa polêmica em razão da exposição do ecossistema pantaneiro às atividades humanas.

Merece destaque, também, a atividade econômica da mineração, representada pelos Maciços do Urucum, localizado a 25 km do município de Corumbá, que é composto sobretudo por arcósios, protegidos em seus altos por camadas de jaspilito que

intercalam outras de hematita compacta e criptomelana, estas constituindo a mais importante jazida de manganês do hemisfério, segundo dados de Souza (1973, p. 94).

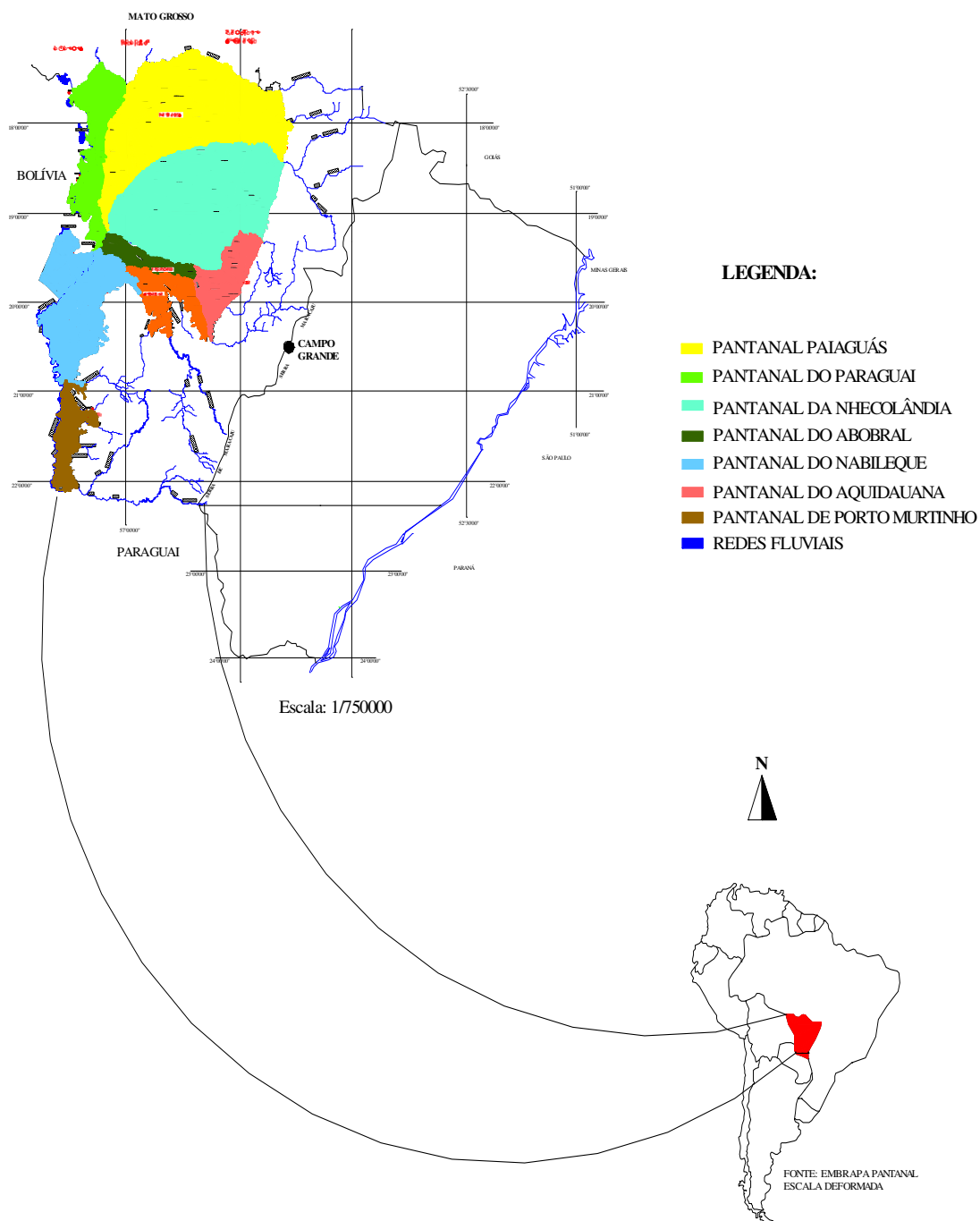
De acordo com Sant'anna Neto e Vesentini (1998, p.12), a agricultura no Pantanal se caracteriza apenas como uma atividade complementar à pecuária. Prevalece a agricultura de subsistência, onde se destaca a produção de mandioca, milho e arroz, este plantado em áreas alagadas. Nos últimos anos, as Universidades da região e a Embrapa têm desenvolvido pesquisas com o objetivo de viabilizar o plantio e a criação de animais que se adaptem melhor às condições ambientais do Pantanal, como por exemplo, o arroz do tipo brejeiro (que necessita de muita água e ambiente alagado) e a criação de jacarés em áreas confinadas.

2. Aspectos Geográficos, Históricos e Ocupacional do Pantanal

O Estado de Mato Grosso do Sul, por apresentar configurações históricas, geográficas e etnoculturais diversas, propicia o desenvolvimento de variantes lingüísticas típicas, motivadas por diferentes modos de interferência, onde se destacam as sucessivas e constantes migrações, bem como a vizinhança amistosa com dois países latinos americanos: a República do Paraguai e a Bolívia, com quem se mantêm um regime sistemático de trocas comercial e cultural. Dentro desta configuração, destaca-se o Pantanal, significativa área morfogeográfica, cujas peculiaridades ultrapassam tanto as expectativas de pesquisadores quanto as fronteiras do próprio Estado e mesmo do País.

A região do Pantanal ou Chaco³⁴, como é denominada no Paraguai, localiza-se numa imensa depressão no extremo norte da planície Platina, no centro da América do Sul, situada geograficamente entre os paralelos 15°45' a 22°15' de latitude Sul e os meridianos de 54°45' a 58° de longitude Oeste, abrangendo três países: Brasil, Bolívia e Paraguai. Na região Centro Oeste do Brasil, o Pantanal abrange 140.000 km², sendo que 63% de sua área estão no Estado de Mato Grosso do Sul e 37% no estado de Mato Grosso (Calheiros ; Fonseca Jr., p. 12-13), conforme se pode ver no Mapa 1. , na página seguinte.

³⁴ “A palavra chaco vem do idioma quíchua, ainda hoje falado pelos indígenas da região, e significa terra de caça. O Chaco é um imenso descampado dominado por bosques baixos e de vegetação de savanas, estendendo-se da Bolívia, a noroeste, até o Paraguai, a sudoeste”. Os rios: o domínio das águas (http://www.virtuallink.com.br/guiapantanal/os_rios.asp, acessado dia 19/12/2004)



Mapa 1 - Articulação do Pantanal Sul-mato-grossense no contexto da América do Sul

De acordo com Sant'anna Neto e Vesentini (1998, p.7) a denominação “pantanal” para o Pantanal mato-grossense não corresponde às definições encontradas na maioria dos dicionários, pois a região não se assemelha a um pântano, muito menos a

um brejo, charco ou lamaçal de águas estagnadas. Na verdade, segundo Bertelli (1984, p. 23), até 1850 o sertão alagado não era denominado *Pantanal* e sim *Melgaço*³⁵, tanto que a Corte Portuguesa concedeu a Augusto João Manuel Leverger – considerado o primeiro explorador científico do Pantanal – o título de Barão de Melgaço. Ainda segundo Bertelli (1984, p. 23) foi Hercules Florence o primeiro a definir esta área do Mato Grosso com a denominação “pantanal”, conforme se encontra registrado em seu diário, à página 99, com data de 28 de abril de 1827, por acreditar que a denominação pantanal seria mais apropriada para a região, uma vez que ela não apresenta as características conforme o sentido europeu. Na verdade, a denominação usual de “Pantanal” baseia-se no fato de a área ser freqüentemente alagada pelas águas de superfície, pois cerca de 100.000 km² da área pantaneira chegam a ficar inundadas no período das cheias, fato que levou a primeira expedição espanhola a denominá-la *Mar de Xaraiés*, em homenagem ao grupo indígena ali encontrado. O equívoco foi desfeito após a constatação da inexistência de mar na região; no entanto, a imensidão de águas ali encontrada pode ser explicada, principalmente, pela baixa altitude da depressão do Pantanal (entre 80 a 150m acima do nível do mar) e pela pequena declividade, que provoca a lentidão do escoamento das águas pelo Rio Paraguai e, depois, pelo Rio Paraná até atingirem o Oceano Atlântico, já fora da região do Pantanal, (Calheiros e Fonseca Jr, 1996, p. 13).

Assim, no Pantanal tudo depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, levam o homem a ter necessidade de mudanças nas grandes enchentes, modificam os solos, obrigam as aves a migrarem para outros lugares do planeta, empurrando o gado para cima das cordilheiras³⁶, quebram a monotonia da

³⁵ O vocábulo português “melgaço” significa pântano na expressão e sentidos europeus. “Melgas” são as águas lodosas onde proliferam as moscas (BERTELLI, 1984, p. 23).

³⁶ Cordilheiras são pequenas elevações do terreno situadas geralmente entre “baías” e em média com dois metros acima do espelho de água das mesmas. Constituem áreas quase nunca alagadas, sendo atingidas

planície, ilhando muitas fazendas, obrigando ao emprego de canoas que substituem os cavalos para conduzir a criação aos lugares mais altos e, portanto, livres do desespero das águas, conforme nos relata Corrêa Filho (1946, p. 38):

As atividades humanas se diferenciam dos congêneres em outras paragens. A adaptação dos processos de trabalho, de meios de sobrevivência, de hábitos de vida às condições climáticas regionais, distinguem perfeitamente as fazendas pantaneiras de criação de quaisquer outras do planalto.

Entretanto, como nos relata Esselin (2003, p. 62):

O sistema ecológico do Pantanal, as enchentes e inundações tem seus aspectos benéficos: transportam materiais erodidos das regiões tributárias, refertilizando o solo, mantendo a umidade da superfície, limpando os campos e eliminando as pragas. Durante a vazante, quando as águas descobrem os campos, o Pantanal se transforma em um tapete verde; as pastagens se renovam e brotam as gramíneas e outras forrageiras de alto valor nutritivo.

O clima da região é quente e úmido no verão, frio e seco no inverno. A temperatura no verão pode atingir 40,6° C e no inverno baixar para 0,8° C, ocasionalmente. Os meses mais chuvosos vão de novembro a março, sendo dezembro e janeiro o zênite destas precipitações, cuja média anual é de 1.000 a 1.400 milímetros. O restante do ano passa secando ou seco, dependendo do grau da enchente. A alternância de períodos úmidos e quentes com os de seca e frio não deixa também de condicionar os agrupamentos humanos, (CALHEIROS e FONSECA JR, 1996, p. 23).

A vegetação do Pantanal apresenta diferentes tipos de florestas estacionais de terras altas e de terras baixas, aluviais, chaquenhas³⁷, bem como variadas espécies de

apenas durante cheias excepcionais, servindo de sítios para as sedes das fazendas e de abrigo à fauna silvestre e ao gado. (NOGUEIRA, 1989, p. 32).

³⁷ Na região do Pantanal denominada “chaquenha” não ocorrem inundações, pois os córregos são pouco alimentados nas cabeceiras, localizadas nos altiplanos andinos, onde raramente chove, ao contrário da realidade da região pantaneira do Brasil. Os rios: o domínio das águas (http://www.virtuallink.com.br/guiapantanal/os_rios.asp, acessado dia 19/12/2004).

savanas, cerrados, campos de matas e pastagens naturais. Toda a variada gama de vegetação, de solo e de relevo; a alternância do ciclo das águas; o clima e insolação proporcionam uma ambiência favorável a uma produção alimentar notável, tanto no plano visível quanto no de microvidas, (CALHEIROS e FONSECA JR, 1996, p. 23).

A sua localização também é fundamental para a formação do ecossistema ali encontrado: é enorme a variedade de espécies vegetais, pois o Pantanal une características do cerrado, dos terrenos alagadiços e ainda espécies comuns da Floresta Amazônica. Por esta razão, a fauna local também é bastante variada – ambos os aspectos caracterizam, portanto, o que é chamado de “Complexo do Pantanal”, cuja característica da variedade de espécies faz da região um dos mais singulares ecossistemas do planeta. Para Calheiros e Fonseca Jr.(1996, p. 17) “o Pantanal é um grande ecótono, isto é, uma região de alta produtividade e alta diversidade ecológica, por ser uma zona de transição entre sistemas aquáticos e terrestres”.

É importante lembrar, porém, que a duração e a altura da inundação contribuem para a singularidade da flora pantaneira, que já se encontra relativamente bem conhecida pela notável riqueza e abundância de espécies, distribuídas em plantas aquáticas, de banhado, mata ciliar, campo limpo, cerrado e, até mesmo, de caatinga. Nas áreas de cerrado e campo limpo destaca-se o espetacular colorido dos ipês – árvores de porte médio a grande – com suas flores que vão desde o branco e amarelo até o roxo e róseo, que dividem a beleza com as acácias, unhas-de-vaca e dezenas de outras espécies que, durante o ano inteiro, criam um visual de formas e cores.³⁸

A combinação de fatores acima descritos cria condições ideais para a reprodução de animais. É, portanto, justificável que o Pantanal concentre a maior densidade faunística da América. Distribuem-se harmoniosamente na área duzentas e sessenta e

³⁸ <http://parqueregionaldopantanal.org.br/território/flora.php> (acesso dia 19/12/2004).

três espécies de peixes catalogados, que são recursos ecológicos importantes para essa região como compartimento biótico do sistema, ou seja, constituem alimento sazonal em torno do qual há uma concentração de aves, que se agregam em vazantes³⁹ ou baías⁴⁰, para se alimentarem, ou em ninhais, colônias de reprodução em comportamento cooperativo para onde os pais trazem o alimento, geralmente peixes, e onde se congregam também grandes quantidades de predadores que se aproveitam da oferta de alimento (filhotes de aves que caem dos ninhos), como sucuris, jacarés, lobinhos, coatis e outros oportunistas.⁴¹

Entre as diversas concentrações de espécies, na região, considerada como um dos grandes centros de reprodução do mundo, podem-se encontrar algumas espécies símbolos do Pantanal, como o tuiuiú e o cervo-do-pantanal; outras espécies, que lá é possível observar a sua beleza e comportamento característico, como lontras, ariranhas, maguaris, garças, colhereiros, que fazem do Pantanal um nicho ecológico de valor inestimável para a população mundial.

No tocante ao aspecto histórico da região pantaneira, segundo Esselin (2003, p. 87), entre as inúmeras hipóteses existentes sobre o aparecimento do homem no Pantanal, há aquela de terem sido polinésios que deixaram suas terras em frágeis embarcações, cruzaram o Pacífico e chegaram às costas da América do Sul. Daí, atravessando as montanhas nevadas dos Andes, dirigiram-se ao planalto, para depois seguirem em direção Leste, uns alcançando os pampas sulinos, outros, o Pantanal.

³⁹ As “vazantes” compreendem as amplas depressões situadas entre “cordilheiras”. Na época de enchente essas depressões servem de escoadouro entre “baías”, adquirindo o caráter de curso fluvial intermitente, com vários quilômetros de extensão. Em período de estiagens muitas vazantes têm caráter perene, cuja situação está ligada provavelmente à proximidade do lençol freático, aflorante a poucos metros da superfície, (NOGUEIRA, 2002, p. 151)

⁴⁰ As “baías” são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal, (NOGUEIRA, 2002, p. 144).

⁴¹ <http://parqueregionaldopantanal.org.br/território/fauna.php> (acesso dia 19/12/2004).

Segundo Martins (1992, p. 25), apesar de existirem controvérsias sobre o aparecimento humano nas terras do Pantanal, é indiscutível que, desde remotas eras, povos pré-históricos vincularam-se à Bacia do Paraguai, atraídos pelas condições mesológicas favoráveis, deixando a marca indelével de sua passagem em desenhos nas rochas e nos fósseis humanos, nas cerâmicas e vários tipos de utensílios que foram encontrados por pesquisadores da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da UNISINOS – Universidade do Vale dos Sinos, que foram os primeiros a desenvolverem projetos de pesquisa na região. Segundo eles, estes materiais datam de aproximadamente sete mil anos; entretanto, os dados ainda não são conclusivos, mas certamente nos trarão revelações sobre a ancestralidade dos nossos índios.

Sejam quais forem os caminhos percorridos pelos homens pré-históricos que chegaram ao Pantanal, o certo é que os índios⁴², entre eles os Guaicuru, os Paiaguá, os Guató, os Kadiwéu, os Terena, os Guaná, os Ofaié, entre outros, iniciaram a história da ocupação humana no Pantanal, onde viveram durante séculos uma vida errante e livre. A partir do século XVI a região começou a ser trilhada por elementos estranhos aos nativos. Segundo Martins (1992, p. 27), o espanhol Aleixo Garcia foi, sem dúvida, o primeiro europeu a adentrar o território de Mato Grosso do Sul, através do rio Miranda com o rio Paraguai, em 1524, encontrando o Pantanal povoado pelas tribos indígenas já referidas acima que, em sua maioria, eram pertencentes ao grupo Guarani.

Os espanhóis, a partir daí, iniciaram uma tênue colonização da área, que não chegou a durar um século em razão da descoberta das minas de ouro e prata no México e Peru, que desviou a atenção dos castelhanos para aquelas regiões, fato que levou ao desaparecimento da colonização, como exemplo a vila de Santiago de Xerez, destruída pelos bandeirantes paulistas em 1625, que para lá foram com o propósito de capturar

⁴² Segundo Martins (1992, p. 30), de acordo com as normas da ABA – Associação Brasileira de Antropologia, não se usa o plural para nomes de tribos indígenas. Estas podem ser escritas no singular.

índios para as lavouras do litoral brasileiro e, também, possivelmente para examinarem a vasta região antes de lhe promoverem a ocupação.

Assim, os bandeirantes paulistas foram alcançando áreas que pelo extinto Tratado de Tordesilhas deveriam pertencer à Espanha. De acordo com Sant'anna Neto e Vesentini (1998, p.32), mais tarde, no início do século XVII, com a descoberta de ouro nas margens do rio Coxipó, os bandeirantes transformaram-se em mineradores e se deslocaram para a região onde hoje se encontra Cuiabá, fazendo com que houvesse uma diminuição nas penetrações ao Pantanal.

Segundo Sant'anna Neto e Vesentini (1998, p.11-12), os indígenas, auxiliados pelos espanhóis da região do Prata, que não viam com bons olhos a expansão luso-brasileira para a oeste, promoveram inúmeros ataques às expedições realizadas na época. As providências tomadas pelo quarto Governador da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, o Capitão-General Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, que a governou de 1772 a 1789, foram de suma importância para a ocupação do solo ao determinar a construção de fortes militares, de modo a assegurar o domínio da margem direita do rio Paraguai, o que vale dizer a posse integral do rio, bem como a concessão de sesmarias, onde se criava o gado bovino de maneira primitiva e tirando proveito da riqueza natural das pastagens.

De acordo com Proença (2003, p. 21)

Terminada a fase de consolidação de fronteiras, constituídos os povoados, fundados os fortes, feitas as manobras para apagar a chama guerreira dos índios Paiaguás, e ainda devido à decadência das lavras auríferas que facilmente se exauriram, era necessário incrementar outra atividade econômica na imensa planície pantaneira: a pecuária.

Assim, o ciclo da pecuária, efetivamente inicia-se por volta da segunda metade do século XVIII, associado à política de ocupação do solo e, conseqüentemente, a implantação dos primeiros núcleos populacionais, como o de Albuquerque em 1778, que haveria de se transformar na cidade de Corumbá, e o de Miranda em 1797, que deu origem à cidade do mesmo nome, conforme Corrêa Filho (1946, p. 131) “de Cuiabá e da estrada de Vila Bela irradiou-se a onda povoadora, acompanhando os cursos d’água”.

Ainda, segundo Corrêa Filho (1946, p. 132),

Então, o desbravador-pioneiro, ao invés de subir a região do Guaporé, desceu. Desceu e foi se expandindo em lavouras de cana-de-açúcar e criação de gado, povoando as sesmarias mais próximas à faixa ocupada, procurando estabelecer-se no planalto, em terras consideradas de lavouras e, naturalmente, situadas próximas às vilas onde antes haviam proliferado as minas de ouro.

A decadência do ouro nas minas de Cuiabá e muitos outros fatores motivaram a migração de cuiabanos, paulistas e portugueses para os campos nativos do Pantanal, propícios à criação de gado. Teve início a fase de instalação dos primeiros latifúndios,

Conforme nos relata Proença (2003, p. 23):

Assim foi que o Vale do Aricá, tributário do Cuiabá, acolheu, entre os sesmeiros, a Francisco Correia da Costa, pai de Antonio Correia da Costa, cujas propriedades se dilatavam até o São Lourenço e o rosário de baías, do Félix, das Pombas, dos Pássaros, que se abrem de um a outro rio. Assim foi que os Paes de Barros chegaram às usinas do Itaici e Conceição. Assim foi que Leonardo Soares de Souza e a família Pereira Leite se aproximaram das terras da Jacobina e Descalvados; que os Costa Marques, os Nunes Rondon e os Arruda se fixaram no pantanal do município de Poconé; e que muitos outros formaram os condomínios poconeanos. Já os Metelo vieram povoar o Pantanal do Alegre, das margens do São Lourenço até o Piquiri. Os Gomes da Silva, representados pelo Barão de Vila Maria, assenhoraram-se de grande porção dos pantanais do Taquari, do Paraguai, Nabileque, Jacadigo; onde, em Piraputangas, no pé da Serra do Urucum, O Barão manteve importante estabelecimento agropastoril. E os Rondon chegaram ao Pantanal do Rio Negro; os Alves Corrêa atingiram os vales do Aquidauana e Miranda; os Alves Ribeiro preferiram o vale do Taboco; os Amaral foram para o Jacadigo, os Dias Lemos para o Abobral e os Ferraz e Alves de Arruda para o Porto Murtinho.

Foi assim que a região denominada pantanal foi sendo ocupada, com a força e o sacrifício dos desbravadores-pioneiros, tanto que, em pouco tempo, as cabeças de gado já eram contadas aos milhares.

No entanto, segundo Rossi, (2003, p. 31) a questão da integração das dilatadas terras da província do Mato Grosso foi um problema desde os tempos coloniais, a isso veio se somar a questão de suas extensas fronteiras com países vizinhos e as sucessivas disputas ocorridas. Essas questões foram solucionadas em parte com o fim da Guerra do Paraguai, que durou cerca de seis anos (1864-1870), na qual o Brasil foi o vencedor integrando e comandando a Tríplice Aliança, obtendo então o Império soberania sobre a região.

Mas por outro lado, essa guerra também demonstrou ao Império do Brasil o quanto eram precárias as comunicações e como era difícil manter a soberania sobre a região.

Dentre as várias conseqüências que resultaram da guerra com o Paraguai devemos comentar o extremo impacto na vida dos habitantes da província. Principalmente no sul do território onde a invasão e ocupação praticamente destroçaram as fazendas e vilas existentes. Na região sul e do pantanal, as mais atingidas pelo conflito, a devastação levou a uma interrupção da produção econômica. O seu já pequeno contingente populacional foi quase anulado. Para Rodrigues (1985, p. 96) a invasão paraguaia, apesar dos estragos que causara, foi um benefício, pois despertou nos governantes e na mentalidade de todos os brasileiros a necessidade inadiável de sua definitiva integração.

Com a definição das linhas fronteiriças entre Brasil e Paraguai demarcadas, o Brasil passou a incorporar cerca de 47.000 km² de terras que pertenciam ao Paraguai,

sendo que uma parte dessa área conquistada integra o chamado Pantanal matogrossense. Como resultado disso e também graças à eficiência das pastagens naturais, a região passou a atrair o criador de gado de Minas Gerais, o refugiado gaúcho fugitivo das revoluções rio-grandenses, assim como a capitalistas latinos e europeus, que passaram a investir na pecuária pantaneira, segundo dados de Rossi (2003, p. 31).

Outro aspecto a considerar, após o conflito entre Brasil-Paraguai foi a abertura do rio Paraguai à navegação e, como consequência disso, houve um período de centralização comercial em Corumbá, onde se concentraram grandes casas de importação e exportação. O porto de Corumbá recebia, então, navios vindos dos grandes centros estrangeiros, europeus, platinos. Essa intensa atividade comercial proporcionou o surgimento de casas bancárias e grandes saladeiros⁴³. Grupos estrangeiros, notadamente o argentino, compraram grandes glebas de terras para a criação de gado, produção de couro e extração de quebracho. (ROSSI, 2003, p. 32)

O avanço comercial e financeiro propiciou o aparecimento de uma força política na cidade, que chegou a rivalizar com a da capital, Cuiabá. Essa conjuntura começaria a ser ameaçada quando, no começo do século vinte, o traçado da Ferrovia Noroeste teve o seu trajeto mudado. Originalmente, havia sido planejado para atingir Cuiabá a partir de Bauru, no estado de São Paulo – daí o nome Noroeste – na verdade atingiu Porto Esperança, nas margens do rio Paraguai, para depois seguir até a cidade de Corumbá. , como forma de diminuir a investida do capital estrangeiro na região que, supostamente, punha em risco a segurança nacional, Sant’anna Neto e Vesentini (1998, p. 33).

Essa linha regular de transporte concorreu para o povoamento, embora precário, de muitos espaços vazios ao longo dos trilhos, fato que contribuiu para esfriar os interesses dos investidores estrangeiros e, assim, muitos hectares de terras voltaram ao

⁴³ Antigo nome dos estabelecimentos onde se preparava a carne seca. (NOGUEIRA, 2002, p. 150)

domínio nacional. Proporcionou, também, a transferência do epicentro da economia pantaneira, que anteriormente ligava Cuiabá e os países platinos pelo rio Paraguai, e que agora se voltava para o centro econômico do Brasil, particularmente São Paulo, com a ligação ferroviária até o Porto de Santos. E do porto de Corumbá para a cidade de Campo Grande (ROSSI, 2003, p. 32).

Assim, o pantanal foi sendo ocupado paulatinamente. Os primeiros donos ergueram suas posses, aprenderam a respeitar uma infinidade complexa de problemas, que iam desde a necessidade de conhecerem a natureza como também de se desenvolverem dentro dela, num ambiente sujeito a todo tipo de ameaças e perigos. Alguns, dentre eles os chamados “coronéis”, eram guardados por capangas, que cometiam todo tipo de violência e desrespeito às leis vigentes. Essa situação perdurou em consequência do afrouxamento dos controles governamentais, não havendo policiamento adequado, uma vez que as forças federais estavam desorganizadas e eram quantitativamente insuficientes. Segundo Corrêa (1995, p. 25) “é nessa época que surgem os primeiros focos de banditismo na região”. Tudo isso com a aparente anuência das autoridades, fato que, certamente, contribuiu para a ampliação das posses desses donos, que transformaram suas propriedades em imensos latifúndios, hoje redivididos várias vezes, entre as gerações de herdeiros, a maioria deles vivendo longe de suas propriedades.

Em linhas gerais, procuramos apresentar o Pantanal, em seus aspectos históricos, geográficos e o seu processo de ocupação. Vale ressaltar que esses aspectos não fazem distinção entre o Pantanal localizado no estado de Mato Grosso ou no estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que a bibliografia consultada não faz essa diferenciação, sobretudo porque a divisão do território só ocorreu no governo do

Presidente Ernesto Geisel, que assinou em 11 de Outubro de 1977 a Lei Complementar nº 31 que criou o Estado de Mato Grosso do Sul.

3. Estrutura Fundiária do Pantanal

A região do Pantanal, depois de modificada pelo homem, e apesar do progresso tecnológico que abriu estradas, bitolas, multiplicou o número de fazendas, aumentou o índice demográfico, trouxe tratores, caminhonetes, aviões, etc., conservam ainda as feições fundiárias dos seus primeiros tempos de ocupação econômica: a pecuária, que ainda se sobrepõe às demais atividades econômicas, é responsável pela manutenção dos grandes latifúndios, onde se pode observar a presença das sedes grandiosas, que nos reportam às casas-grandes da época colonial do Brasil.

Assim, as fazendas de criação de gado representam o cenário central onde se desenvolveram historicamente as relações sociais no Pantanal. Em torno das fazendas reuniram-se agrupamentos formados pelos trabalhadores (peões, vaqueiros, empreiteiros, agregados) e suas famílias, constituindo formas específicas de comunidades.

No passado recente, a economia do Pantanal estava alicerçada na pecuária bovina de corte, desenvolvida em grandes propriedades, em regime extensivo de pastagens naturais e baixo nível tecnológico. Apesar da baixa produtividade do sistema, o grande volume de negócios proporcionado pela extensão territorial das propriedades, viabilizava a manutenção de bom padrão de vida do pantaneiro.

Conforme dados de Rosa & Melo (1995, p. 1) cerca de 12% das propriedades tem área igual ou superior a 10.000 hectares, correspondendo a 56% da área total. Com áreas de 1.000 a 10.000 hectares são incluídas 69% das fazendas, perfazendo 43% da área total.

Uma das razões deste tipo de estrutura fundiária é que a presença de espelhos d'água e a composição florística, além da baixa quantidade e qualidade das pastagens nativas, reduzem bastante a capacidade de suporte dos campos. Assim, são necessários em média 3,6 hectares para uma cabeça de bovino no Pantanal, enquanto que nos cerrados do planalto adjacente a média é de 1 hectare para uma ou até duas cabeças, durante todo o ano, dependendo do tipo de solo e da qualidade da pastagem. Nestas condições, a bovinocultura de corte é desenvolvida extensivamente, em sistemas onde predominam as fases de cria e recria, cuja população total é de aproximadamente 3,8 milhões de cabeças, segundo levantamentos da Fundação Instituto de Apoio ao Planejamento do Estado-FIPLAN (MATO GROSSO DO SUL, 1987).

Porém, as grandes mudanças ocorridas no cenário internacional, face à globalização da economia, aliada às transformações na estrutura fundiária regional, sinalizam que o Pantanal necessita ajustar o modelo econômico às reais demandas da sociedade, levando-se em consideração o seu potencial produtivo, mas com enfoque na conservação da biodiversidade. Essa nova ótica de produção, encontra respaldo na necessidade de se buscar alternativas para aumentar a rentabilidade sustentável das unidades de produção, tendo em vista a fixação do homem ao campo, ao considerar-se que o tradicional modelo de produção de bovinos de corte não mais atende aos anseios sócio-econômicos do pecuarista e da sociedade em geral (ROSA e MELO, 1995, p. 1).

Outro fator a considerar sobre a situação fundiária do Pantanal, muito embora sejam assuntos dificilmente abordados há cerca de 25 ou 30 anos atrás, mas que na

atualidade tornaram-se indispensáveis em reflexões acerca do desenvolvimento desta região sob a perspectiva territorial, que são: a agricultura familiar e a reforma agrária.

Segundo dados de Curado (EMBRAPA-CPAP, 2006), no Pantanal, os motivos para a sensível dificuldade na incorporação destes temas encontram-se relacionados ao fato da agricultura familiar nunca ter encontrado maior visibilidade, apesar do papel social e econômico que desempenhava na região. Neste aspecto, a agricultura familiar desenvolvida pelas populações tradicionais pantaneiras (moradores das colônias, pescadores e indígenas), mesmo exercendo tradicionalmente uma importante função no abastecimento alimentar das cidades localizadas na região pantaneira, assim como na própria manutenção de algumas fazendas de gado, e demais comunidades da região, não foi percebida e valorizada pelo poder público e pela sociedade local. Prevaleceu, portanto, a importância política e econômica destas fazendas que, após a ocupação de terras anteriormente pertencentes aos povos indígenas, fundamentaram uma estrutura social a elas circunscrita.

Assim, em torno destas propriedades, estruturaram-se categorias de trabalhadores, conforme já citado anteriormente neste trabalho, como peões, vaqueiros, capatazes e gerentes de fazenda, trabalhadores rurais que contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da pecuária de corte, principal atividade econômica do Pantanal. Neste aspecto, diante das imensas distâncias até as cidades e das dificuldades no deslocamento, inerentes à própria região, a produção de alimentos básicos mostrou-se de fundamental importância para a manutenção destas propriedades. Portanto, até recentemente, refletir sobre a agricultura familiar no Pantanal correspondia a uma ação impraticável e de fraca repercussão.

Conseqüentemente, tornou-se mais propício nas reflexões sobre o Pantanal, destacar a figura do trabalhador rural, aquele mesmo que, na atualidade, juntamente

com trabalhadores oriundos de outras regiões do país, vêm contribuindo para a conformação da agricultura familiar, produzida pelos assentamentos rurais, resultante da política de reforma agrária implementada pelo Estado, sobretudo nos municípios de Corumbá e Ladário, correspondendo ao número de 1.158 famílias assentadas, cerca de 5,2 % da população total da região (CURADO, EMBRAPA-CPAP, 2006).

Neste sentido, mais do que um fato localizado, esta forma de ocupação do território está associada a profundas transformações em curso naquele contexto, em diversas regiões do país e, em especial, no Estado de Mato Grosso do Sul.

4. O Pantanal Sul-Mato-Grossense e suas Sub-Regiões

Inicialmente, é importante dizer que os limites do Pantanal não foram ainda satisfatoriamente demarcados, ficando os mesmos à mercê dos critérios usados pelos estudiosos para conceituar esse sistema ecológico.

Fisiograficamente, o Pantanal caracteriza-se pela complexidade do sistema hidrográfico, reforçado por baías, salinas, corixos e vazantes, que, no conjunto, dão-lhe a feição particularizadora que tanto trabalho tem dado aos pesquisadores, quanto a sua delimitação.

Segundo Nogueira (2002, p. 26) esta complexidade, que favorece a diversidade da região, permite o reconhecimento, pelos nativos, de vários pantanais, assim denominados, popularmente: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, do Rio Negro, do Taboco, de Nhecolândia, do Abobral, do Jacadigo, do Tereré, do Nabileque, do Paraguai, do Paiaguás, etc. Embora as denominações variem, não chegam a acarretar

confusões. Quase todas levam em consideração os rios que banham as terras das planícies pantaneiras.

Há vários estudos que tratam da delimitação e quantificação do Pantanal. De acordo com Silva e Abdon (1998, p. 1704),

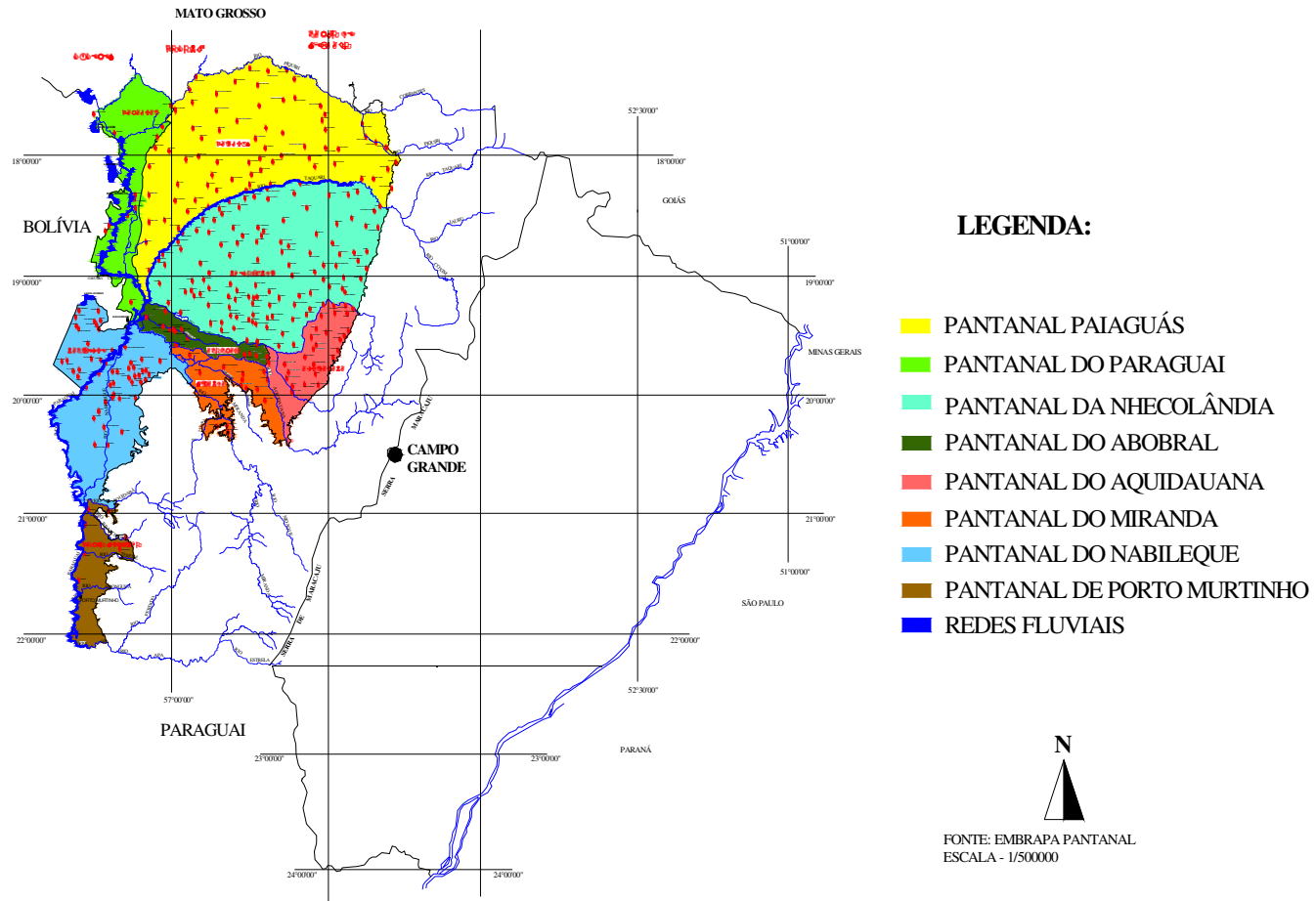
Reconhecidamente, a planície intermitentemente inundada pela bacia do Alto Paraguai é denominada Pantanal. Porém, esse contorno não é claro, principalmente nas áreas de contato entre planalto e planície. Tanto a divisão geopolítica quanto a divisão fisiomorfológica (considerando os aspectos ecológicos) podem ser utilizados para delimitar o Pantanal [...] A consistência e o detalhamento do mapeamento é proporcional à importância e ao número de fatores utilizados na delimitação, uma vez que o simples fato de atribuir importância maior ou menor a determinado critério ou, ainda, a um único elemento fisiográfico provoca alterações nos níveis de detalhes e contornos obtidos. Isto pode provocar agregação ou desagregação de áreas que determinam outras sub-regiões, ou seja, um contorno que antes era mal definido pode passar a ser facilmente reconhecido por uma mudança abrupta na feição do terreno, ou vice-versa.

Segundo Silva e Abdon (1998, p. 1704), as delimitações adotadas por SANCHEZ (1977), BRASIL (1979) e ADÁMOLI (1982), associado ao Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai (EDIBAP) e de outros autores, associado ao Projeto RADAMBRASIL, são as mais consistentes, por usarem diferentes parâmetros físicos e bióticos de grande importância no Pantanal, como feições de relevo, drenagem, solos e vegetação.

No contexto deste trabalho adotamos a delimitação do Pantanal estabelecida por Silva e Abdon (1998, p. 1706), conforme se pode ver no Mapa 2, no qual consta a delimitação das onze sub-regiões⁴⁴ do Pantanal Brasileiro, a saber: *Cáceres*, *Poconé*, *Barão do Melgaço*, localizadas no estado de Mato Grosso, e *Paraguai*, *Paiaguás*,

⁴⁴ O termo *sub-região* corresponde a cada subdivisão de uma região, cuja extensão é determinada seja por uma unidade administrativa ou econômica, seja pela similitude do relevo, do clima, da vegetação, seja pela origem dos povos que a habitam. (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003).

Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho, localizadas no estado de Mato Grosso do Sul.



Mapa 02 – Localização dos Pantanaís no Estado de Mato Grosso do Sul.

Os critérios adotados por esses autores para a delimitação do Pantanal são: aspectos relacionados à inundação, relevo, solo e vegetação, a partir de estudos de autores já citados anteriormente; Sistema Global de Posicionamento (GPS); e material cartográfico (mapas municipais estatísticos, cartas topográficas e imagens de satélite Landsat 5 TM), procurando extrair os padrões indicativos de planalto e planície e das distintas sub-regiões, complementadas com verificação em campo.

As sub-regiões de Cáceres, de Poconé, de Barão de Melgaço abrangem área dos municípios de Barão de Melgaço, Cáceres, Itiquira, Lambari D'Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antonio do Leverger. Já as sub-regiões do Paiaguás, do Paraguai, da Nhecolândia, do Abobral, do Aquidauana, do Nabileque, do Miranda e de Porto Murtinho, abrangem área dos municípios de Aquidauana, Bodoquena, Corumbá, Coxim, Ladário, Miranda, Sonora, Porto Murtinho e Rio Verde de Mato Grosso

Neste trabalho, serão objeto de análise somente as sub-regiões localizadas no Pantanal sul-mato-grossense, de forma a contribuir para uma visão dinâmica dos aspectos toponímicos do Estado e, em especial, da região, que poderão apontar características e tendências lingüístico-culturais extremamente importantes para o resgate da identidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, espera-se que este trabalho venha se somar a outros estudos que já foram e estão sendo realizados sobre a região em questão, tanto na área da etnolingüística, da dialetologia, da antropologia, da historiografia, da biologia, enfim, de várias áreas do conhecimento, cujo objetivo comum é conhecer, preservar, promover e difundir o território e a cultura pantaneira.

O Pantanal de Mato Grosso do Sul, segundo dados de Silva e Abdon (1998, p. 1709) localiza-se à Noroeste do Estado, com aproximadamente 89.318 km², ou seja 64,64% do total da área. Limita-se com os países vizinhos Bolívia e Paraguai, com o

Estado de Mato Grosso e com o Planalto Central Brasileiro. De acordo com Schneider (2002, p. 55), no que se refere ao aspecto físico-geográfico,

a região tem a sua planície inundável, com leves ondulações, com morros isolados e é rica em depressões rasas, como chapadas, serra, sendo cortada por grande quantidade de rios, todos pertencentes à área da Bacia do Paraguai.

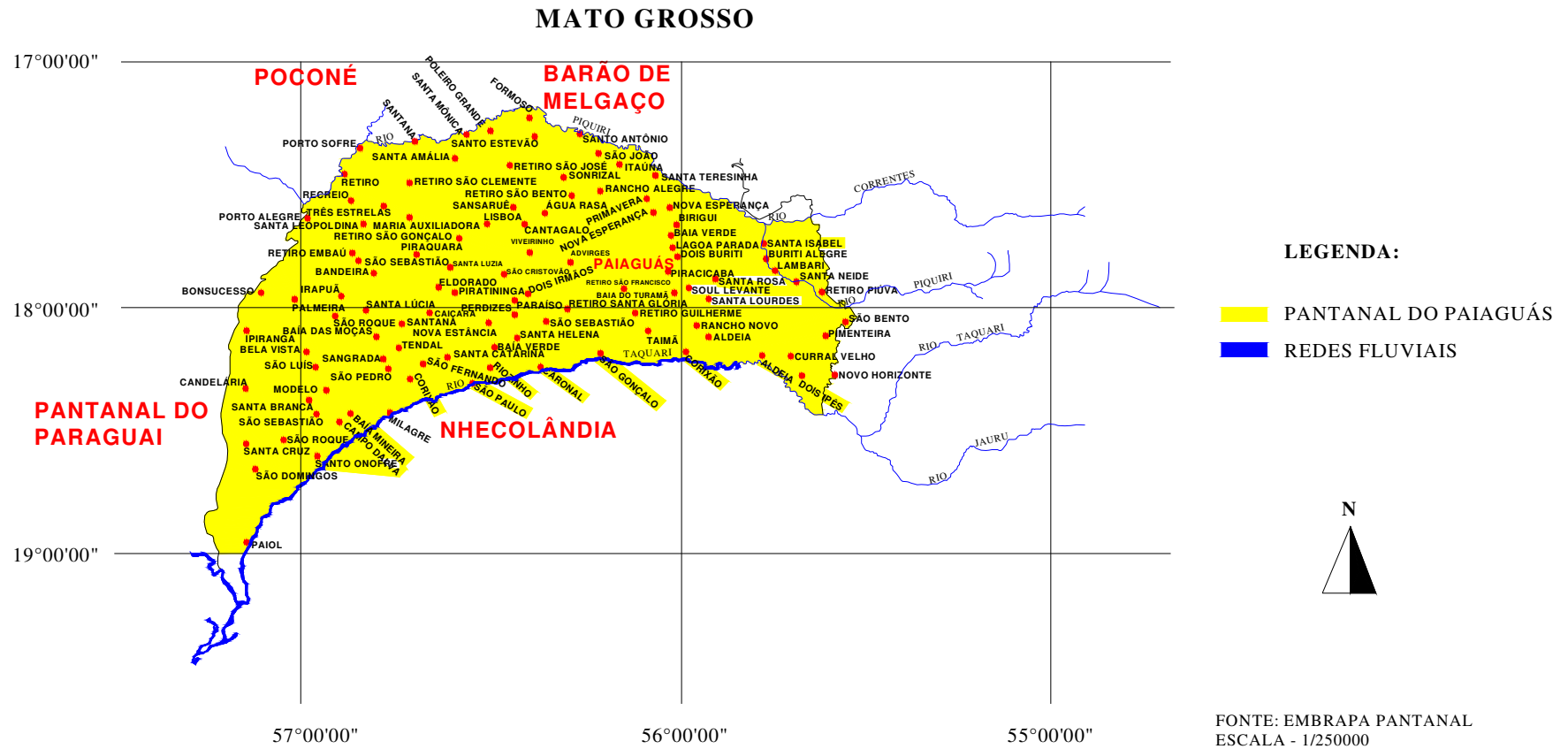
As principais características de cada uma das sub-regiões do Pantanal de Mato Grosso do Sul serão apresentadas a seguir.

A *Sub-região do Paiaguás* (Mapa. 3), apresenta como limites ao Norte a sub-região do Barão de Melgaço, servindo o rio Piquiri como marco divisório entre os dois; ao Sul, a sub-região da Nhecolândia e Nabileque. O rio Taquari marca a divisa entre a sub-região da Nhecolândia e a do Paiaguás; a Leste, a serra de São Jerônimo, no limite com o planalto central; e a Oeste, as florestas dispostas na fronteira Brasil-Bolívia. Agrega área dos municípios de Sonora, Coxim e Corumbá, apresentando 27.082 km², que correspondem a 19,60% da área do Pantanal (ALLEM e VALLS, 1987, p. 03).

A vegetação desta sub-região é principalmente do tipo savana, que não alcança a configuração de mata, o que aumenta a área de pastagem útil, composta por capim-mimoso (*Axonopus purpusii*) e capim-bananal (*axonopus compressus*) (Ibidem, 1987, p. 03). Em vista aérea, sobressaem-se a savana e a savana adensada, pontilhadas aqui e ali por matas-galeria e campos. Nesta sub-região praticamente desaparecem as baías e salinas⁴⁵, que são substituídas por corixos⁴⁶ e corixões. Constata-se a existência de solos argilo-siltosos e arenosos, com acentuada predominância do segundo tipo, transportado das altas Bacias do Rio Taquari, do São Lourenço e do Piquiri.

⁴⁵ Baía de água salgada, comum nos pantanais. É muita limpa e extensa. (NOGUEIRA, 2002, p. 150)

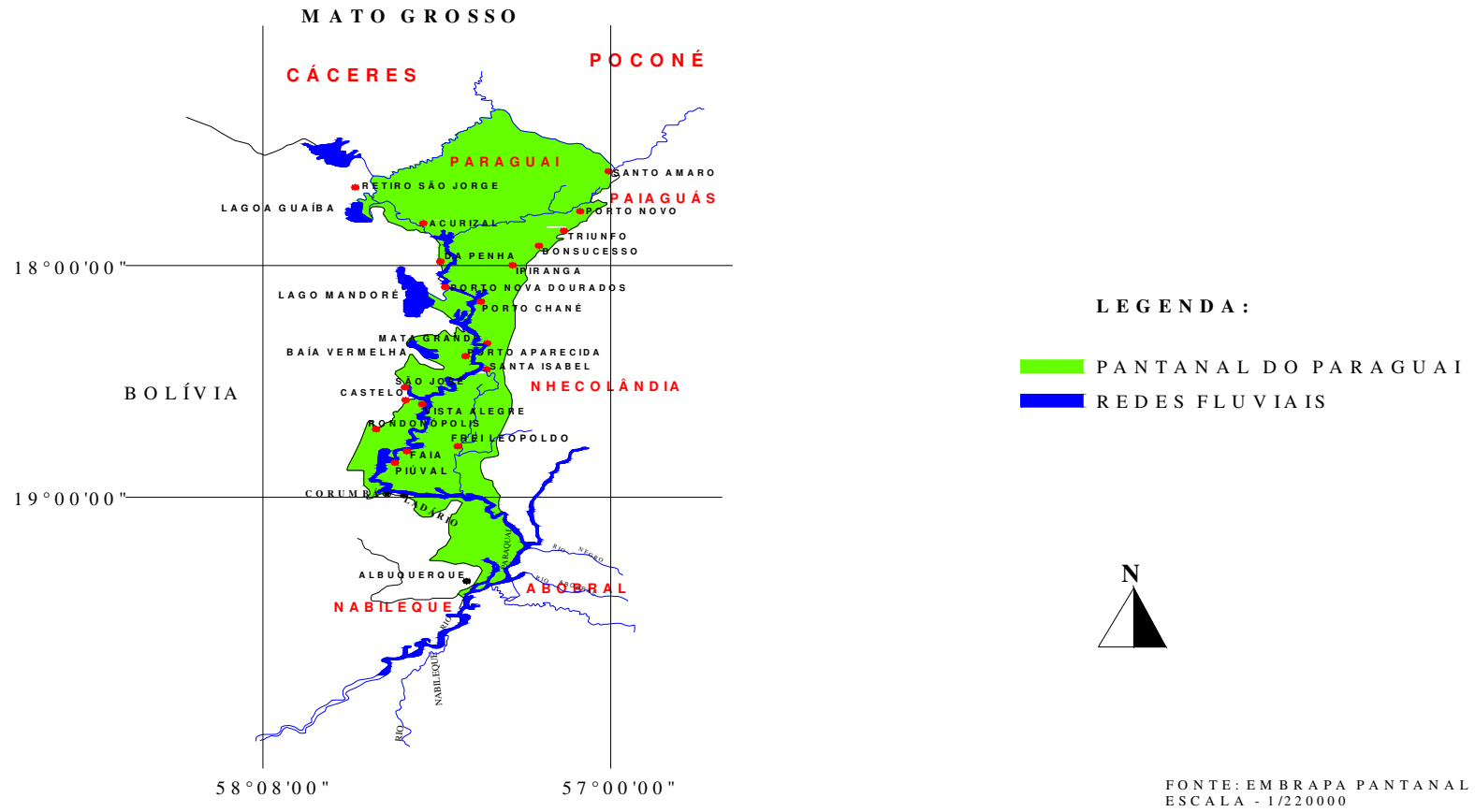
⁴⁶ Curso d'água que não resiste aos estios prolongados. Permanece, geralmente, coberto de aguapés, camalotes, e outras plantas aquáticas da região. (NOGUEIRA, 2002, p. 146)



FONTE: EMBRAPA PANTANAL
ESCALA - 1/250000

A *Sub-região do Paraguai* (Mapa. 4), segundo Silva e Abdon (1998, p. 1710) localiza-se no Oeste do Pantanal e agrega área dos municípios de Corumbá e Ladário. Possui área de 8.147 km², que equivalem a 5,90% do pantanal. Esta sub-região corresponde, em sua maior parte, à extensa planície de inundação do Rio Paraguai, desde a ilha do Caracará, nos limites do Pantanal de Cáceres, até as bordas do Maciço do Urucum, ao Sul de Corumbá, sendo a mais extensa e mais larga das planícies inundáveis de todo o Pantanal, na qual as inundações são as mais duradouras e de maior altura, daí a grande incidência de lagoas – entre elas destacam-se a Mandioré e Uberaba, além de numerosas baías permanentemente cobertas de água ⁴⁷.

⁴⁷ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_paraguai.php (acesso em 19/12/2004).



Mapa 04 – Localização do Pantanal Paraguai/MS.

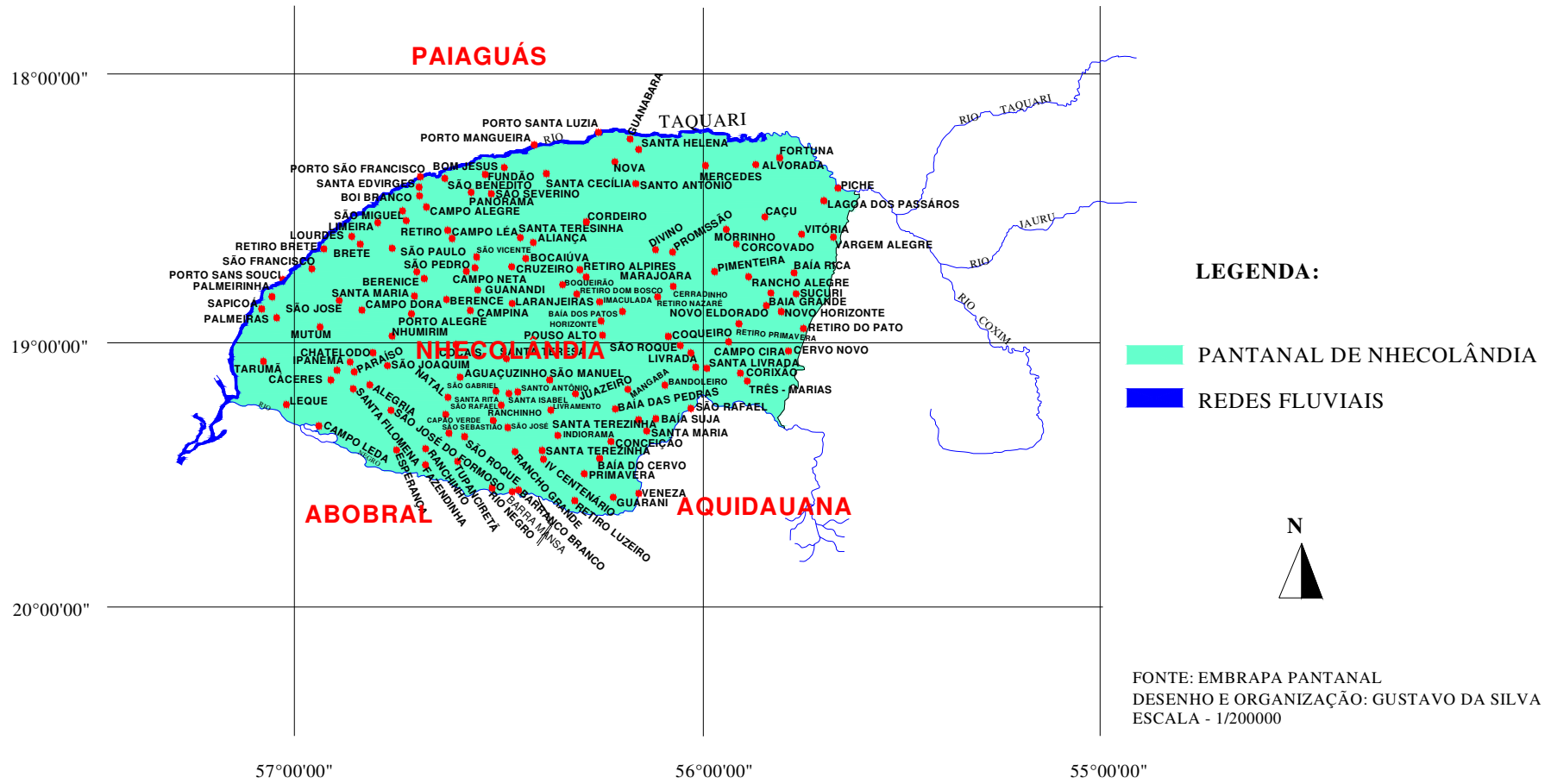
A **Sub-região da Nhecolândia** (Mapa 5), possui uma área de 26.921 km², equivalendo a 19,48%, ou seja é a segunda maior sub-região do pantanal. A imensa maioria de seu território está situada dentro do município de Corumbá, ficando uma pequena parcela a leste sob a jurisdição dos municípios de Rio Verde de Mato Grosso e Aquidauana. Ao Norte, limita-se com a sub-região de Paiaguás, sendo o rio Taquari o ponto de divisão; ao Sul, as sub-regiões de Abobral e Aquidauana, aparecendo o rio Negro como importante marco divisório; a Leste, o planalto central, atingindo-se o mesmo através da serra da Alegria e desembocando-se na rodovia BR-163, de onde se tem acesso às cidades de Coxim e Rio Verde de Mato Grosso; a Oeste, o rio Paraguai. (SILVA e ABDON, 1998, p.1709-1710).

A vista aérea desta sub-região mostra uma fisionomia bastante típica, caracterizada por apresentar uma imensa quantidade de baías e salinas. Outra característica comum é a presença de bosques, com espécies lenhosas, apresentando ao seu redor pastagens naturais e, imediatamente vizinhas, as baías e as salinas. Essas massas hídricas atuam como bebedouros para o gado, entretanto, na fase mais crítica da estação seca (agosto e setembro), algumas destas baías secam ou diminuem consideravelmente de volume. As baías apresentam vegetação ao seu redor e em seu interior. Periféricamente, tem-se a pastagem natural, sobretudo o capim-mimoso; no interior das baías há camalote (*Pontederia cordata*), aguapé (*Eichhormia crassipes*), samambaias pequenas (*Azolla sp.*, *Marsilea polycarpa*). Já as salinas, não apresentam vegetação visível em seu interior e periferia, sendo circundadas por areia, sem pastagens⁴⁸.

Outros tipos de massas hídricas encontradas na Nhecolândia e também em outros pantanais são as vazantes e corixos, cobertos por aguapés, que ornamentam os

⁴⁸ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_nhecolandia.php (acesso dia 19/12/2004).

cursos d'água da região com suas grandes flores de tons brancos, azul, rosa e roxo. O solo é arenoso, apresentando textura geralmente tão fina que lembra aquela ocorrente no litoral. (Ibidem nota de rodapé 48).



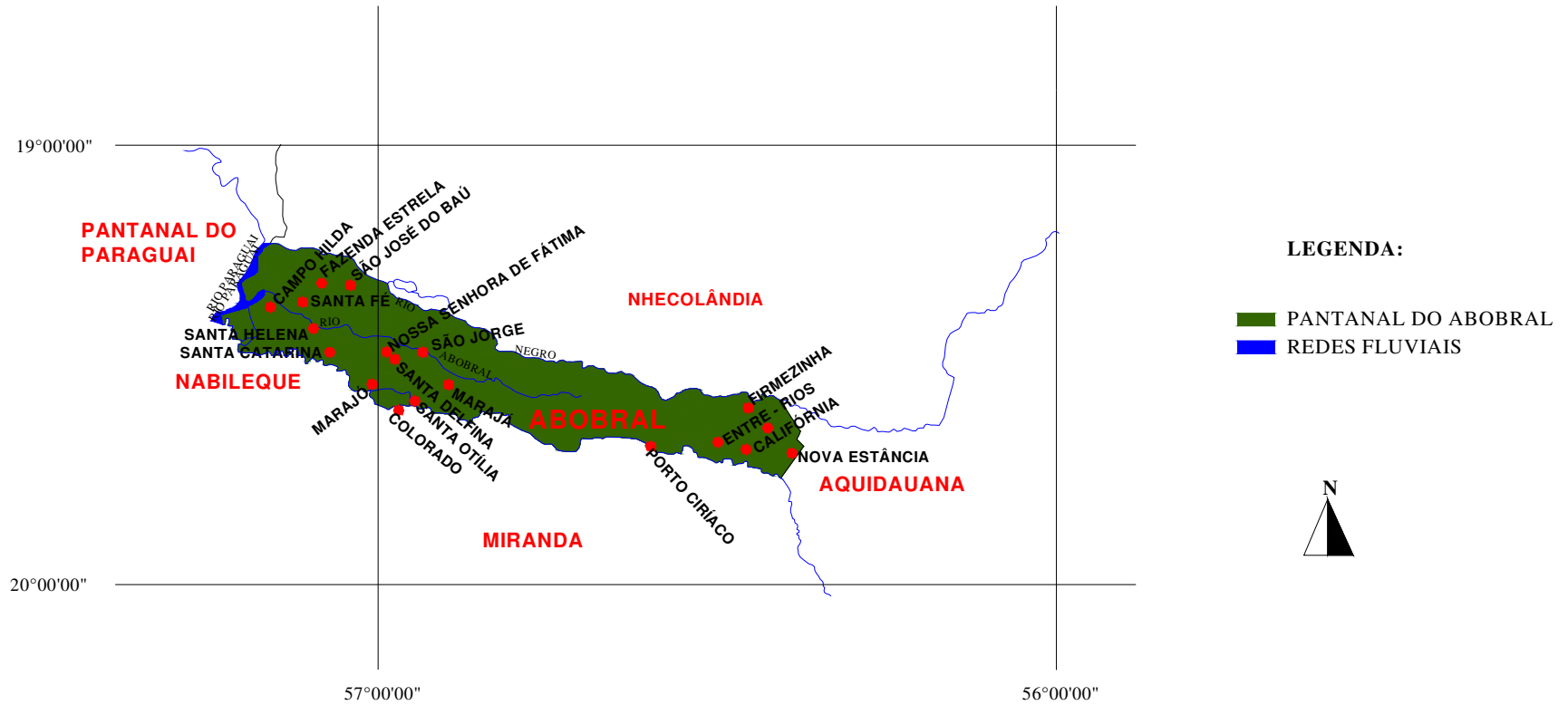
Mapa 05 – Localização do Pantanal da Nhecolândia/MS.

A **Sub-região do Abobral** (Mapa 6) é a menor do Pantanal, com 2.833 km², ou seja, corresponde a 2,05% da área. Limita-se ao Norte, com a sub-região da Nhecolândia; ao Sul, com as sub-regiões de Miranda e Nabileque; a Leste, com a de Aquidauana; a Oeste, com o rio Paraguai. Agrega área dos municípios de Aquidauana e Corumbá. (SILVA e ABDON, 1998, p.1709-1710).

A sub-região do Abobral é um dos pantanais mais baixos dentre os conhecidos, sendo um dos primeiros a encher, junto com o Nabileque, quando da chegada das chuvas em outubro. Segundo Adâmoli (1995, p. 8) à medida que os rios Aquidauana e Negro, bem como os transbordamentos da margem direita do rio Miranda aproximam-se do rio Paraguai, as áreas inundáveis do Abobral aumentam em superfície, profundidade e duração, já que a sub-região sofre um regime de inundação múltiplo. Em primeiro lugar, pelos próprios rios com um regime de enchentes marcadamente estivais, sem maior influência do rio Paraguai, que, nessa época, apresenta-se baixo. Quando o fluxo de água originado nas altas bacias dos rios Negro, Aquidauana e Miranda começa a diminuir, a sub-região recebe o pulso de inundação decisivo, com a entrada das águas do rio Paraguai nos meses de maio/ junho/ julho e, em anos de grandes cheias, até bem mais tarde. O intervalo de tempo para a entrada das águas do seguinte ciclo estival fica, portanto, reduzido.

A vegetação é do tipo savana e campo limpo, sendo muito semelhante fisionomicamente àquela registrada para a sub-região de Aquidauana. Também se encontram campos levemente sujos, intercalados com bosques esparsos. Já os solos da sub-região são arenosos, embora existam manchas consideráveis de solo argiloso⁴⁹.

⁴⁹ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_abobral.php (Acesso dia 19/12/2004).



FONTE: EMBRAPA PANTANAL
ESCALA - 1/150000

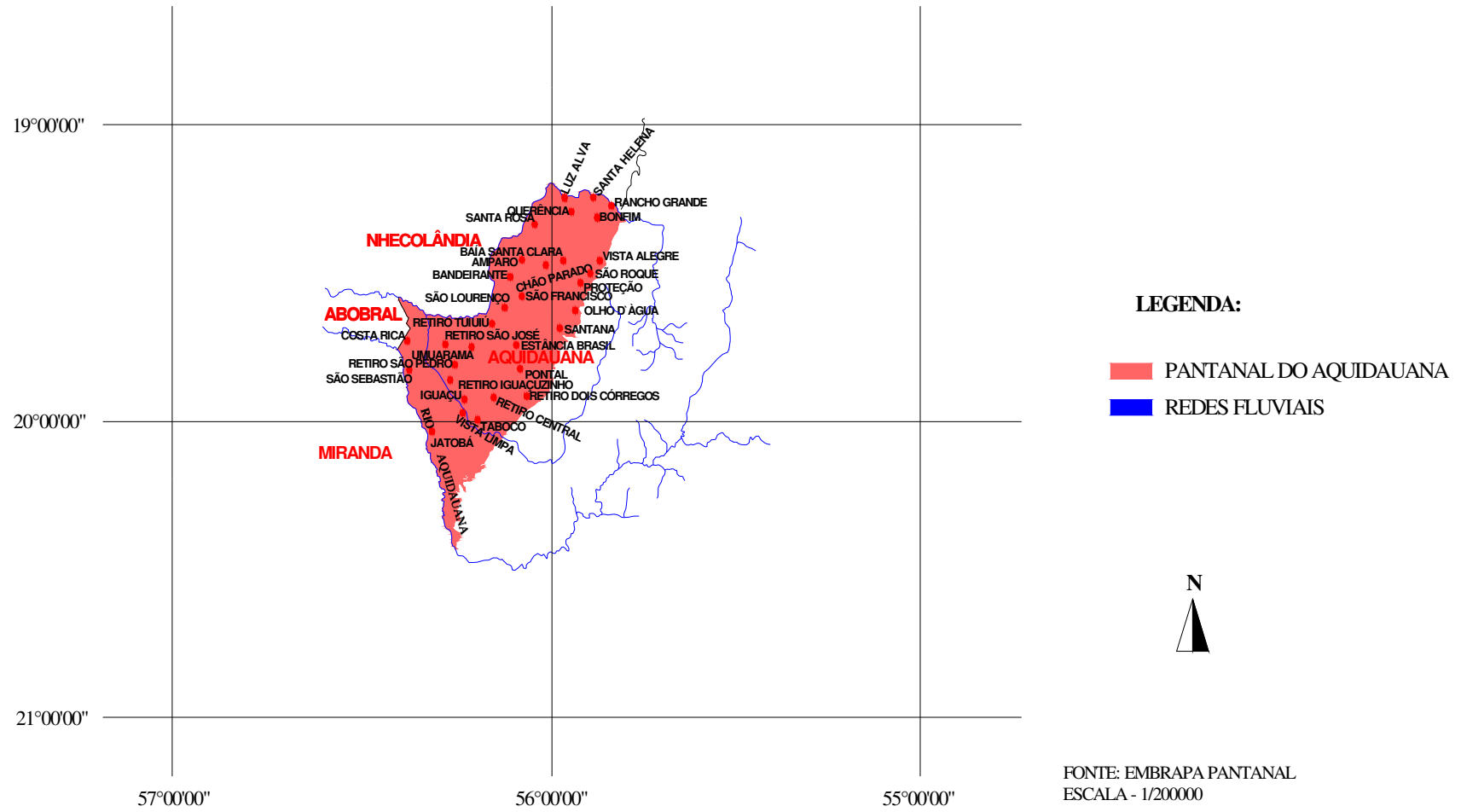
Mapa 06 – Localização do Pantanal Abobral/MS.

A **Sub-região de Aquidauana** (Mapa 7) possui 5.008 km², equivalentes a 3,62% da área pantaneira. Limita-se ao Norte, com a sub-região da Nhecolândia; ao Sul, a cidade de Aquidauana; a Leste, a serra de Aquidauana; a Oeste, as sub-regiões de Miranda e Abobral (SILVA e ABDON, 1998, p.1709-1710). Esta sub-região localiza-se somente no município de Aquidauana. Assim como a sub-região de Miranda, é definida como pantanal mais alto, sendo menos afetada pelas enchentes do que outros pantanais, que se alternam com grandes brejos, particularmente os dos rios Taboco e Negro, assim como uma paisagem de inúmeras lagoas temporárias de pequenas dimensões (ADÂMOLI, 1995, p. 8). Nessa sub-região as perdas e malefícios causados aos rebanhos pela ocorrência de enchentes apresentam menor incidência do que nas outras sub-regiões.

A sub-região de Aquidauana está fortemente vinculada florística e edaficamente⁵⁰ aos pantanais de Abobral e Nhecolândia. A área do rio Negro, em rigor, é um prolongamento natural da Nhecolândia, mostrando a presença de baías, salinas e solo arenoso, sobre o qual assenta-se a pastagem⁵¹. No entanto, segundo Schneider, 2002, p. 61), ela está inserida na Sub-região de Aquidauana por estar sob a jurisdição do município de Aquidauana, mas também em razão de terem em comum o mesmo tipo de vegetação e solo. Essa área é também chamada de “pantanal turístico” por abrigar uma das melhores estruturas turísticas do Pantanal.

⁵⁰ O termo *edáfico*, diz respeito aquilo que é pertencente ou relativo ao solo (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003).

⁵¹ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_aquidauana.php (Acesso dia 19/12/2004).



Mapa 07 – Localização do Pantanal Aquidauana/MS.

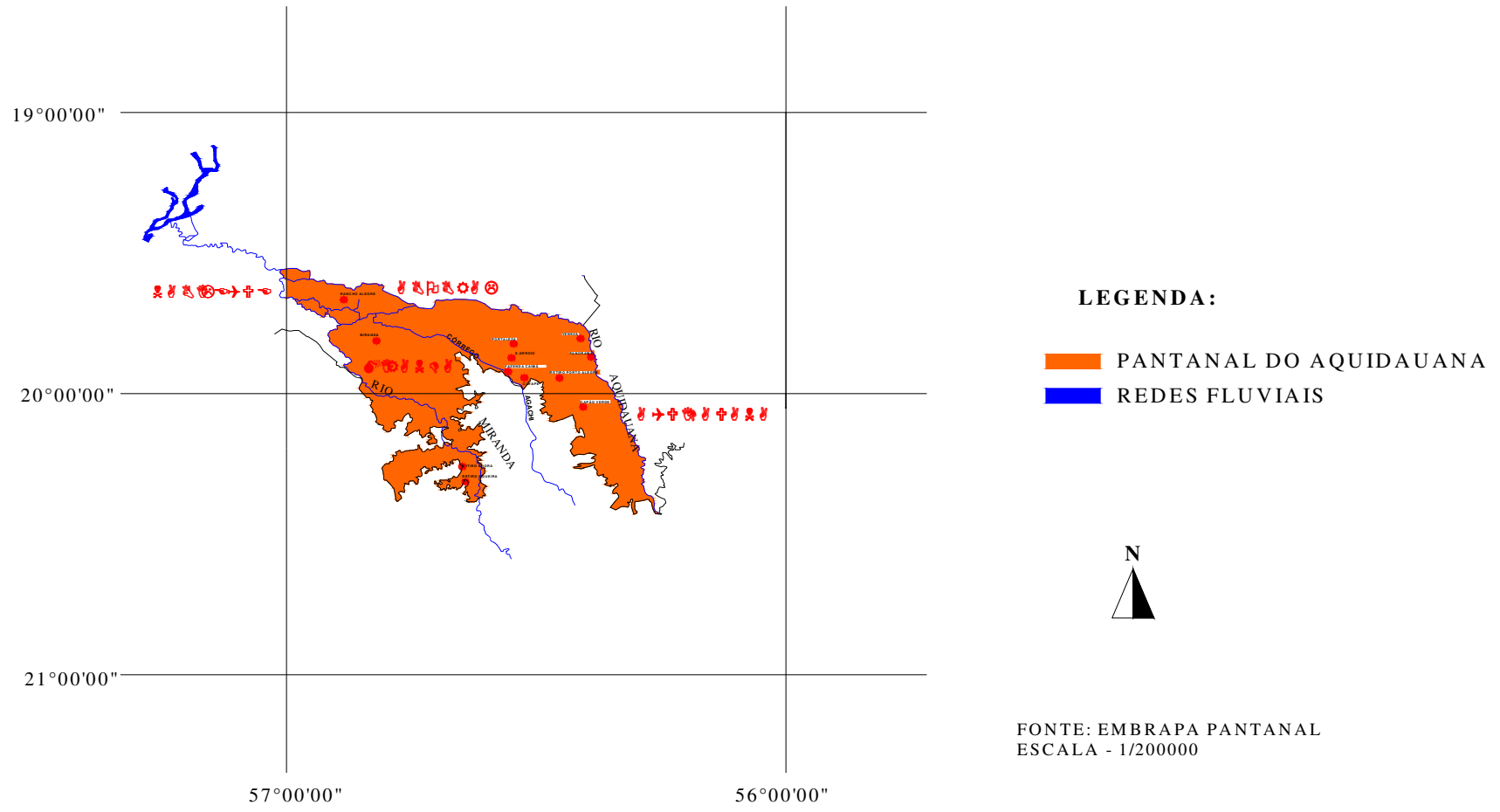
A **Sub-região de Miranda** (Mapa 8), tem como limites: ao Norte, a sub-região do Abobral; ao Sul, as florestas chaquenhas do município de Porto Murtinho; a leste, a sub-região de Aquidauana; e a oeste, a serra da Bodoquena e a sub-região de Nabileque. Agrega áreas dos municípios de Aquidauana, Bodoquena e Miranda, possuindo 4.383 km², que correspondem a 3,17% da área do pantanal (SILVA e ABDON, 1998, p. 1709-1710). Segundo Adâmoli (1995, p. 8) esta sub-região pode ser subdividida em dois setores: o setor leste, que recebe exclusivamente as águas transbordadas pelo rio Miranda e o setor oeste, onde, além das águas do Miranda, as inundações são provocadas pelos transbordamentos do rio Paraguai. Quando o rio Paraguai se apresenta muito alto, represa, por sua vez, as águas do rio Miranda, o que favorece os transbordamentos, mesmo em momentos em que as vazões originadas na alta bacia estão em declínio.

Segundo Allem e Valls, 1987, p. 54, a vegetação desta sub-região é do tipo savana, mata e campo, além de apresentar forte concentração do carandá e, especialmente, o paratudo (*Tabebuia caraíba*), que formam os famosos paratudais. A savana de Miranda lembra muito a vegetação chaquenha, havendo considerável sobreposição de espécies do território paraguaio com aquelas do território brasileiro.

Os solos da sub-região de Miranda são limo-argilosos e arenosos, com acentuada predominância do primeiro tipo. As áreas de solo arenoso configuram-se como bolsões, ilhadas pelo terreno limo-argiloso circundante. Os campos limpos de Miranda exibem ótimas espécies forrageiras, havendo também a presença considerável de espécies menos palatáveis na pastagem, entre elas a planta tóxica chamada de espichadeira, exclusiva de solos argilosos. Nas áreas onde existe solo arenoso aparecem as mesmas

forageiras características das sub-regiões de Aquidauana, Nhecolândia, Abobral, Paiaguás e Cáceres, sendo que esta última localiza-se no estado de Mato Grosso ⁵².

⁵² http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_miranda.php (Acesso dia 19/12/2004).



Mapa 08 – Localização do Pantanal do Miranda/MS.

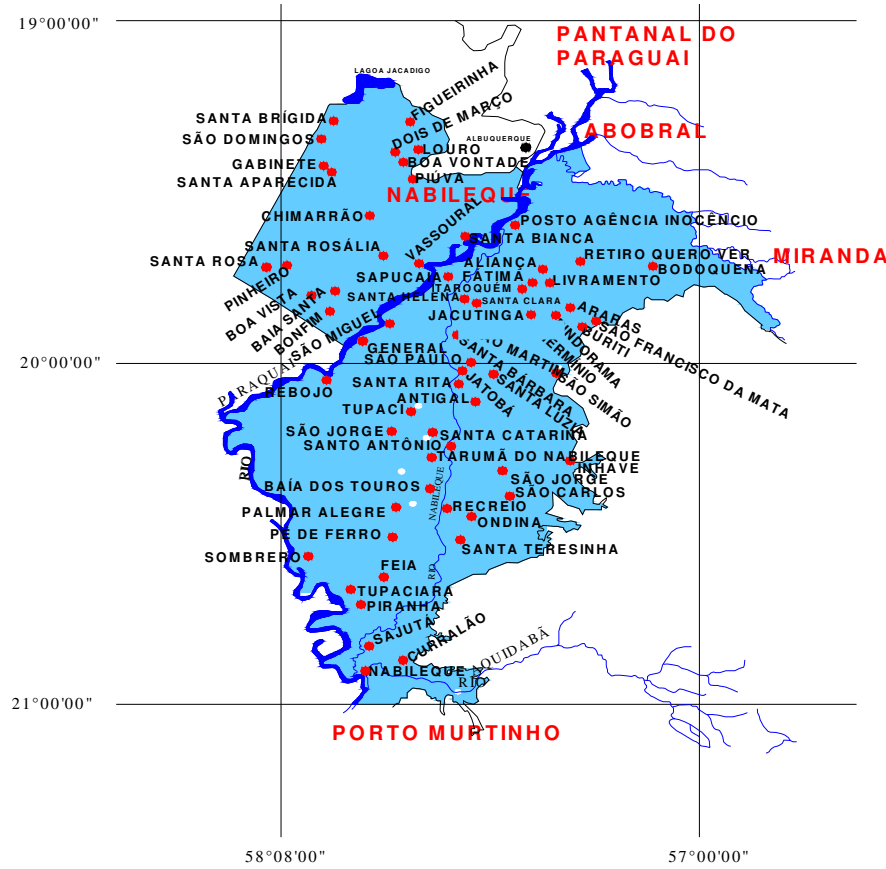
Sub-região do Nabileque (Mapa 9), apresenta como limites: ao Norte, a sub-região do Abobral; ao Sul, a floresta chaquenha de Porto Murtinho; a Leste, a sub-região de Miranda; e a Oeste, as matas situadas na fronteira boliviano-paraguaia. Essa sub-região possui área de 13.281 km² que correspondem a 9,61%, agregando área dos municípios de Corumbá, Porto Murtinho e Miranda (SILVA e ABDON, 1998, p. 1709-1710).

A fisionomia desta sub-região, assim como aquelas dos municípios de Porto Murtinho e Miranda, assemelha-se à fisionomia do Chaco, tanto que o Nabileque pode ser interpretado como uma extensão do Chaco paraguaio-boliviano. Nessa sub-região a chegada das primeiras chuvas em outubro é motivo de preocupação, pois à altura da segunda quinzena de novembro a locomoção já se torna precária. Em novembro, dificilmente um veículo automotor pode trafegar nas estradas desta área ⁵³

Os solos do Nabileque são principalmente argilosos, orgânicos, escuros. As espécies forrageiras lá ocorrentes são em sua maioria distintas das que ocorrem na Nhecolândia e Paiaguás, sendo o elemento edáfico o principal fator limitante para seu encontro. Assim, o Nabileque é reputado como uma sub-região do pantanal possuidora de excelentes forragens e, de fato, as possui em número considerável, entre elas a *Paspalum virgatum*, *Paspalum plicatulum*, *Panicum laxum*, etc. excelentes forrageiras que se desenvolvem em solos argilosos. Este estrato forrageiro herbáceo dispõe-se nos interstícios deixados pela vegetação arbórea (Ibidem, nota de rodapé 51).

Vista do alto, esta sub-região parece ter vegetação de mata, tal é a concentração do palmar. No solo, porém, vê-se que há suficiente espaço entre as árvores, por onde a pastagem natural se estende.

⁵³ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_nabileque.php (Acesso dia 19/12/2004).



LEGENDA:

- PANTANAL DO NABILEQUE
- REDES FLUVIAIS

FONTE: EMBRAPA PANTANAL
 ESCALA - 1/150000

Mapa 09 – Localização do Pantanal do Nabileque/MS.

A **Sub-região de Porto Murtinho** (Mapa 10), encontra-se confinada entre a República do Paraguai e os relevos residuais do Complexo Rio Apa e Grupo Amonguijá e tendo a Norte a sub-região de Nabileque, conforme dados de Silva e Abdon (1998, p. 1709-1710). Essa sub-região representa a extremidade meridional do Pantanal Sul-mato-grossense, onde as inundações estendem-se por um período de quatro a seis meses. É uma das menores sub-regiões, com 3.839 km², totalizando 2,78% da área do Pantanal.

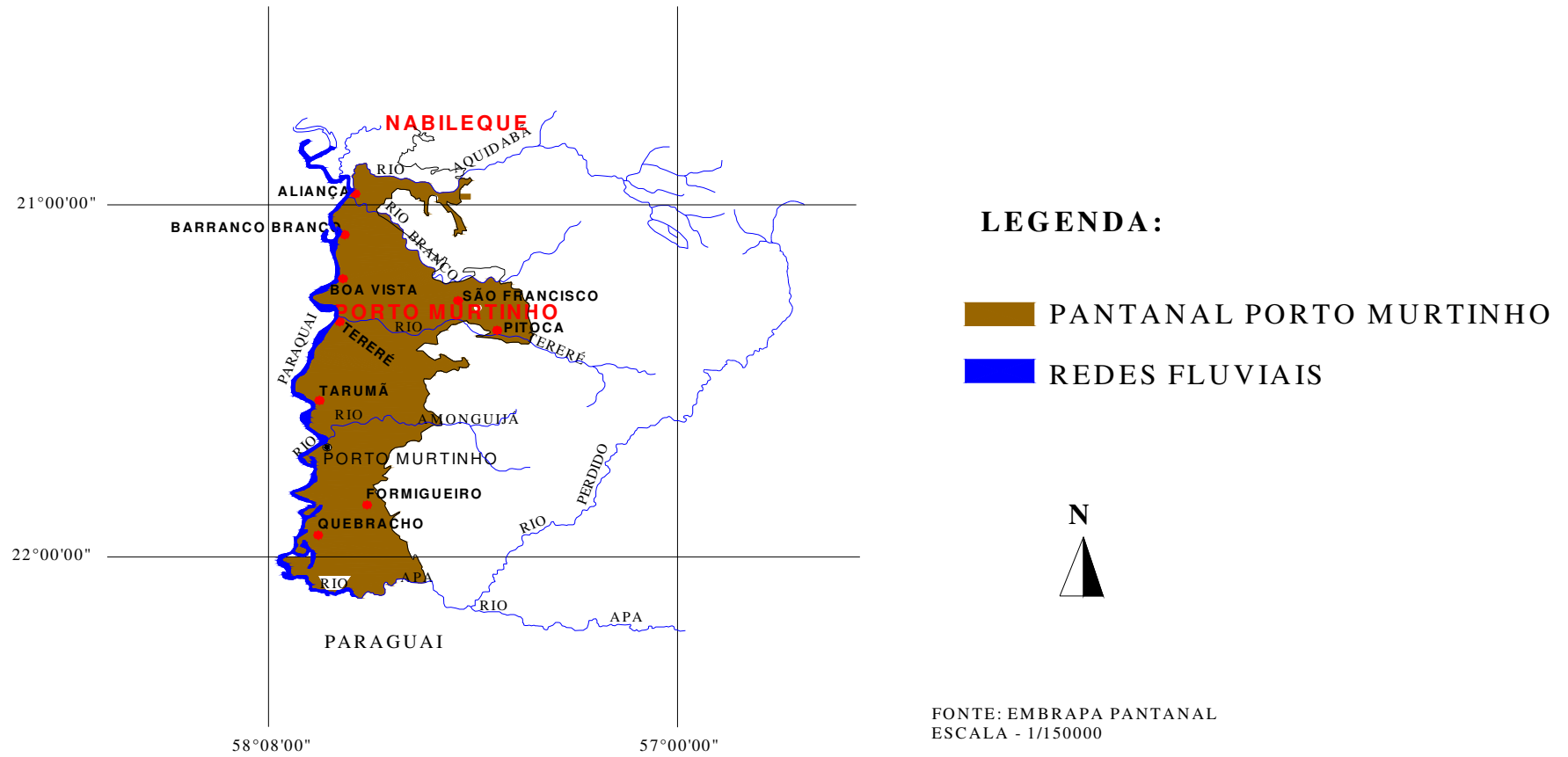
Segundo Allem e Valls (1987, p. 17-18), a vegetação é do tipo savana. No entanto, não há a presença de espécies lenhosas como ocorre na sub-região da Nhecolândia e na do Paiaguás. Registram-se também a presença de vegetação chaquenha, com alagamento anual por origens pluviais e fluviais. Por apresentarem características de solo e vegetação comuns, as sub-regiões do Nabileque e Porto Murtinho podem ser interpretadas como uma extensão do Chaco paraguaio-boliviano⁵⁴

Acabamos de apresentar as características de cada uma das sub-regiões do Pantanal Sul-mato-grossense, que ora se assemelham ora se diferenciam. Muitas delas apresentam-se quase que em extremos opostos de condições ambientais: solos arenosos e ácidos em face de solos argilosos e alcalinos; os mais diversos tipos de inundação, prematuras ou tardias, curtas ou longas; as mais diversas influências biogeográficas. No entanto, todas elas com uma pertença indubitável ao Pantanal, porque dentro de toda essa diversidade, o fator unificador é a presença de enormes áreas de declividade mínima, fator que impõe um retardo nos fluxos de água, sedimentos e nutrientes (ADÂMOLI, 1995, p. 9).

Por fim, não podemos deixar de lembrar daquele que vive na imensa área do Pantanal – o homem pantaneiro – que convive com as adversidades naturais, mas

⁵⁴ http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_porto.php (Acesso dia 19/12/2004).

integrado a tudo que o rodeia, pois sabe que as ações da natureza, enchentes e secas são responsáveis pela riqueza e vida da região. Desconhecer ou não dar importância à atuação do homem pantaneiro, sobre seu sistema ecológico, ou melhor, não levar em consideração suas experiências culturais, baseadas na observação dos fenômenos naturais, significa ignorar o que há de mais fundamental na vida desse ecossistema, uma vez que as práticas sociais são produto da visão de mundo do homem dos pantanais, da sua maneira de codificar o universo natural, criando, a partir daí, seu próprio universo cultural.



Mapa 10 – Localização do Pantanal de Porto Murtinho/MS.

III - PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o levantamento, a classificação taxonômica e a análise dos topônimos, objetivando a motivação toponímica, ou seja, os motivos predominantes na denominação das propriedades rurais localizadas no Pantanal Sul-matogrossense – portanto, uma microtoponímia que apresenta particularidades bastante distintas, em razão das especificidades dos aspectos antropoculturais, econômicos, históricos, geográficos, o processo de ocupação, estrutura fundiária, enfim o modo de ser e de encarar o mundo segundo a óptica do homem pantaneiro.

Objeto de estudo de geógrafos, lingüistas e historiadores, a toponímia não constitui um tema muito explorado nos estudos lingüísticos, apesar da carga de significação cultural presente no processo de nomeação dos lugares e na dinâmica de sua evolução, como nos mostra Dick (1990, p. 23):

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.

Entretanto, muitos toponimistas costumam omitir aspectos importantes na análise dos fatos, apagando, desse modo, toda a *carga* cultural do nome. Isso costuma ocorrer quando não se levam em conta na análise toponímica certas particularidades como:

A história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas, visando, algumas vezes, assegurar a proteção dos santos ou de Deus (DICK, 1996, p. 19).

Nessa perspectiva, também Sapir (1961, p. 44) diz não acreditar na força ambiental isolada, mas sim condicionada à força social:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Embora haja dois grupos de fatores ambientais, o fator físico só se reflete na língua quando, sobre ele, atuou a força social, ou seja, o surgimento de um símbolo lingüístico reporta-se à influência da parte social do ambiente, aos membros do grupo que nele interagem. Em um estudo toponímico tal fato é bastante evidente, já que no seu léxico se enxerga a cultura de um povo.

Ao desenvolver essa pesquisa sobre Toponímia da região do Pantanal, enfocando os designativos que nomeiam as propriedades rurais, considerou-se importante levantar os traços característicos da região, tais como: aspectos físicos gerais, incluindo informações geomorfológicas e hidrográficas, condições econômicas, fauna, flora, regime climático, processo de ocupação e estrutura fundiária, uma vez que esses fatores constituem-se verdadeiros índices que poderão se verbalizar em formas denominativas. São, portanto, instrumentos metodológicos hábeis para o estudo onomástico.

Além disso, utilizou-se, também, da documentação cartográfica como uma representação simbólica da localização das sub-regiões e das propriedades rurais nelas inseridas, de forma a possibilitar dois planos de interpretação: o verbal, expresso nos nomes dos acidentes e em outras informações lingüísticas; e o não-verbal, caracterizado por símbolos convencionais distintos, segundo a natureza do acidente mapeado. Para tanto, adotamos o

conceito greimasiano de simbologia para quem “a notação simbólica deve ser considerada como um dispositivo visual de representação das unidades constitutivas de uma metalinguagem”,(GREIMAS, 1970, p. 424).

Assim, o levantamento do *corpus* relativo aos topônimos usados para denominar as propriedades rurais localizadas no Pantanal de Mato Grosso do Sul foi realizado junto ao Banco de dados da Embrapa Pantanal, que possui um cadastro das propriedades rurais localizadas nas sub-regiões do Pantanal, assim como no mapa “Fazendas do Pantanal”, elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento dessa instituição de pesquisa, na escala de 1:750000 que, segundo informações fornecidas pelos pesquisadores responsáveis, foi elaborado a partir de dados coletados em Cartas do Ministério do Exército (1982), e do IBGE (2003). Vale ressaltar que, os mapas numerados de 03 a 10, constantes neste trabalho, foram elaborados a partir do mapa “Fazendas do Pantanal”, obedecendo as coordenadas geográficas estabelecidas por Silva e Abdon (1998, p. 1704) para a delimitação de cada sub-região.

Para a análise dos dados tomou-se como base norteadora dados da Linguística Geral, especificamente o signo lingüístico na perspectiva de SAUSSURE (1970), FREGE (1978) e BENVENISTE (1991), relacionando-o ao signo toponímico revestido de função onomástica, portanto com feições características próprias e segundo os fundamentos teóricos propostos por DICK (1990).

Tendo como objeto de pesquisa a unidade lexical, o método empregado foi uma combinatória da leitura documental (consulta ao banco de dados da Embrapa Pantanal, conforme informação acima), não se desvinculando da indução, seguindo os parâmetros etno-sociolingüísticos.

Fez-se, ainda, uso de fontes diversas de estudiosos da zona pesquisada, conforme citação ao longo do trabalho, de forma a se conhecer aspectos importantes da região, uma vez que através deles pode-se alcançar a verdade do nome no conjunto da nomenclatura, sua

inscrição num esquema de coordenadas tempo-espaciais, sua contextualização (texto-objeto no contexto geral) e a sintonia entre o tempo da enunciação e o tempo real da produção do designativo, de modo a se chegar à motivação, que é objeto central deste trabalho.

Baseando-se na metodologia proposta por DICK (1990), o material toponímico pesquisado na rede onomástica foi sendo ordenado em esquemas classificatórios. A construção de uma ficha lexicográfico-toponímica⁵⁵, uma adaptação do modelo de DICK, revelou-se necessária para a interpretação dos dados, pois vários campos conceituais da ficha fornecem informações sobre cada um dos nomes, conforme modelo a seguir:

Código:	
Localização:	Município:
Topônimo:	Taxonomia:
Etimologia:	
Estrutura Morfológica:	
Informações Enciclopédicas:	
Fonte:	

(Figura 4 – Ficha Lexicográfico-Toponímica)

CÓDIGO: este campo refere-se ao código numérico atribuído a cada sub-região do Pantanal, a saber: o primeiro número, à esquerda, identifica a sub-região; os números subseqüentes correspondem à numeração individual de cada um dos topônimos. Assim, 1. Sub-região do Paiaguás, 2. Sub-região do Paraguai, 3. Sub-região da Nhecolândia, 4. Sub-região do Abobral; 5. Sub-região de Aquidauana; 6. Sub-região de Miranda; 7. Sub-região do Nabileque e 8. Sub-região de Porto Murtinho.

LOCALIZAÇÃO: corresponde ao local de registro/ ocorrência do topônimo.

⁵⁵ Este tipo de ficha, modelado por DICK ao longo dos anos (1980-2004), pode ser adaptável, em seus campos, de acordo com cada pesquisa, mas sua essência permanece e é um modelo que tem revelado grande praticidade e eficácia nas pesquisas toponímicas, sendo adotada pelo Projeto Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, coordenado por essa autora, como também por outros Atlas toponímicos em fase de desenvolvimento, no Brasil. (CARVALHINHOS, 2005, p. 143)

MUNICÍPIO: Indica o município ao qual a localidade a que o topônimo se refere está localizado.

TOPÔNIMO: refere-se ao nome do acidente humano coletado no banco de dados da Embrapa Pantanal, confrontado com o mapa “Fazendas do Pantanal”, elaborado pela mesma instituição de pesquisa.

TAXONOMIA: neste campo registra-se a taxa do topônimo, conforme se mostra no item 4.3. *As taxonomias toponímicas, isto é, o nome de lugar inscrito na ficha deverá receber uma classificação ou uma taxa como, por exemplo, *astrotopônimo* para o topônimo *Sol Levante*, *fitotopônimo* para o topônimo *Buriti Alegre*.*

ETIMOLOGIA: indica a procedência do topônimo contida em dicionários ou outras publicações, citados nas fichas. Nesse item procurou-se classificar cada um dos topônimos em relação à sua origem lingüística.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, conforme as abreviaturas relacionados abaixo:

Ns = Nome simples

Nc = Nome composto

Sb = Substantivo

Adj. = Adjetivo

Conec. = Conectivo

Num. = Numeral

Vb = Verbo

Prep. = Preposição

Art. = Artigo

Masc. = Masculino

Fem. = Feminino

Sing. = Singular

Pl. = Plural

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: neste campo, encontram-se informações várias sobre o topônimo estudado, embasando a classificação sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxonomia, a partir de informações colhidas em dicionários ou outras fontes, cuja referência bibliográfica é informada nas fichas.

FONTE: indica o local de onde foi coletado o topônimo. No caso desta pesquisa, o material foi coletado junto ao Banco de Dados da Embrapa Pantanal, confrontado com o mapa “Fazendas do Pantanal”, também da Embrapa.

Em alguns casos, ao lado do topônimo, aparece a inscrição (1) e (2); isso quer dizer que, na mesma sub-região, há a ocorrência de dois topônimos com a mesma denominação.

Vale lembrar, ainda, que as propriedades rurais que aparecem nos mapas ilustrativos das sub-regiões, recebem denominações diferenciadas, a saber; o termo *fazenda*, no contexto deste trabalho, é a 'propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado'; já o termo *retiro* é o 'lugar mais ou menos distante da sede da propriedade pastoril, onde se solta o gado para engorda', (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003). No Pantanal, *retiro*, também recebe a acepção de 'casa retirada da sede, onde vive o retireiro e onde se trabalha o gado', (NOGUEIRA, 2002, p.150). Há, ainda, porém em número bem reduzido, a ocorrência do termo *estância*, que segundo Houaiss, é a 'grande propriedade rural; fazenda', tido como um regionalismo do Sul do Brasil. No levantamento do corpus foi encontrada apenas uma ocorrência do termo *estância*, sendo antecedido do termo fazenda (Fazenda Estância Brasil), razão pela qual consideramos, em nossa análise, o termo *fazenda* como o termo genérico e *estância* o termo específico, ou topônimo propriamente dito.

IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta parte do trabalho estrutura-se em duas partes. Na primeira encontram-se as Fichas lexicográfico-toponímicas, que se apresentam como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo. Essas fichas estão organizadas por sub-região, a saber: 1. Sub-região do Paiaguás, 2. Sub-região do Paraguai, 3. Sub-região da Nhecolândia, 4. Sub-região do Abobral; 5. Sub-região de Aquidauana; 6. Sub-região de Miranda; 7. Sub-região do Nabileque e 8. Sub-região de Porto Murtinho. A segunda parte, contém as tabelas com a quantificação e classificação dos topônimos por sub-região e a análise e discussão dos resultados, ilustrada com gráficos que mostram a porcentagem das taxonomias encontradas no Pantanal, as taxonomias ocorrentes em cada sub-região.

1. Fichas lexicográfico-toponímicas

1.1. Sub-Região de Paiaguás

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.001

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Sol Levante

Taxonomia: Astrotopônimo

Etimologia: do latim *sol, sōlis* 'sol, astro, deus'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Corresponde a 'hora em que o sol aparece no horizonte', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.002

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Buriti Alegre

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *mbiri'ti* 'espécie de palmeira'; var. com *mb-* > *b-* ou *m-*; *morety, moritim, muruty, buritis* (Sampaio, 1928)

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj)

Informações Enciclopédicas: palmeira (*Astrocaryum burity*) nativa do Brasil, de cujas folhas se extrai fibra conhecida como fibra de tucum, espécie muito comum no Pantanal, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.003

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Pimenteira

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *pimenta, órum* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: designação comum a plantas do gênero *Capsicum, Solanum* e *Piper*, nativas da América Tropical, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.004

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Palmeira

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim 'palma, palmi, palmal', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: designativo comum às plantas da família das palmas, especialmente às de porte arbóreo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.005

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Piúva

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *ipi'íwa, i'pe* 'casca' + *'íwa* 'planta'; (Sampaio, 1928, p. 103)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: árvore de até 30 m (*Macrolobium brevense*), nativa do Brasil, de cerne e córtice vermelhos, também conhecida como ipê-rosa, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.006

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Embaúba

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *amba'íwa* 'nome comum a várias plantas da família das cecropiáceas; embaubeira'; (Sampaio, 1928)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: árvore (*Cecropia peltata*) nativa de regiões tropicais das

Américas, que nasce em lugares sombrios, com folhas esp. ásperas, cultivada para extração de polpa e como ornamental;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.007

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Dalva

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus*, *i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região em questão é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.008

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Baía do Tarumã

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do part. *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Conec. + Adj.).

Informações Enciclopédicas: Na região do Pantanal, o termo “baía” é empregado com a seguinte acepção:”lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.009

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Baía Verde

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do part. *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Na região do Pantanal, o termo “baía” é empregado com a seguinte acepção:”lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.010**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía Mineira**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do part. *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Na região do Pantanal, o termo “baía” é empregado com a seguinte acepção: “lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.011**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía das Moças**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do part. *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Conec. + Sb.Fem.Pl.)

Informações Enciclopédicas: Na região do Pantanal, o termo “baía” é empregado com a seguinte acepção: “lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.012**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Água Rasa**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: do latim *aqua,ae* 'água'; ver *aqüe-*; fontes históricas do século XIII *agua*, *aga*, *augua* > *água* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Essa acepção é dada à camada de água encontrada na parte mais rasa de uma coluna de água, com densidade menor que o restante da coluna. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.013**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Lagoa Parada**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: para José Pedro Machado, do latim *lacóna* por *lacúna,ae* 'fosso, poça, lagoa, brejo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Na região do pantanal é freqüente a presença de lagoas de pequena e média profundidade, contendo água doce ou salgada.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.014

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Corixão

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: origem desconhecida

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: Na região do pantanal é freqüente a presença de corixos, que são pequenos cursos fluviais, de leito próprio, que ligam “baías” contíguas (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.015

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Itaúna

Taxonomia: Litotopônimo

Etimologia: do tupi *i'ta* 'pedra' + tupi *'una* 'negro', 'a pedra preta', 'o minério', (Sampaio, 1928, p. 236)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Emprega-se também o nome *Itaúna* para diversas rochas de coloração negra, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.016

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Ouro Fino

Taxonomia: Litotopônimo

Etimologia: do latim *aurum,i* 'ouro' 'metal brilhante e precioso' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: A expressão 'ouro fino' costuma ser empregada também para designar pessoa ou coisa de grande qualidade, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.017

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Lambari

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 1996), a origem é controversa; provavelmente do tupi *arawe'ri* 'nome de várias espécies de peixes

da família dos caracídeos', através de *araberi* > *arambari* > *alambari* > *lambari* e divergente de *arauiri* (do mesmo tupi *arawe'ri* 'peixe da família dos caracídeos'), (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Peixe de pequeno porte, com ampla distribuição nos rios brasileiros, inclusive nos rios do Pantanal Sul-Mato-Grossense, e muito usado para alimentação de famílias ribeirinhas.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.018

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Perdizes

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do latim *perdix,icis* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Pl.)

Informações Enciclopédicas: essa espécie de ave é encontrada em áreas campestres, cerrados e buritizais; com cerca de 37,5 cm de comprimento, possui bico forte, plumagem parda com manchas escuras e asas ferrugíneas, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.019

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Irapuã

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: tupi *eirapu'a* < *e'ira* 'mel' + *apu'a* 'redondo como bola', (Sampaio, 1928)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: *Irapuam* - de *ira* - mel e *apuam* - redondo: é o nome dado a uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua colméia, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.020

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Taiamã

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do tupi *tay'mã* 'pequeno pássaro', (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: essa espécie de ave é encontrada em áreas campestres e alagadiças, principalmente no Pantanal Sul-mato-grossense, possui bico forte, plumagem cinza e cabeça avermelhada, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.021**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Birigui**Taxonomia:** Zootopônimo**Etimologia:** do tupi *mberu'wi* (*mbe'ru* 'mosca' 'mosquito' + '(w)i' 'pequeno') (Sampaio, 1928)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Inseto díptero, parasito do homem e vetor de diversas doenças; na fase larval cria-se em bambus ou bromeliáceas. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.022**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Modelo**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim vulgar *modellum*, *i* diminutivo de *mòdus*, *i* 'imagem que se copia, o que se deve imitar, pela sua perfeição' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** esse topônimo foi classificado como 'animotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou como fonte de inspiração'.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.023**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Eldorado**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do espanhol *el dorado* 'o dourado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** 'cidade ou país fictício que exploradores do século XVI afirmavam existir na América do Sul; 'local pródigo em riquezas e oportunidades'. Esse topônimo foi classificado como 'animotopônimo' em razão de adotar-se a segunda acepção.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.024**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Bela Vista**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *bellus*, *a*, *um* 'belo, bela', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** esse topônimo foi classificado como 'animotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que provoca uma sensação de serenidade ou de apazibilidade', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.025**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Milagre**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *miraculum, i* 'prodígio, maravilha, coisa prodigiosa, extraordinária'; fonte histórica dos sXIII *miragres*, sXIV *milagre*, sXIV *melagre*, sXIV *millagre*, sXIV *mjlagre*, sXV *milagros* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** esse topônimo foi classificado como 'animotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'ato ou acontecimento fora do comum, inexplicável pelas leis naturais' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.026**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Sagrada**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sacrátus, a, um*, particípio passado de *sacrare* 'consagrar, sagrar, dar caráter sagrado a; votar, dedicar', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** esse topônimo foi classificado como 'hierotônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'lugar vedado à profanação; local privilegiado', 'local de culto religioso', portanto, local sagrado.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.027**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Bonsucesso**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *bonus, a, um* 'bom', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc + Subs)**Informações Enciclopédicas:** Esse topônimo foi classificado como 'animotônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que desempenha bem sua função ou papel, de acordo com as expectativas do meio em que se insere', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.028**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Formoso**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *formósus, a, um*, de *forma, ae*; até meados do sXVII as formas semi-eruditas *fermoso* (dissimilação de *formoso*) e *fremoso* eram as usuais, ainda que já se registre no português medieval o uso esporádico da forma erudita *formoso* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Adj. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Esse topônimo foi classificado como 'animotônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'de forma ou aparência agradável, bela, bonita, bem feita', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.029

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Maria Auxiliadora

Taxonomia: Antropotônimo

Etimologia: São muitos os étimos propostos. Correspondentes: do hebraico *Miryám*; árabe e etíope *Maryam*. Segundo o Pe. E. Vogt, *Maria* é adaptação grega de *Mryám*, antiga forma hebraica, que significa 'excelsa, sublime', (Guérios, 1981, p.171).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj)

Informações Enciclopédicas: Segundo Carvalhinhos (2005, p. 165) A figura de Maria é um símbolo ou um arquétipo da Grande Mãe. [...] Por isso, os vários nomes compostos tendo Maria como primeiro elemento são uma tentativa de consolidar o poder de Maria, através da criação de um símbolo feminino divino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.030

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Guilherme

Taxonomia: Antropotônimo

Etimologia: do germânico *Willahalm*; alemão *Wilhelm* 'que protege, protetor' (Guérios, 1981, p.171).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Indica um homem que se orgulha da sua força (física, mental ou moral) e se vale dela para auxiliar a pessoas de quem gosta, (Guérios, 1981, p.171).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.031

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Nova Esperança

Taxonomia: Cronotônimo

Etimologia: do latim *nōvus, a, um*, novo, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Subs. Fem.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.032

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Nova Estância **Taxonomia:** Cronotopônimo
Etimologia: do latim *nòvus,a,um*, novo, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Subs. Fem.)
Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.033 **Município:** Corumbá
Localização: Sub-Região de Paiaguás **Taxonomia:** Cronotopônimo
Topônimo: Novo Horizonte
Etimologia: do latim *nòvus,a,um*, novo, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Subs. Masc.)
Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.034 **Município:** Corumbá
Localização: Sub-Região de Paiaguás **Taxonomia:** Corotopônimo
Topônimo: Lisboa
Etimologia: *topônimo pré-romano: Olisippon > Lisbona > Lisbõa, Lixbõa.* (Guérios, 1981, p.163).
Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem.)
Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'corotopônimo' em razão de tratar-se de nome de cidade; Lisboa, capital de Portugal.
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.035 **Município:** Corumbá
Localização: Sub-Região de Paiaguás **Taxonomia:** Corotopônimo
Topônimo: Cantagalo
Etimologia: do italiano *Cantagallo*, nome próprio.
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: o nome da localidade foi dado em virtude de existir a cidade Cantagalo, no interior do estado do Rio de Janeiro. Cabe, aqui, também o registro de **Cantagallo** é uma comunidade italiana da região da Toscana, província de Prato, com cerca de 2.813 habitantes. Estende-se por uma área de 95 km², tendo uma densidade populacional de 30 hab/km². Faz fronteira com Barberino di Mugello (FI), Camugnano (BO), Montale (PT), Montemurlo, Pistoia (PT), Sambuca Pistoiese (PT), Vaiano, Vernio. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantagallo>, acessado em 10/07/2006).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.036**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Piracicaba**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do tupi *pi'ra* 'peixe' e *syi'kab* 'fim, conclusão, chegada', 'lugar aonde chegam os peixes', (Sampaio, 1928)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** o nome da localidade foi dado em virtude de existir a cidade Piracicaba, no interior do estado de São Paulo.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.037**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Piratininga**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do tupi *pira-tinga* 'o peixe a secar, o seca-peixe', (Sampaio, 1928).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** 'designa o rio que, por efeito de transbordamento, deita peixe for e o deixa seco exposto ao sol' (Sampaio, 1928, p. 292). O nome da localidade foi dado em virtude de existir a cidade Piratininga, no interior do estado de São Paulo.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.038**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Ipiranga**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** originário do do tupi *rio vermelho*, (<http://pt.wikipedia.org>)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** **Ipiranga** é um distrito localizado na região sudeste do município de São Paulo (<http://pt.wikipedia.org>). O nome da localidade foi dado em virtude de existir um bairro na cidade de São Paulo.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.039**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Candelária**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** radical do latim *candēla, ae* 'vela, candeia, círio, tocha' + *-ária*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** O nome da localidade foi dado em virtude de existir a cidade no estado do Rio Grande do Sul.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.040**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Rancho Novo**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do espanhol *rancho* 'cabana rústica', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'habitação precária, pobre; choça, choupana, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; fazenda de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.041**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Rancho Alegre**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do espanhol *rancho* 'cabana rústica', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'habitação precária, pobre; choça, choupana, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; fazenda de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.042**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Piraquara**Taxonomia:** Sociotopônimo**Etimologia:** do tupi *pira'kwara* 'buraco de peixe, pesqueiro', formado do tupi *pi'ra* 'peixe' + *'kwara* 'buraco, toca', (Sampaio, 1928).**Estrutura Morfológica:** Ns(Subs. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** este toponônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: Alcinha com que se designam os moradores das margens do rio Paraíba do Sul, cuja ocupação predileta é a pesca, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.043**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Sonrisal**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** não encontrada**Estrutura Morfológica:** Ns(Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Na área da Farmácia o termo *sonrisal* é nome de "fantasia"

do bicarbonato de sódio.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.044

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Bandeira

Taxonomia: Ergotopônimo

Etimologia: provavelmente do espanhol *bandera* < castelhano *banda* < gótico *bandwa* 'senha, sinal'; o significado de *banda* como 'bandeira' provém do gótico *manwjan*; segundo fontes históricas *bandeira* > *bādeyra* > *bandejra*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: peça, geralmente de pano retangular, com as cores e emblema de uma nação, estado, instituição religiosa, agremiação política, recreativa ou desportiva (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.045

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Poleiro Grande

Taxonomia: Ergotopônimo

Etimologia: do latim *pullariu*, fonte histórica do sXIII *poleyr*, sXV *polleiro*, 1720 *poleiro* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc(Sb. Masc.+ Adj.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como ergotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: conjunto de varas dispostas horizontalmente à maneira de escada, geralmente dentro dos galinheiros, onde as aves domésticas pousam (Michaelis, ed. eletrônica, 2004)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.046

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Curral Velho

Taxonomia: Sociotopônimo

Etimologia: origem duvidosa, talvez do latim *currare, is* 'circo para corridas de carros, lugar em que se guardam veículos', do latim *currus, us* 'carro'; cf. a argumentação de Corominas sobre o vocábulo espanhol *corral*; fonte histórica *cural* > *curraes* > *curraes* > *currall* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc(Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado, especialmente bovino; estábulo, redil (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.047**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Lourdes**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem + Sb. Fem)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.048**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Rosa**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que ou aquela que foi canonizada e/ ou a quem os fiéis rendem culto', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.049**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Gonçalo**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto'. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.050**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santo Antonio (1)**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.051

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Sebastião

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj.Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.052

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Catarina

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.053

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Cristóvão

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto'. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.054**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santo Antonio (2)**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.055**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Mônica**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj.+ Subs.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.056**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Luzia**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.057**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santana**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os

fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). 'Santana' é uma aglutinação de Santa + Ana.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.058

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Fernando

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.059

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Pedro

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.060

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Lúcia

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.061**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Roque**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj.Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.062**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santo Onofre**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.063**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Amália**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.064**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Cruz**Taxonomia:** Hierotopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Embora o primeiro elemento da composição é que seja

objeto de classificação na teoria toponímica de Dick (1990, p. 13), neste topônimo levou-se em consideração também o sentido do segundo elemento para classificá-lo como um hagiopônimo, uma vez que em *santa cruz* subentende-se que se trata de uma *cruz que se tornou santa*, ou seja, trata-se do instrumento em que Jesus Cristo esteve crucificado e que se tornou símbolo da religião cristã.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.065

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Edwirges

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.066

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Domingos

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de *santo*, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.067

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Glória

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.068**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Isabel**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.069**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santo Estevão**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.070**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** São João**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.071**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Luiz**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em

razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.072

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Bento

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.073

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: São Paulo

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.074

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Leopoldina

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 1.075**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Clemente**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb.Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.076**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Branca**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.077**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Leopoldina**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 1.078**Localização:** Sub-Região de Paiaguás**Município:** Corumbá**Topônimo:** Dois Ipês**Taxonomia:** Numerotoônimo**Etimologia:** do latim *duo,ae,o* 'dois, duas' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Nm. Masc. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como numerotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: cardinal que equivale a essa quantidade; diz-se de

medida ou do que é contável (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.079

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Dois Buritis

Taxonomia: Numerotopônimo

Etimologia: do latim *duo,ae,o* 'dois, duas' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Nm. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como numerotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: cardinal que equivale a essa quantidade; diz-se de medida ou do que é contável (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.080

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Três Estrelas

Taxonomia: Numerotopônimo

Etimologia: do latim *tres,tres,tria* ; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Nm. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como numerotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: cardinal que equivale a essa quantidade; diz-se de medida ou do que é contável (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.081

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Aldeia

Taxonomia: Poliotopônimo

Etimologia: do árabe *ad-dayHa*, ; segundo fonte histórica *aldeia > aldeia > aldeã > aldeya > alldeia*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como poliotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'povoação de pequenas proporções, menor do que a vila; povoação rural, povoado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.082

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Município: Corumbá

Topônimo: Caiçara

Taxonomia: Sociotopônimo

Etimologia: do tupi *kaai'sa* 'cerca de ramos, fortificação para vedar o trânsito'; também *caiçará* 'pescador praiano'; fonte histórica *caiçá > caiçara > caicá > caissara*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'habitante do litoral, que vive de modo rústico, especialmente da pesca ou de atividade próxima', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.083
Localização: Sub-Região de Paiaguás
Topônimo: Viveirinho
Etimologia: do latim *vivarium, i* 'cerca ou pátio em que se cria animais'; fonte histórica 1662 *viveyros*, 1721 *viveiro*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'lugar onde se reproduzem e se conservam animais vivos', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.084
Localização: Sub-Região de Paiaguás
Topônimo: Tendal
Etimologia: tender/ tenda, sb. masc.
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.), (Nogueira, 2002, p. 151).
Informações Enciclopédicas: Construção rústica, feita com esteios e ripas de madeira, onde são penduradas as mantas de carne salgadas, para arear ou secar. É revestido de tela, para evitar o contato com insetos nocivos. Variante lexical: varal. (Nogueira, 2002, p. 151). Este topônimo foi classificado como ergotopônimo em razão de tratar-se de "um elemento da cultura material" (Dick, 1990, p. 33).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.085
Localização: Sub-Região de Paiaguás
Topônimo: Recreio
Etimologia: derivação regressiva de *recrear*; fonte histórica *recreo* > *recreio* > *recreo* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'lugar próprio para se recrear', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.086
Localização: Sub-Região de Paiaguás
Topônimo: Carunal
Município: Corumbá
Taxonomia: Sem Classificação

Etimologia: não encontrada

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi considerado como *sem classificação* em razão de não ter sido encontrado em fontes bibliográficas qualquer referência sobre ele.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 1.087

Localização: Sub-Região de Paiaguás

Topônimo: Sansaruê

Etimologia: não encontrada

Estrutura Morfológica: Ns (Subs.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi considerado como *sem classificação* em razão de não ter sido encontrado em fontes bibliográficas qualquer referência sobre ele.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Sem Classificação

1.2. Sub-Região do Paraguai

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.001

Localização: Sub-Região do Paraguai

Topônimo: Faia

Etimologia: do latim *fāgèa*, feminino de *fāgèus, à, ùm*, 'faia', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: árvore de até 5 m (*Emmotum nitens*), da família das icacináceas, nativa do Brasil (PE, BA, GO), de folhas ovaladas, flores amarelas com o interior purpúreo-escuro, em pequenas panículas axilares, geminadas ou tríplexes, e drupas suberosas ou lenhosas

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Fitotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.002

Localização: Sub-Região do Paraguai

Topônimo: Piuval

Etimologia: do tupi *ipi'ïwa*, *ĩ'pe* 'casca' + *ïwa* 'planta'; (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: árvore de até 30 m (*Macrolobium brevense*), nativa do Brasil, de cerne e córtice vermelhos, também conhecida como ipê-rosa. *Piuval* coletivo de piúva, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Fitotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 2.003**Localização:** Sub-Região do Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** Angical**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** origem obscura; Nei Lopes admite a possibilidade do quicongo *nsiki* 'nome da árvore *Morinda citrifolia*', já José Pedro Machado indaga se não seria do tupi, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** árvore de até 12 m (*Piptadenia paniculata*), nativa do Brasil (RJ, MT, GO), de folhas com folíolos ovalados e frutos oblongos, membranosos, internamente brancos (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). *Angical* coletivo de angico**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 2.004**Localização:** Sub-Região do Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** Acurizal**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *iwaku'ri* 'espécie de palmeira', (Sampaio, 1928).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** Palmeira nativa do Brasil, muito comum em (MT, MS), de pequeno porte, folhagem basta e folhas grandes. Extenso aglomerado de acuris em determinada área, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 2.005**Localização:** Sub-Região do Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** Morro do Mel**Taxonomia:** Geomorfotopônimo**Etimologia:** de origem controversa, que tem sido ligada a línguas pré-romanas, ao latim, ao germânico, a uma criação onomatopaica, etc., sem que as diversas hipóteses consigam explicá-la satisfatoriamente (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc(Sb.Masc. + Conec. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** pequena elevação em uma planície, morro 'monte ou penhasco saliente mas de pico achatado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). *Morro* é topônimo no Brasil, em Portugal e nas Ilhas, segundo MACHADO (1984).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 2.006**Localização:** Sub-Região do Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** Lagoa Bonita**Taxonomia:** Hidrotopônimo**Etimologia:** para José Pedro Machado, do latim *lacóna* por *lacúna,ae* 'fosso, poça, lagoa, brejo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb.Fem. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** Na região do pantanal é freqüente a presença de lagoas de

pequena e média profundidade, contendo água doce ou salgada.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.007

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Areião

Taxonomia: Litotopônimo

Etimologia: do latim (*h*)*aréna,ae* 'areia, fonte histórica do sXIII *area*, 1344 *area*, sXV *areea* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: massa solta, pulverulenta, que reúne grânulos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, e que é encontrada no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.008

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Boa Esperança

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do latim *bonus,a,um* 'bom', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quanto à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc. (falando de ser ou coisa); feminino de bom, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.009

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Frei Leopoldo

Taxonomia: Axiotopônimo

Etimologia: do provençal antigo *fraire*, forma apocopada de *freire*; fonte histórica: *frei* > *frey* > *ffrey* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: religioso, membro de antigas ordens religiosas e militares (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.010

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Rondonópolis

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: sobrenome de origem francesa, de *rond*, 'redondo', mas equivalente de *rondelet*, 'gorducho, rechonchudo', (Guérios, 1981, p.214)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: este topônimo foi classificado como *corotopônimo* em razão de referir-se ao topônimo Rondonópolis (MT), cujo nome foi uma homenagem à figura histórica do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.011

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Califórnia

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: topônimo *Califórnia*, por alusão à corrida do ouro de 1848, na Califórnia (E.U.A.); por extensão 'algo que traz ou propicia riqueza' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: este topônimo foi classificado como *corotopônimo* em razão de referir-se ao topônimo Califórnia (E.U.A.).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.012

Localização: Sub-Região do Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Castelo

Taxonomia: Ecotopônimo

Etimologia: do latim *castellum*, 'praça forte, reduto, castelo, asilo, refúgio'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: residência real ou senhorial dotada de fortificações, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.013

Localização: Sub-Região de Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: São Jorge

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.014

Localização: Sub-Região de Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Isabel

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj.Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.015

Localização: Sub-Região de Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: São Benedito

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj.Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.016

Localização: Sub-Região de Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Santo Amaro

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 2.017

Localização: Sub-Região de Paraguai

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Inês

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj.Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 2.018**Localização:** Sub-Região de Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** São José**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 2.019**Localização:** Sub-Região de Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** São João da Patrulha**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 2.020**Localização:** Sub-Região de Paraguai**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Rosa**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**1.3. Sub- Região da Nhecolândia****Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.001**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Horizonte**Taxonomia:** Cardinopônimo

Etimologia: do latim *horizon,ontis* 'horizonte', este do grego *horízon,ontos* (subentendido *kúklos* 'círculo') 'círculo separador; horizonte'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: linha circular em que a terra ou o mar parece unir-se ao céu, e que limita o campo visual de uma pessoa situada num lugar onde não há obstáculos à vista, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Este topônimo foi classificado como cardinotopônimo em razão de ter-se adotado a acepção acima.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.002

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Fundão

Taxonomia: Dimensiotopônimo

Etimologia: do latim *fundus,i* (tb. *fundus,us* e *fundus,eris*) 'fundo (solo, rio, mar, vaso, armário), fundo (da terra)', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: a parte de um lugar, uma região mais distante, mais recuada do ponto de acesso ou mais recôndita, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.003

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Panorama

Taxonomia: Dimensiotopônimo

Etimologia: do Grego *pán*, todo + *hórama*, vista, (Dic. Univers. da Língua Portuguesa, ed. eletrônica)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: visão ampla, em todas as direções, sem obstáculos e geralmente de um ponto mais alto, de uma área extensa; paisagem, vista, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.004

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Laranjeiras

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do árabe *nárandja*, do persa *nárang*, este do sânscrito *náringa*; fonte histórica 1563 *naranja*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf. Pl.)

Informações Enciclopédicas: árvore de até 9 m (*Citrus aurantium*), nativa do Sudeste da Ásia, de copa densa e arredondada, caule armado de espinhos finos e longos, folhas elípticas com pecíolo alado, flores brancas aromáticas, em cimeiras axilares, e frutos esféricos de superfície áspera, coloração alaranjada ou avermelhada quando bem maduros, casca muito aromática e amarga, polpa ácida e amarga, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.005**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Coqueiro**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do latim *coccu*, 'fruto do coqueiro', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** palmeira de até 30 m (*Cocos nucifera*), originária das ilhas do Pacífico, de estipe cilíndrico, mais largo na base e curvado pela ação do vento, que ocorre e é cultivada em diversas regiões tropicais; coletivo cocal, cocais, coqueiral, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.006**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Bocaiúva**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *mboka'ïwa* 'fruto que abre, quebra-se com ruído', formado de '*mboka* 'abertura, fenda' e '*i'wa* 'fruta, fruto'; fonte histórica de 1734 *bocayuba*, 1792 *bocayucas*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** palmeira de até 7 m (*Acrocomia mokayayba*), nativa do Paraguai e do Brasil (MT e MS), com estipe liso, frutos de polpa comestível, amarela e doce, com propriedades expectorantes (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.007**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Tarumã**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *taru'mã*; (Sampaio, 1928).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** planta da família das verbenáceas, árvore (*Vitex montevidensis*) nativa do Brasil, de folhas compostas, flores purpúreas e drupas comestíveis, que fornece madeira para construção civil e óleo medicinal; também conhecida como azeitona-da-terra, azeitona-do-mato, grataúba, sombra-de-touro, tarumã-da-mata, tarumã-do-mato, tarumã-romã, turumã, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.008**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Palmeiras**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do latim 'palma, palmi', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem. + Suf. + Pl.)**Informações Enciclopédicas:** designativo comum às plantas da família das palmas,

especialmente às de porte arbóreo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.009

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Cira

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.010

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Neta

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.011

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Leda

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.012

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Verde

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.013

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Lea

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.014

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campo Alegre

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de gado bovino.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.015

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Campina

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: formação herbácea contínua e desprovida de árvores (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.016

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Pimenteira

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *pigmenta, órum* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: designação comum a plantas do gênero *Capsicum*, *Solanum* e *Piper*, nativas da América Tropical, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.017

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Mangaba

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *ma'ngawa* 'planta da família das apocináceas'; fonte histórica: *mangabas* > *mangaba* > *mãgaua* > *mangavas* > *manguauas* > *mangabá* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: fruto da mangabeira; mangaba-ovo; é comestível e usado no fabrico de bebida vinosa (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.018

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Limeira

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do árabe *limá* 'fruto da limeira'; fonte histórica: *limeyra* > *limeira* (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: planta pertencente ao gênero *Citrus aurantifolia*, também conhecida como *limeira-da-pérsia*. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.019

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Palmeirinha

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim 'palma, palmi', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: designativo comum às plantas da família das palmas, especialmente às de porte arbóreo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). É importante lembrar que o sufixo diminutivo *-inha* pode remeter ao sentido de diminuição 'palmeira pequena' ou ao sentido afetivo. Dada a existência, no Pantanal, de várias espécies de palmeiras, de pequeno e grande porte, é provável que neste contexto, o denominador tenha como referente o primeiro sentido.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.020

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Cerradinho

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: particípio de *cerrar*; fonte histórica: *sarrado* > *asarrado* > *carado* > *ssarrado* > *çerado* > *cerrado* adj; *sarrado* > *çarrado* sb. masc., (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: mata xerófito dos planaltos, de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são geralmente pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa; campo cerrado, cerradão, mato grosso (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Na região da Nhecolândia há ocorrência de imensas área de campos. A vegetação arbórea existente é de pequeno porte, em virtude do solo arenoso. Talvez esteja aí a razão para que o denominador tenha optado pela denominação 'Cerradinho'.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.021

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Morrinho

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: de origem controversa, que tem sido ligada a línguas pré-romanas, ao latim, ao germânico, a uma criação onomatopaica, etc., sem que as diversas hipóteses consigam explicá-la satisfatoriamente (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: pequena elevação em uma planície, morro 'monte ou penhasco saliente mas de pico achatado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). *Morro* é topônimo no Brasil, em Portugal e nas Ilhas, segundo MACHADO (1984). Devido a baixa declividade da região, por se tratar de uma planície, são poucas as ocorrências de áreas mais elevadas, como 'cordilheiras' e 'morrinhos'.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.022

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Corcovado

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: particípio de *corcovar*; fonte histórica: *corcouado* > *acorcovado* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: O Corcovado é um dos morros da cidade do Rio de Janeiro, célebre no Brasil e no mundo, no qual tem-se a estátua do Cristo Redentor, de 38 metros de altura.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.023

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Boqueirão

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: boqueira + *-ão*; ver *boc(a)*-; fonte histórica: *boqueeroes* > *boqueirom* > *boqueram* > *boqueyram* > *boqueirão* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.+ Suf. *-eira* + Suf. *-ão*)

Informações Enciclopédicas: abertura larga para um campo após estrada estreita ou desfiladeiro. Abertura de rio ou canal, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.024

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Barra Mansa

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: segundo Machado (1984) “esse nome veio de céltico para o português, com os significados vernáculos de tranca de ferro, peça de leme, entrada estreita de um porto, etc.”.

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: segundo Machado (1984), é termo peculiar à geografia física brasileira, com o sentido de *foz* ou *embocadura*, e a *barra* indica o ponto de confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). Ainda, de acordo com Machado, Barra, é topônimo em Barcelos, Braga, Felgueiras, Figueira da Foz, Mangualde, Mira, Ovar, São Pedro do Sul, Resende e Vila Verde, em Portugal. No Brasil, aparece em numerosos compostos como em: Barra do Garças (MT), Barra do Bugres (MT), São João da Barra (SP), Barra Longa (MG), etc.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.025

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Barranco Branco

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: origem controvertida; tido como proveniente de radicais múltiplos convergentes; provavelmente de uma base pré-romana de latinização tardia *barrancus* (1094, citada por Du Cange), ocorre em várias línguas românicas, cf. espanhol *barranco* (1285) 'local de depósito' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: ribanceira de um rio com margem íngreme ou alta (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.026

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Vargem Alegre

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: origem controvertida; Nascentes, s.v. *varga*, atribui a *barga* 'cabana', de língua pré-romana, dizendo, ainda, que "esta palavra teria passado do sentido de 'choça' para o de 'cercado de uma paliçada destinada a colher peixes, lugar inundado'; de *varga*, ter-se-ia *várzea* (como em *hástea*, *lágea*), *varge*, explicada como variação de *vargem*, esta como variação de *várzea* sob influência das palatais terminadas em *-gem*, *vargim* como diminutivo de *varge*"; fonte histórica: *uarzea* > *varzia* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Essa acepção é dada à grande extensão de terra plana; abarga, barga, planície, vale; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.027**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Lagoa dos Pássaros**Taxonomia:** Hidrototopônimo**Etimologia:** do latim *aqua, ae* 'água'; ver *aqüe-*; fonte histórica do século XIII *agua, aga, augua* > *água* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Sc (Subs. Fem. + Prep. + Art + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** Essa acepção é dada à camada de água encontrada na parte mais rasa de uma coluna de água, com densidade menor que o restante da coluna. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.028**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía Rica**Taxonomia:** Hidrototopônimo**Etimologia:** de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.029**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía Grande**Taxonomia:** Hidrototopônimo**Etimologia:** de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.030**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía dos Patos**Taxonomia:** Hidrototopônimo**Etimologia:** de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo

francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep. + Art. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.031

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Baía das Pedras

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep. + Art. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.032

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Baía Suja

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito freqüentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.033

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Baía do Cervo

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep. + Art. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de

dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.034

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Rio Negro

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: do latim vulgar *ríus*, este do latim clássico *rivus*, 'ribeiro, arroio, regato, corrente de água'; fonte histórica: *riu* > *rio* > *rrio* > *rijos* > *rriio* > *rryo* (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago, (Houaiss, ed. eletrônica). No Pantanal há o acidente físico *rio Negro*, um dos mais importantes afluentes do rio Paraguai. A propriedade rural *Fazenda Rio Negro* está localizada junto as marges desse rio.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.035

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Aguazuzinho

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: do tupi y 'rio, água' + *açu* 'grande' (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: Embora em tupi *Iguaçu* signifique 'rio grande', há a presença de um sufixo diminutivo *-inho*, delimitando a extensão desse “rio”.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.036

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Corixão

Taxonomia: Hidrototopônimo

Etimologia: origem desconhecida

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: Na região do pantanal é frequente a presença de corixos, que são pequenos cursos fluviais, de leito próprio, que ligam “baías” contíguas (Nogueira, 1989).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.037

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Boi Branco

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do latim *bos*, *bòvis* 'boi, vaca'; fonte histórica 921 *bo*, sXIII *boi*, sXIII *boy* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Mamífero (*Bos taurus*), amplamente distribuído pelo mundo devido à domesticação, usado para trabalhos diversos e produção de carne, couro, leite. Dele existem diversas raças. Muito presente na região do pantanal.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.038

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Cordeiro

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do latim vulgar *cordarius*, ligado ao adjetivo latino *córdus* ou *chódus*, *a,um* 'que nasce tarde, tardio (frutas ou animais)', fonte histórica: *cordeyro* > *cordeiro* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Mamífero, filhote de carneiro, assim considerado até um ano de idade; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.039

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Sucuri

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: tupi *suku'ri* 'morde rápido'; réptil ofídio da família dos boídeos, *sucurijuba*'; (Sampaio, 1928)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: serpente da família dos boídeos (*Eunectes murinus*), encontrada do Norte da América do Sul até a Bolívia e Paraguai, de coloração marrom, verde ou olivácea, com grandes manchas pretas arredondadas; é a maior serpente do mundo, podendo alcançar cerca de 10 m de comprimento, e vive à beira da água ou mergulhada em rios e lagoas, onde se alimenta de vertebrados de tamanhos variados, que são mortos geralmente por constrição; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Nos rios do Pantanal há muita ocorrência desse tipo de serpente, geralmente de grande tamanho, que se alimenta de bezerras e pequenos animais.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.040

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Cervo Novo

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do latim *cervum*, *i* 'veado, cervo'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: designativo comum aos veados do gênero *Cervus*; na região do pantanal é encontrado o *cervo-do-pantanal* (*Blastocerus dichotomus*), (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.041**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Fortuna**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *fortuna,ae* 'fortuna, sorte, acontecimento (bom ou mau); quinhão; posição; bens, riquezas'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** na crença dos antigos, deusa que presidia ao bem e ao mal; por extensão de sentido.força à qual se atribui o poder de influir no êxito ou no insucesso, na ventura ou desventura das pessoas ou de suas empresas; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.042**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Vitória**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *victoria,ae* 'vitória, triunfo; fonte histórica: *vitória > uictoria > uitorya > vvtoria > vitorea*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** êxito alcançado na debelação de qualquer adversidade, ou como resultado de certos esforços; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.043**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Aliança**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do francês *alliance, allier*, do latim *alligare, de ligare*; fonte histórica: *aliança > allyança* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos para determinada finalidade; união; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.044**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Promissão**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *promissio,ónis*, radical de *promissum*, supostamente de *promitère* fonte histórica: *promisom > promissõ > promissam > promjssoes* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** ato ou efeito de prometer; promessa; a coisa prometida; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.045**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Paraíso**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *paradísus* 'jardim próximo à casa, jardim; o paraíso terrestre; o paraíso celeste'; fonte histórica: *parayso* > *paraíso* > *paraiisso* > *prayso* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** lugar em que reina a felicidade; qualquer lugar agradável e prazeroso; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.046**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Alegria**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim vulgr *alicer* (genitivo *alècris*), em vez do latim clássico *alàcer, alàcris, alàcre* 'vivo, animado, feliz, bem-disposto', fonte histórica: *allegre* > *elegre* > *alegre* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** estado de viva satisfação, de vivo contentamento; regozijo, júbilo, prazer; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.047**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Livrada**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *libèro, as, ávi, átum, áre* 'pôr em liberdade, libertar, fonte histórica: *liurar* > *libra* > *lyurar*. É forma de particípio de *livrar*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** desvencilhar(-se) de situação difícil ou perigosa; pôr(-se) a salvo; defender(-se), salvar(-se); (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.048**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Livramento**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *libèro, as, ávi, átum, áre* 'pôr em liberdade'; fonte histórica: *liurar* > *libra* > *lyurar* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** ato ou efeito de *livrar(-se)*; *livrança*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.049**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Firme**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *firmu* 'firme, sólido, forte' usado nos sentidos físico e moral; ver *firm(i)*- (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Adj.)**Informações Enciclopédicas:** “Joaquim Gomes da Silva, Barão de Vila Maria, começara a criação de gado no Pantanal que margeia o rio Paraguai. Sucessivos anos de mínima enchente fizeram-no acreditar que ali se podia ficar estabelecido definitivamente; mas uma crescente de regular tamanho o fez sair com todo o gado e cavalos para o interior, em busca de terreno mais alto, o que foi encontrado, tomando esse lugar, em seguida, o nome de “Firme”, ou seja, terra não atingida pelas águas” (PROENÇA, 2003, p.52). Joaquim Gomes da Silva, cuja alcunha é “Nheco”, um dos primeiros habitantes a ocupar a região do Pantanal hoje denominada “Nhecolândia”.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.050**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Esperança**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** Nascentes é da opinião de que existiu um latim *sperantia*, neutro plural de *sperans, sperantis*, particípio presente do verbo *sperare*, que teria suplantado o latim clássico *spes, ei* 'esperança'; fonte histórica: *asperança* > *esperança*, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa; fé; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.051**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Mercedes**Taxonomia:** Antropotopônimo**Etimologia:** nome espanhol de origem cristã; da expressão *Nuestra Señora de las Mercedes* (Guérios, 1981, p. 176).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** não há.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.052**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Lourdes**Taxonomia:** Antropotopônimo**Etimologia:** nome francês de origem religiosa; da invocação à Nossa Senhora de Lourdes (Notre Dame de Lourdes) (Guérios, 1981, p. 164).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: É topônimo da França, por sua vez de origem basca *Lorde* 'altura escarpada', nome de um antigo castelo na serra da região.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.053

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Berenice

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: do germânico macedônico *Berenike*, *Bernike*, *Beronike*; germânico comum *Pherenike*, (Guérios, 1981, p. 72).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: de acordo com Guérios (1981, p. 72) esse antropônimo se refere a aquela que é portadora da vitória.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.054

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Alpires

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: não encontrada.

Estrutura Morfológica: Ns (Subs.)

Informações Enciclopédicas: corresponde ao sobrenome do proprietário da fazenda. Dado coletado diretamente com o proprietário.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.055

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Conceição

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: nome português, de origem cristã, em alusão a Nossa Senhora da ou Imaculada Conceição.

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: O nome próprio empregado em sentido genérico, reflete bem a questão da intersecção existente entre Antroponímia e Toponímia. Nesse caso ocorre o que Dick (1990, p. 294) chama de “denominação espontânea”, distinta daquela imposta por autoridade ou eventuais detentores do poder de mando.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.056

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Pindorama

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do tupi *pindó-rama* ou *pindó-retama* 'a região ou o país das palmeiras' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Subs. Fem.)

Informações Enciclopédicas: país ou região das palmeiras; nome que os ando-peruanos e populações indígenas dos pampas sulinos dão ao Brasil; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.057

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Topônimo: Veneza

Etimologia: do italiano *Venice*.

Estrutura Morfológica: Ns (Subs. Fem.)

Informações Enciclopédicas: cidade italiana construída em uma ilha sedimentar, na costa ocidental do Adriático. É também conhecida como a *Cidade das Águas*. (<http://www.arcoweb.com.br/tecnologia>)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Corotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.058

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Topônimo: Cáceres

Etimologia: sobrenome espanhol 'castelo, fortalezas', proveniente do árabe *alcácer*, *alcáçar*, (Guérios, 1981, p.81).

Estrutura Morfológica: Ss (Subs. Fem.)

Informações Enciclopédicas: há o registro do topônimo *Cáceres*, cidade da Espanha.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Corotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.059

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Topônimo: Ipanema

Etimologia: do tupi *y-panema* 'a água ruim, imprestável', (Sampaio, 1928, p. 235).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: segundo Sampaio (1928, p. 235), corresponde também a 'o rio sem peixe, ou ruim para a pesca'. Neste trabalho, estamos considerando como corotopônimo em razão de referir-se ao bairro de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Corotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.060

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Topônimo: Porto Alegre

Etimologia: do latim *portus,us*, sentido inicial 'passagem, entrada de um porto', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ss (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: trecho de mar, rio ou lago, próximo a terra, que tem

Município: Corumbá

Taxonomia: Corotopônimo

profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem. Neste trabalho, estamos considerando como corotopônimo em razão da existência da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.061

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Guanabara

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do tupi *goanã-pará* 'o lagamar'; de *gwa* 'baía, enseada' + *nã* 'semelhante' + *ba'ra* 'mar', 'baía semelhante ao mar' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: O nome Guanabara foi dado pelos indígenas em função dos acidentes geográficos em torno da Baía, antes mesmo da chegada dos portugueses, no século XVI. Neste trabalho, estamos considerando *Guanabara* como corotopônimo em razão de referir-se ao topônimo Baía da *Guanabara*.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.062

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Marajoara

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do tupi *marayo'ara* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: relativo ou pertencente à ilha do Marajó, PA, situada na foz do rio Amazonas, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.063

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Alvorada

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: do latim *albus,a,um* 'branco, claro, puro'; segundo Nascentes, a substantivização do adjetivo seria a origem para o emprego substantivo *alv(i)-*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: primeira claridade ou crepúsculo da manhã (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.064

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Nova

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: feminino substantivado de novo; novo do latim *nòvus,a,um* 'id.'; ver *nov(i/o)-*;

fonte .histórica: *nouo*; para o adjetivo, fonte histórica: *nova* > *novo* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Adj. Fem.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.065

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Novo Eldorado

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: do latim *nòvus,a,um* 'id.'; ver *nov(i/o)*-; f.hist. sXIV *nouo*; a datação é para o adjetivo; fonte histórica: *nova* > *novo* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.066

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Novo Horizonte

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: do latim *nòvus,a,um* 'id.'; ver *nov(i/o)*-; f.hist. sXIV *nouo*; a datação é para o adjetivo; fonte histórica: *nova* > *novo* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.067

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Primavera

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: do latim tardio *prima vera*, no ablativo, conexo com o latim clássico abltivo *primo vere* 'na primeira estação'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'época primeira, tempo primordial; aurora', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.068**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Rancho Alegre**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do espanhol *rancho* 'cabana rústica', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'habitação precária, pobre; choça, choupana, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; fazenda de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.069**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Pouso Alto**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** derivação regressiva de pousar; pousar: do latim *pauso,as,ávi,átum,áre* 'cessar, parar, fazer parada; repousar, descansar' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** este topônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'lugar onde alguém se acolhe e descansa ou se oculta temporariamente; refúgio, esconderijo', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.070**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Ranchinho**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do espanhol *rancho* 'cabana rústica', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'habitação precária, pobre; choça, choupana, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; fazenda de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). É importante lembrar que o sufixo diminutivo *-inho* pode remeter ao sentido de diminuição 'rancho pequeno' ou ao sentido afetivo, dando a idéia de aconchego.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.071**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Fazendinha**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do latim vulgar *facenda* 'coisas que devem ser feitas', pelo latim *facienda*, gerundivo de *facio, is, fêci, factum, facere* 'fazer, obrar, executar'; o sentido primitivo de 'ocupações' passou ao de 'assunto, negócio' e daí a 'riqueza, bens, propriedades rústicas' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). É importante lembrar que o sufixo diminutivo *-inha* pode remeter ao sentido de diminuição 'fazenda pequena, de pouca extensão' ou ao sentido afetivo.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.072

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Brete

Taxonomia: Sociotopônimo

Etimologia: do gótico *brid* 'tábua' (alemão modificado *Brett*), proveniente através do espanhol *brete* que o toma do occitânico *bret* 'armadilha para prender pássaros'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: nas estâncias, estações ferroviárias, charqueadas e matadouros, corredor curto e estreito, entre fileiras de estacas ou aramados, por onde se leva o gado para marcá-lo, castrá-lo, curá-lo, vaciná-lo, descorná-lo, pesá-lo, conduzi-lo ao banho carrapaticida ou ao vagão de transporte, ou abatê-lo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.073

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Leque

Taxonomia: Ergotopônimo

Etimologia: originário do topônimo *Liú Kiú* (China) 'Léquios ou ilhas Léquias'; fonte histórica: *leque* > *lequès*; registram-se as expressões antigas *abanos lequios* e *avano lequeo* em 1551 e 1561, respectivamente; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: abano feito de material leve (papel, seda, plumas, marfim etc.) que é agitado manualmente para produzir corrente de ar, em geral de forma semicircular, fixo ou montado sobre lâminas móveis num conjunto retrátil que lhe permite encolher-se quando não está em uso (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.074

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Guarani

Taxonomia: Etnotopônimo

Etimologia: do tupi *guarini*, 'guerreiro, o lutador' (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: indígena pertencente ao grupo dos guaranis; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.075**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Helena**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.076**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Edwirges**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.077**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Terezinha**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.078**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Maria**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os

fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.079

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Rosa

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.080

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Isabel

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.081

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Filomena

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.082

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Rita

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.083

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Cecília

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.084

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santo Antonio (1)

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.085

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Santo Antonio (2)

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.086

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Benedito

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.087

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Severino

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.088

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Miguel

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.089

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Vicente

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.090**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Paulo**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.091**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Francisco**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.092**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Pedro**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.093**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São José**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.094

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Joaquim

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.095

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Manuel

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.096

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Roque

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.097**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Rafael (1)**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.098**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Rafael (2)**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.099**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Gabriel**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.100**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** São José**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.101

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São José da Formosa

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.102

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: São Sebastião

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc.+ Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.103

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Tupaceretã

Taxonomia: Mitotopônimo

Etimologia: do tupi *tupã-cy-retã* 'a terra da mãe de Deus' (Sampaio, 1928, p. 330)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como mitotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'a terra da mãe de Deus', o patrimônio de Nossa Senhora '(Sampaio, 1928, p. 330)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.104

Localização: Sub-Região da Nhecolândia

Município: Corumbá

Topônimo: Cruzeiro **Taxonomia:** Hagiopônimo
Etimologia: do latim *crux, crūcis* 'instrumento de suplício, estaca pontiaguda, cruz de crucificação' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: NSs (Sb. Masc.+ Suf.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'grande cruz erguida em certos adros de igrejas, estradas, praças, cemitérios, neste último caso freqüentemente em cima do local onde se inumam os ossos não reclamados e se acendem velas em intenção de suas almas'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.105
Localização: Sub-Região da Nhecolândia **Município:** Corumbá
Topônimo: Divino **Taxonomia:** Hagiopônimo
Etimologia: do latim *divinus, a, um*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Subs. Masc.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'relativo a ou proveniente de Deus ou de um ou mais deuses'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.106
Localização: Sub-Região da Nhecolândia **Município:** Corumbá
Topônimo: Imaculada **Taxonomia:** Hagiopônimo
Etimologia: do latim *immaculatus, a, um* 'que não tem mancha, pura'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'epíteto que se dá a Maria, mãe de Jesus, por alusão ao dogma de sua concepção sem o pecado original'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 3.107
Localização: Sub-Região da Nhecolândia **Município:** Corumbá
Topônimo: Natal **Taxonomia:** Hagiopônimo
Etimologia: do latim *natalis, e* 'de nascimento', (Houais, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Subs. Fem.)
Informações Enciclopédicas: festa do nascimento de Jesus, celebrada no dia 25 de dezembro desde o século IV pela Igreja ocidental e desde o século V pela Igreja oriental (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.108**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Nazaré**Taxonomia:** Antropotopônimo**Etimologia:** nome de origem cristã, geralmente usado com o nome *Maria de Nazaré* (Guérios, 1981, p. 184)**Estrutura Morfológica:** Ns (Subs. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** da invocação da Virgem ou Senhora de Nazaré (Guérios, 1981, p. 184)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.109**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Dom Bosco**Taxonomia:** Axiototopônimo**Etimologia:** do latim *dominus, i* 'proprietário, possuidor, senhor de', derivado de *dòmus, i* ou *dòmus, us* 'casa, habitação, família, pátria', usado especialmente como forma de tratamento, traço que o distingue da divergente *dono*, de mesma origem; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** denominação que acompanha certos cargos eclesiásticos; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.110**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Quarto Centenário**Taxonomia:** Numerototopônimo**Etimologia:** do latim *quártus, a, um* 'quarto; quarta parte'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Nm. + Nm.)**Informações Enciclopédicas:** que ou o que ocupa a posição do número quatro, numa seqüência; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.111**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Três Marias**Taxonomia:** Numerototopônimo**Etimologia:** do latim *tres, tres, tria* 'trez'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Nm. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** dois mais um; o número cardinal logo acima de dois; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.112**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Luzeiro**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** do latim *lux, lucis* 'luz, claridade'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.+ Suf.).**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como ergotopônimo por referir-se a 'qualquer aparelhagem que produza foco luminoso, especialmente para sinalização; farol' ; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.113**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Juazeiro**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** tupi *yu'a* 'fruta do espinho'; (Sampaio (1928, p. 248);**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Suf.).**Informações Enciclopédicas:** árvore de até 10 m (*Ziziphus joazeiro*), da família das ramnáceas, nativa do Brasil (PI até MG), de folhas serradas e trinérveas, inflorescências em cimeiras globosas, drupas amarelas e comestíveis, casca amarga, adstringente e febrífuga; joazeiro, juá (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.114**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Bom Jesus**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *bonus, a, um* 'bom'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc.. + Sb.).**Informações Enciclopédicas:** que é misericordioso ou indulgente; magnânimo, caridoso (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.115**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Sapicoá**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** do guarani *hapiku'a* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc).**Informações Enciclopédicas:** saco grosseiro de viajantes; picuá (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 3.116**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Nhumirim**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *nhu* 'o prado com vegetação rasteira' + *myrim* 'pequeno' (Sampaio, 1928, p. 238).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc).**Informações Enciclopédicas:** 'campo nativo, de vegetação rasteira'; (Sampaio, 1928, p. 238).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.117**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Retiro do Pato**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** derivação regressiva de retirar; *tir-* origem obscura; fonte histórica: *tirar* > *terades* > *tiraarem* 'arrancar' > *tyrauam*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Prep. + Art.. + Sb).**Informações Enciclopédicas:** 'lugar solitário, afastado em relação aos centros urbanos'; no Pantanal é empregado com a seguinte acepção 'lugar mais ou menos distante da sede da fazenda, onde se solta o gado para engorda', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 3.118**Localização:** Sub-Região da Nhecolândia**Município:** Corumbá**Topônimo:** Chatelodo**Taxonomia:** Sem Classificação**Etimologia:** Não encontrada.**Estrutura Morfológica:** Ns(Sb. Masc).**Informações Enciclopédicas:** não há.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**1.4. Sub- Região do Abobral****Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.001**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Estrela**Taxonomia:** Astrotopônimo**Etimologia:** do lati *stella,ae*; fonte histórica: *estrela* > *strela* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.).**Informações Enciclopédicas:** 'corpo celeste produtor e emissor de energia, com luz

própria, e cujo deslocamento na esfera celeste é quase imperceptível ao observador na Terra'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.002

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Campo Hilda

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do latim *campus, i* 'planície, terreno plano (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: vegetação constituída essencialmente de densa cobertura de gramíneas ou plantas herbáceas, destituída de formas arbóreas ou arbustivas; campina, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). A região do pantanal é muito rica nesse tipo de vegetação, usada para a criação de bovinos.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.003

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Nova Estância

Taxonomia: Cronotopônimo

Etimologia: do latim *nōvus, a, um*, novo, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: esse topônimo foi classificado como 'cronotopônimo' em razão de adotar-se a seguinte acepção: 'que se encontra no início de um ciclo, de um processo', (Houais, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.004

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Santa Delfina

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.005

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Santa Catarina

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.006

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Santa Helena

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.007

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Santa Otilia

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 4.008

Localização: Sub-Região do Abobral

Município: Miranda

Topônimo: Nossa Senhora de Fátima

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim vulgar *nossus* por *noster*'; segundo Edwin Williams, deve ter existido em latim vulgar de certas regiões, além do português, o espanhol teve *nuesso* (atual *nuestro*); o timbre aberto do/o/, assim como a ditongação no arcaico *nuesso* do espanhol, se deve à influência de *nostrum* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Pron. Masc. + Sb. + Prep. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: *A Senhora* ou *Nossa Senhora*: a Virgem Maria. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 4.009**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Mirnda**Topônimo:** São Jorge**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.010**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** São José do Baú**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Prep. + Art. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.011**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Marajó**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do tupi *mbara-ïo* 'tirado do mar, anteparo do mar', em alusão à posição da ilha na foz do Amazonas; (Sampaio, 1928, p. 219)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como corotopônimo em razão de referir-se ao topônimo Ilha de Marajó (AM).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.012**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Califórnia**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do topônimo Califórnia (E.U.A.); (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** algo que traz ou propicia riqueza, por alusão à corrida do ouro de 1848, na Califórnia (E.U.A.) (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 4.013**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Colorado**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do latim *coloratus, a, um* 'colorido, corado' particípio passado de *colorare* 'colorar'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** que tem ou recebeu cor; colorido, corado (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Este topônimo foi classificado como corotopônimo por referir-se ao topônimo Colorado, um dos estados dos E.U.A.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.014**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Firmezinha**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *firmu* 'firme, sólido, forte' usado nos sentidos físico e moral; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Adj.. Masc + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** que tem estabilidade ou que oferece garantias; sólido, seguro; inabalável, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Na região da Nhecolândia há o registro da Fazenda Firme com o sentido de "terra não atingida pelas águas".**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.015**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Entre Rios**Taxonomia:** Cardinotopônimo**Etimologia:** do latim *inter* 'entre, no meio de, em meio de dois ou mais', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Prep. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** a meio de (dois espaços, dois tempos, duas situações etc.) (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 4.016**Localização:** Sub-Região do Abobral**Município:** Miranda**Topônimo:** Porto Ciriaco**Taxonomia:** Geomorfotopônimo**Etimologia:** do latim *portus, us* 'passagem, entrada de um porto', 'porto, enseada, ancoradouro', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Subs.)**Informações Enciclopédicas:** trecho de mar, rio ou lago, próximo à terra, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

1.5. Sub-Região de Aquidauana

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.001

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Taboco

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *ta'woka* 'taquara, haste oca ou furada de planta, geralmente da família das gramíneas, como o bambu', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.).

Informações Enciclopédicas: vara de bambu usada para erguer a rede sobre os ombros, no transporte de pessoas; variação de taboca; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.002

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Jatobá

Taxonomia: Fitotopônimo

Etimologia: do tupi *yatay-yba* < *yat-ybá* 'o fruto do *ythy* (Sampaio, 1928, p. 247).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc..).

Informações Enciclopédicas: árvore de até 40 m (*Hymenaea courbaril*), principal fonte para a produção de copal, nativa do México ao Brasil e comum na Amazônia, com casca tanífera, folhas com dois folíolos coriáceos, pequenas flores brancas, em cimeiras terminais, e frutos quase negros, cilíndricos, duros, com polpa farinácea, amarelo-clara, doce, nutritiva e laxante, consumida por animais silvestres e pelo homem; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.003

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Pontal

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: ponta + al, ver *pung-*; fonte histórica *pōta* > *puntas* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc..).

Informações Enciclopédicas: ponta de terra que penetra um pouco no mar ou no rio (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.004

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Baía de Santa Clara

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes

descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep + Adj. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.005

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Iguaçu

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: **Etimologia:** do tupi y 'rio, água' + *açu* 'grande' (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: 'rio grande', (Sampaio, 1928).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.006

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Iguaçuinho

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: **Etimologia:** do tupi y 'rio, água' + *açu* 'grande' (Sampaio, 1928).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: Embora em tupi *Iguaçu* signifique 'rio grande', há a presença de um sufixo diminutivo *-inho*, delimitando a extensão desse “rio”.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.007

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Olho D'Água

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: **Etimologia:** do latim *oculus, i* 'olho'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Prep. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro, olho; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.008

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Proteção

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: **Etimologia:** do latim *protectio, ónis*, do radical de *protectum*, supino de *protegere* 'cobrir, amparar, abrigar, esconder'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: ato ou efeito de proteger(-se); cuidado (com algo ou alguém); (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 5.009**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Amparo**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** derivação regressiva de amparar; ver *para-*; fonte histórica: *emparo* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** pessoa ou algo que ampara, que ajuda ou socorre, que presta auxílio; apoio, arrimo, escora, socorro ;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.010**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Vista Limpa**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** particípio passado do latim *videre* 'ver'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena, cenário, panorama ;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.011**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Vista Alegre**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** particípio passado do latim *videre* 'ver'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** aquilo que se apresenta ao olhar, que se vê; cena, cenário, panorama ;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Segundo Machado (1984), o substantivo *Vista*, na composição de topônimos como *Vista Alegre*, é frequente em Portugal, sobretudo em Ponte de Lima, no Norte e na Galiza. É usado para interpretar a largueza da paisagem vista desses locais.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.012**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Central**Taxonomia:** Dimensiotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** do latim *centralis*, e 'central, colocado no centro'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Adj.)**Informações Enciclopédicas:** colocado no centro de determinada superfície, área ou região;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 5.013**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Costa Rica**Taxonomia:** Geomorfotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** do latim *costa,ae* 'costela, lado, flanco' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem+ Adj.)**Informações Enciclopédicas:** área que fica à margem de rio, lagoa, etc.; encosta; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.014**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Umuarama**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** **Etimologia:** do tupi-guarani *umu-arama* 'lugar alto de bom clima, para encontro de amigos' (<http://www.umuarama.com.br>)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** hoje o topônimo *Umuarama*, município do estado do Paraná, é conhecido como o “lugar de se fazer amigos” (<http://www.umuarama.com.br>)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.015**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Estância Brasil**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** estar + *-ância*; na acepção 'estabelecimento rural', do espanhol platino *estancia* 'e, este, do espanhol, havendo influência do italiano *stanza*'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Subs.Fem. + Subs.)**Informações Enciclopédicas:** propriedade rural; fazenda;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.016**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Querência**Taxonomia:** Ecotopônimo**Etimologia:** do espanhol platino *querência*; no espanhol *querencia* 'carinho', (1555) 'inclinação do homem e dos animais a voltar ao lugar onde se criaram', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** local onde se nasceu, criou ou se acostumou a viver; pátria, rincão, torrão;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 5.017**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Tuiuiu**Taxonomia:** Zootopônimo**Etimologia:** do tupi *tuyu'yu* (Sampaio, 1928, p. 249)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** designativo comum às aves ciconiiformes, de grande porte, da família dos ciconiídeos, gêneros *Mycteria* e *Jabiru*, encontrados em grandes rios, lagoas e pantanais. São coloniais e constroem ninhos sobre árvores; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.018**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Santa Helena**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.019**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Santa Rosa**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb.Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.020**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** São Sebastião**Taxonomia:** Hagiotopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por

consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.021

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: São Pedro

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.022

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: São José

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.023

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: São Francisco

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.024

Localização: Sub-Região de Aquidauana

Município: Aquidauana

Topônimo: Santana **Taxonomia:** Hagiotopônimo
Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santa, aquela que foi canonizada, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).
Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto; (Houaiss, ed. eletrônica). 'Santana é uma aglutinação de Santa + Ana.
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.025
Localização: Sub-Região de Aquidauana **Município:** Aquidauana
Topônimo: São Roque **Taxonomia:** Hagiotopônimo
Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).
Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.026
Localização: Sub-Região de Aquidauana **Município:** Aquidauana
Topônimo: São Lourenço **Taxonomia:** Hagiotopônimo
Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).
Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 5.027
Localização: Sub-Região de Aquidauana **Município:** Aquidauana
Topônimo: Bonfim **Taxonomia:** Hagiotopônimo
Etimologia: sobrenome português de origem religiosa, (Guérios, 1981, p. 75).
Estrutura Morfológica: Ns (Adj. Masc.)
Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: refere-se ao Senhor do Bonfim, isto é, da boa morte. (Guérios, 1981, p. 75). MACHADO (1984) apresenta **Bonfim** como topônimo freqüente em Portugal e no Brasil: "Nome devido à existência nesses lugares de igrejas consagradas ao Senhor do Bonfim."
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 5.028**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Bandeirante**Taxonomia:** Historiotopônimo**Etimologia:** proveniente do espanhol *bandera* (sXIII), castelhano *banda* < gótico fonte histórica: *bandeira* > *bādeyra* > *bandejra*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Subs. Masc.).**Informações Enciclopédicas:** HOUAISS mostra que *Bandeirante* provém de [bandeira + -nte]. A origem brasileira do vocábulo se deve a sua alteração semântica o que se confirma em SOUSA(1960, p. 42) quando diz que “grande número de vocábulos portugueses adquiriu no Brasil outras significações. Damos como exemplos típicos de extensionismo semântico os seguintes termos: *amendoa* (amêndoa de babaçu, de caju e côco), *baga*, *bagaço*, *bandeira*, (Pico da) *Bandeira*, *bandeirante*, *bandeirantismo*, *bandeirar*[...]”. *Bandeirante* indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em *bandeira* ('expedição'); 'desbravador, precursor, pioneiro', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.029**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Chão Parado**Taxonomia:** Litotopônimo**Etimologia:** do latim *plānus, a, um* 'plano, igual, chão, raso, nivelado'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj.).**Informações Enciclopédicas:** terreno (ou outra superfície) que, pela extensão e homogeneidade relativas, pode ser pisado pelos homens e pelos animais e pode servir de base ou apoio para as coisas; solo. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 5.030**Localização:** Sub-Região de Aquidauana**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Luz Alva**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** do latim *lúx, lúcis* 'luz, claridade'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj.).**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como ergotopônimo por referir-se a 'qualquer aparelhagem que produza foco luminoso, especialmente para sinalização'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**1.6. Sub-Região de Miranda****Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 6.001**Localização:** Sub-Região de Miranda**Município:** Miranda

Topônimo: Capão Verde **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: do latim *capone*'; (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).
Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.).
Informações Enciclopédicas: Bosque isolado no meio do campo; moita grande de quaisquer plantas; (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.002
Localização: Sub-Região de Miranda **Município:** Miranda
Topônimo: Figueira **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: do latim *ficus, í* ou *us* 'figueira,'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.).
Informações Enciclopédicas: cacto arbóreo de até 6 m (*Opuntia brasiliensis*), nativo do Brasil (RJ), de tronco ereto e armado de espinhos, flores solitárias e bagas globosas, comestíveis; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.003
Localização: Sub-Região de Miranda **Município:** Miranda
Topônimo: Pedregulho **Taxonomia:** Litotopônimo
Etimologia: pedreg- + *-ulho*; a origem do elemento *-eg-* é controvertida; Meyer-Lübke (REW, 6447) propõe um latim *petrica*, equivalente de *petra* 'pedra'; a propósito do registro de uma série de derivados de *pedra* em português, catalão, e falas italianas limítrofes que contêm o segmento *-eg-*. Corominas prefere partir da extensão a derivados de um tema *petric-*, do dim. *petricella*, muito freqüente na língua falada e na toponímia, que originaria voc. como *piedrecilla* frente a *pedregal*, lembrando ainda alternâncias, em espanhol, do tipo: *dice: diga; raíz: arraigar* etc.; a despeito das hipóteses sobre o tema, a realidade é que a origem do elemento *-eg-*, nos derivou de *pedra*, está ainda por ser devidamente esclarecida; fonte histórica de 1552 *pedregulho*, 1858 *pedragúlho* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.).
Informações Enciclopédicas: pedra naturalmente arredondada, extraída de minas ou do leito dos rios, usadas no preparo de argamassa e nas juntas de pisos e paredes (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.004
Localização: Sub-Região de Miranda **Município:** Miranda
Topônimo: Caimã **Taxonomia:** Zootopônimo
Etimologia: do Taino '*kaiman*' através do espanhol *caimán* 'espécie de jacaré, próprio dos rios da América (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.).
Informações Enciclopédicas: jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) que habita

brejos, lagos, pântanos e rios desde o litoral do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul e bacias dos rios São Francisco, Paraná, Paraguai e Paraíba. (<http://www.zoologico.sp.gov.br/repteis/jacaredepapoamarelo.htm>)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.005

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Miranda Estância

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: sobrenome português do topônimo Miranda, formação do gerundivo do latim *Mirau* 'que é para admirar', (Guérios, 1981, p. 178).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. + Sb.).

Informações Enciclopédicas: Leite de Vasconcelos diz que esse nome deve ter significado na origem “miradoiro” ou “atalaia”; cf. catalão *Miranda*; (Guérios, 1981, p. 178). Este topônimo foi classificado como corotopônimo em referência ao topônimo *Miranda*, cidade do estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.006

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Veneza

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do italiano *Venice*.

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: cidade italiana construída em uma ilha sedimentar, na costa ocidental do Adriático. É também conhecida como a *Cidade das Águas*. (<http://www.arcoweb.com.br/tecnologia>)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.007

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Panamá

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do tupi *pa'nama* 'borboleta', com deslocamento da sílaba tônica; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: este topônimo foi classificado como 'corotopônimo' em razão da existência do topônimo Panamá, país da América Central.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.008

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Bodoquena

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: não encontrada

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.)

Informações Enciclopédicas: refere-se ao topônimo Bodoquena, cidade do estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.009

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Porto Alegre

Taxonomia: Corotopônimo

Etimologia: do latim *portus,us* 'passagem, entrada de um porto', 'porto, enseada, ancoradouro', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: trecho de mar, rio ou lago, próximo à terra, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Este topônimo foi classificado como corotopônimo em razão da existência do topônimo Porto Alegre, cidade e capital do estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.010

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Choro

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: derivação regressiva de chorar; chor- do latim *ploro,as,ávi,átum,áre* 'queixar-se, lamentar-se, lançar gritos de dor'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: ato ou efeito de chorar;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.011

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Fortaleza

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do francês antigo *fortelece*, através do arcaico *fortaleza*, dissimilado; segundo Corominas, ocorrem no proveçal antigo *fortalessa* (ou *fortaleza*) com a acepção concreta de 'recinto fortificado' e de adj.substv. 'força, resistência', ambos derivados do latim *fortis,e* 'forte'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como animotopônimo por referir-se as seguintes acepções: 'qualidade ou caráter de forte; força, vigor, robustez força moral'; firmeza, constância';(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.012

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Taperá

Taxonomia: Ecotopônimo

Etimologia: do tupi '*tawa* 'taba' + '*pwera* 'aldeia indígena que foi abandonada' (Houaiss,

ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: aldeamento ou povoação abandonada, tomada pelo mato; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.014

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Rancho Alegre

Taxonomia: Ecotopônimo

Etimologia: do espanhol *rancho* 'cabana rústica', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Adj.)

Informações Enciclopédicas: este toponônimo foi classificado como ecotopônimo em razão de adotar-se as seguintes acepções: 'habitação precária, pobre; choça, choupana, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; fazenda de criação de gado', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.015

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Tição de Fogo

Taxonomia: Ergotopônimo

Etimologia: do latim *titio,ónis* 'resto de madeira queimada' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Masc. + Prep. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: pedaço de lenha ou de carvão aceso ou meio queimado; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.016

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Arroio

Taxonomia: Hidrotopônimo

Etimologia: do *latim vulgar arrugiu* por *arrugia*, de origem ibérica (Machado, 1984).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: pequena corrente de água, seja ou não permanente; regato; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.017

Localização: Sub-Região de Miranda

Município: Miranda

Topônimo: Morrinhos

Taxonomia: Geomorfotopônimo

Etimologia: vocábulo comum às línguas hispânicas, português, espanhol, catalão, ao provençal, sardo, francês, italiano e dialetos germânicos, de origem controvertida., que tem sido ligada a línguas pré-romanas, ao latim, ao germânico, a uma criação onomatopaica, etc., sem que as diversas hipóteses consigam explicá-la satisfatoriamente (Houaiss, ed.

eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.+ Pl.)

Informações Enciclopédicas: pequena elevação em uma planície; monte de poucas dimensões; colina, outeiro; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 6.018

Localização: Sub-Região de Miranda

Topônimo: Cutape

Etimologia: não encontrada

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.)

Informações Enciclopédicas: não há.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Miranda

Taxonomia: Sem classificação

1.7. Sub-Região de Nabileque

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.001

Localização: Sub-Região de Nabileque

Topônimo: Tarumã do Nabileque

Etimologia: do tupi *taru'mã* 'planta da fam. das verbenáceas'; adaptado de *turumã*; fonte histórica de 1817 *taruman*, 1946 *tarumã*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. + Prep. + Art.. + Sb.)

Informações Enciclopédicas: árvore (*Vitex montevidensis*) nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas compostas, flores purpúreas e drupas comestíveis, que fornece madeira para construção civil e óleo medicinal;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Miranda

Taxonomia: Fitotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.002

Localização: Sub-Região de Nabileque

Topônimo: Piúva

Etimologia: do tupi *ipi'íwa*, *ĩ'pe* 'casca' + *íwa* 'planta'; (Sampaio, 1928)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem..)

Informações Enciclopédicas: árvore de até 30 m (*Maclobium brevense*), nativa do Brasil, de cerne e córtice vermelhos, também conhecida como ipê-rosa, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Município: Corumbá

Taxonomia: Fitotopônimo

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.003

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Louro **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: do latim *laúrus, i* ou *us* 'loureiro, coroa de louros, triunfo, vitória, palma', *por extensão* 'dourado, a cor entre o dourado e o castanho-claro'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: designação comum às árvores do gên. *Laurus*, da fam. das lauráceas; a madeira de várias dessas árvores tem a cor amarelo-tostada ou entre o dourado e o castanho-claro;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.004
Localização: Sub-Região de Nabileque **Município:** Corumbá
Topônimo: Buriti **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: do tupi *mbĩrĩ'tĩ* 'espécie de palmeira'; var. com *mb-* > *b-* ou *m-*; *morety*, *moritim*, *muruty*, *buritis* (cf. Sampaio, 1928)
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: palmeira (*Astrocaryum burity*) nativa do Brasil, de cujas folhas se extrai fibra conhecida como fibra de tucum, espécie muito comum no Pantanal, (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003)
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.005
Localização: Sub-Região de Nabileque **Município:** Corumbá
Topônimo: Pinheiro **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: lat. *pinarius*, de *pínus, i* 'pinheiro' (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)
Informações Enciclopédicas: designação comum as árvores da classe das pinópsidas, especialmente da família das pináceas, abundantes nas florestas temperadas do hemisfério norte e importantes como fonte de madeira e celulose (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.006
Localização: Sub-Região de Nabileque **Município:** Corumbá
Topônimo: Sapucaia **Taxonomia:** Fitotopônimo
Etimologia: tupi *yasapu'kaya* 'planta da família das lecitidáceas' (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)
Informações Enciclopédicas: árvore de até 30 m (*Lecythis pisonis*), com madeira nobre, dura, resistente, pardo-avermelhada, folhas róseas quando novas ou marginadas de tom róseo, flores lilacéas, odoríferas, e pixídios grandes, com sementes elipsóides, oleaginosas e saborosas. Nativa do Brasil (CE a RJ, esp. BA e ES), acha-se entre as mais típicas árvores da mata Atlântica, e tb. é muito cultivada como ornamental.(Houaiss, ed. eletrônica, 2003).
Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.007**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Palmar Alegre**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do latim *palma,ae* 'palma da mão; tronco da palmeira, palmeira (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb Masc. + Suf. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** relativo a ou próprio de palma; (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.008**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Figueirinha**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do latim *ficus,í* ou *us* 'figueira, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** figueira arbustiva (*Ficus pohliana*) nativa do Brasil (RJ, SP), de folhas geralmente elípticas e sicônios piriformes, branco-amarelados; figueira-grande; (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.009**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Vassoural**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do latim *versoria* derivado de *versus*, particípio passado do verbo *verro, is, í* ou *si, versum, verrere* 'arrastar pelo chão, varrer, ajuntar ou apanhar varrendo'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** design. comum a várias plantas de diferentes gêneros e família, por alguma semelhança morfológica com esse utensílio; (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.010**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Pindorama**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** do tupi *pindó-rama* ou *pindó-retama* 'a região ou o país das palmeiras'; (Sampaio, 1928, p. 274).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb.Fem..)**Informações Enciclopédicas:** país ou região das palmeiras; nome que os ando-peruanos e populações indígenas pampianas dão ao Brasil. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.011**Localização:** Sub-Região de Miranda**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Nabileque**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** *Nabilec* de origem tapuia.**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** A informação sobre a origem do termo *Nabileque* está registrada no Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado (1987). O autor coloca a informação acima e remete ao Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes, na parte relativa aos nomes próprios. Este topônimo foi classificado como 'corotopônimo' em razão da existência do topônimo Nabileque, que denomina uma sub-região do Pantanal de MS.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.012**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Itaroquém**Taxonomia:** Litotopônimo**Etimologia:** do tupi *ita* 'pedra' + elemento cuja origem é desconhecida.**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb.Fem.)**Informações Enciclopédicas:** não há.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.013**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Jacutinga**Taxonomia:** Zootopônimo**Etimologia:** do tupi *yaku'tinga* 'ave galiforme da família dos cracídeos; espécie de jacu' < *ya'ku* 'jacu' + *'tinga* (Sampaio, 1928, p. 242)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb.Fem.)**Informações Enciclopédicas:** ave (*Pipile jacutinga*) típica de matas de altitude do Sudeste brasileiro, com cerca de 74 cm de comprimento, plumagem negra brilhante e branca, base do bico azul-esbranquiçado, região perioftálmica nua e branca e barbelas larga e vermelha; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.014**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Araras**Taxonomia:** Zootopônimo**Etimologia:** tupi *a'rara* 'nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos' (Sampaio, 1928, p. 149)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb.Fem. + Pl.)**Informações Enciclopédicas:** Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra. *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*, e

significaria a espécie maior do gênero; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.015

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Aquidauana

Topônimo: Piranha

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do tupi *pi'ra* 'peixe' e *'ãya* 'com dente'; (Sampaio, 1928, p. 248)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: peixe (*Serrasalmus piraya*) encontrado nos rios São Francisco, Amazonas, Paraguai, com até 40 cm de comprimento, dorso oliváceo e ventre amarelado, podendo apresentar manchas nos flancos; piranha-amarela, piranha-preta, piranha-rodoleira, rodoleira (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.016

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Boa Vontade

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do latim *bonus, a, um* 'bom'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem.+ Sb.Fem.)

Informações Enciclopédicas: não há.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.017

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Aliança

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do francês *alliance* > de *allier*, do latim *alligāre*, de *ligarāre*; fonte histórica: *aliança* > *alyança* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos para determinada finalidade união, ligação, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.018

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Livramento

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do latim *libèro, as, ávi, átum, áre* 'pôr em liberdade'; fonte histórica: *liurar* > *libra* > *lyurar*; livrar + *-mento*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc + Suf..)

Informações Enciclopédicas: ato ou efeito de livrar(-se); livrança; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.019

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Feia

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do latim *foedus, a, um* 'feio, hediondo, horrível'; fonte histórica: *feo > feio* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: não há.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.020

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Ondino

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: nome de origem latina, originário de *Undina*, baseado em *unda* 'onda', (Guérios, 1981, p.191)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Segundo Guérios (1981, p. 191) o termo refere-se ao vocábulo latino *unda* e aplicado à ninfa das águas.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.021

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Hermínio

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: do latim *Hermínius*, derivado de Hermes, (Guérios, 1981, p.191)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Refere-se ao deus Irmin 'o forte, o poderoso', (Guérios, 1981, p.191)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.022

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Fátima

Taxonomia: Antropotopônimo

Etimologia: do árabe 'a que deixou de mamar', derivado do vocábulo *fátama* 'deixar de mamar'; Português antigo *Fátama*. Outros: 'a fecunda, a esplêndida'. (Guérios, 1981, p.118)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: É o nome da filha de Maomé, casada com Ali, o quarto dos califas (605-632), sucessor deste. O nome popularizou-se graças às aparições de N. Senhora do Rosário (1917) na localidade de Fátima, em Portugal (N. Senhora de Fátima); (Guérios, 1981, p.118)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.023**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** General**Taxonomia:** Axiotopônimo**Etimologia:** do latim *generális, e*, com provável intermediação do espanhol *general* 'alta patente na hierarquia militar', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** oficial que detém uma dessas patentes (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.024**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Miranda**Topônimo:** Antigal**Taxonomia:** Cronotopônimo**Etimologia:** do latim *antiquus, a, um* 'antigo' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ss (Subs. Masc.+ Suf.)**Informações Enciclopédicas:** relativo a antiguidade ou Antigüidade; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.025**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Recreio**Taxonomia:** Cronotopônimo**Etimologia:** derivação regressiva de recrear; recr- do latim *recreò, as, ávi, átum, áre* 'reproduzir, restaurar, renovar; reanimar, alentar; alegrar, distrair' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** espaço de tempo concedido às crianças para seus brinquedos nos intervalos das aulas ou do estudo (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.026**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Baía Santa**Taxonomia:** Hidrotopônimo**Etimologia:** de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.027**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Baía dos Touros**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep. + Art. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.028**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Rebojo**Taxonomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: do castelhano *bojar*, originário do catalão *vogir* > latim *volvère* 'andar à roda etc.' (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc)**Informações Enciclopédicas:** remoinho de água que se forma no mar ou no rio e leva coisas para o fundo; sorvedouro, turbilhão, voragem, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.029**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Curralão**Taxonomia:** Sociotopônimo

Etimologia: origem duvidosa, talvez do latim *currale, is* 'circo para corridas de carros, lugar em que se guardam veículos', do latim *currus, us* 'carro'; cf. a argumentação de Corominas sobre o vocábulo espanhol *corral*; fonte histórica: *cural* > *curraaes* > *curraes* > *currall* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. + Suf.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como sociotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado, especialmente bovino; estábulo, redil (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.030**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Aquidauana**Topônimo:** Gabinete**Taxonomia:** Sociotopônimo

Etimologia: do francês *cabinet* (1491) 'pequena câmara acessória a um cômodo' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: pequena sala, com certo isolamento do conjunto de uma habitação, destinada a diversos usos, mas, sobretudo, a trabalho (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.031

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Chimarrão

Taxonomia: Ergotopônimo

Etimologia: origem controvertida.; Machado considera obscura a origem do vocábulo.; Nascentes sugere o platino *cimarrón*, mas apresenta interpretação um tanto diversa; o primeiro registra “o platinismo é substivado de um adjetivo que se aplica ao escravo ou ao animal montaraz, ou à planta silvestre, em contraposição ao doméstico ou à que se cultiva; adaptou-se ao mate sem açúcar, em contraposição ao doce”; o segundo, em consonância com Corominas, explica “*cimarrón* 'índios ou negros fugitivos; selvagem, silvestre', de *cima*, porque os fugitivos (índios e negros) refugiavam-se nas montanhas”; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Ns(Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: diz-se de ou mate amargo, preparado com água fervente numa cuia, sem açúcar, e sorvido por meio de uma bomba ('canudo') (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.032

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Brígida

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.033

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Aparecida

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.034**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Bianca**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.035**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Rosália**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.036**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Rosa**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.037**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Santa Clara**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os

fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.038

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Helena

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.039

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: Santa Luzia

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.040

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Miranda

Topônimo: Santa Rita

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.041

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Miranda

Topônimo: Santa Catarina

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus,a,um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.042

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Aquidauana

Topônimo: Santa Terezinha

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.043

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: São Domingos

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.044

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Corumbá

Topônimo: São Miguel

Taxonomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.045**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Francisco da Mata**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.046**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Martin**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.047**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Simão**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.048**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** São Paulo**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado,

(Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Subst.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.049

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Miranda

Topônimo: São Jorge

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.050

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Miranda

Topônimo: São Carlos

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 7.051

Localização: Sub-Região de Nabileque

Município: Miranda

Topônimo: Santo Antonio

Taxonomia: Hagiopônimo

Etimologia: do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).

Estrutura Morfológica: Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.052**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Bonfim**Taxonomia:** Hagiotoônimo**Etimologia:** sobrenome português de origem religiosa, (Guérios, 1981, p. 75).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiotoônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: refere-se ao Senhor do Bom Fim, isto é, da boa morte. (Guérios, 1981, p. 75). MACHADO (1984) apresenta **Bonfim** como topônimo freqüente em Portugal e no Brasil: “Nome devido à existência nesses lugares de igrejas consagradas ao Senhor do Bonfim.”**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.053**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Tupaci**Taxonomia:** Ecotoônimo**Etimologia:** do tupi *tupaci* 'o céu de trovão' (Sampaio, 1928, p.330)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** corresponde ao lugar onde estronda o trovão, a morada do trovão; (Sampaio, 1928, p.330)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.054**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Dois de Março**Taxonomia:** Cronotoônimo**Etimologia:** do latim *duo,ae,o* 'dois', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Nm. + Prep. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** um mais um; o número cardinal logo acima de um; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.055**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Pé de Ferro**Taxonomia:** Somatotoônimo**Etimologia:** do latim *pes,pèdis* 'pé'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Prep. Sb)**Informações Enciclopédicas:** corresponde a expressão “pé firme”. (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 7.056**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Quero Ver**Taxonomia:** Dirrematotopônimo**Etimologia:** do latim *quaero, is, quaesivi (ii), quaesitum e quaestum, quaerere* 'buscar, procurar, esforçar-se, procurar obter, procurar saber, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Vb + Vb.)**Informações Enciclopédicas:** ter a intenção de ver; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.057**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Corumbá**Topônimo:** Sajutá**Taxonomia:** Zootopônimo**Etimologia:** *Saju* do guarani *çai-guazu* 'macaco pequeno' (Morais, 1956)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Zoologia 'pequeno macaco do Brasil (Morais, 1956).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 7.058**Localização:** Sub-Região de Nabileque**Município:** Miranda**Topônimo:** Inhave**Taxonomia:** Sem Classificação**Etimologia:** não encontrda.**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb.)**Informações Enciclopédicas:** não encontrada.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**1.8. Sub-Região de Porto Murtinho****Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.001**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Quebracho**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** hispano-americano *quebracho* (1869), de *quebracha* e este de *quiebrahacha* 'quebra machado', pela natureza da madeira desta árvore; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** designativo comum a várias plantas de diferentes gêneros e famílias, nativas da América do Sul, geralmente árvores com madeira dura e casca ricas em tanino, especialmente as do gên. *Schinopsis*, da família das anacardiáceas, também conhecidas como quebracho-vermelho; nativa do Paraguai, Sul do Brasil e Argentina; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 8.002**Localização:** Sub-Região de Porto Murinho**Município:** Porto Murinho**Topônimo:** Tarumã**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *taru'mã* 'planta da fam. das verbenáceas'; adaptado de *turumã*; fonte histórica: *taruman* > *tarumã*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** árvore (*Vitex montevidensis*) nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas compostas, flores purpúreas e drupas comestíveis, que fornece madeira para construção civil e óleo medicinal;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.003**Localização:** Sub-Região de Porto Murinho**Município:** Porto Murinho**Topônimo:** Brauna**Taxonomia:** Fitotopônimo**Etimologia:** do tupi *ĩmbira'una* comp. de *ĩmbi'ra* 'madeira' + *'una* 'negro'; variação às vezes com perda da vogal inicial, às vezes com alternância *-mb-* > *-b-*, às vezes síncope do *-i-* medial > *-b(i)r-* ou do *-a-* > *-br(a)u-*; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** árvore (*Schinopsis brasiliensis*) da família das anacardiáceas, nativa do Brasil (N.E., C.O. e MG), de folhas compostas e frutos castanho-claros de até 3 cm; com uma das mais duras e incorruptíveis madeiras-de-lei brasileiras;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.004**Localização:** Sub-Região de Porto Murinho**Município:** Porto Murinho**Topônimo:** Barranco Branco**Taxonomia:** Geomorfotopônimo**Etimologia:** origem controvertida; tido como proveniente de radicais múltiplos convergentes; provavelmente de uma base pré-romana de latinização tardia *barrancus* (1094, citada por Du Cange), ocorre em várias línguas românicas, conforme espanhol *barranco* (1285) 'local de depósito'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** vale profundo de encostas íngremes; despenhadeiro, precipício, abismo;(Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.005**Localização:** Sub-Região de Porto Murinho**Município:** Porto Murinho**Topônimo:** Baía das Conchas**Taxonomia:** Hidrotopônimo**Etimologia:** de origem duvidosa; ligado ao francês *baie* (1483) e ao inglês *bay* (1387), derivação do germânico *baga* 'curva, arco', ou do particípio *baiée* 'abertura', do verbo

francês antigo *ba(i)er* 'abrir', do latim vulgar *batare*, com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a palavra *bahía/baía* ao resto do mundo (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Nc (Sb. Fem. + Prep. + Art.+Sb.)

Informações Enciclopédicas: As baías “são lagoas temporárias ou permanentes, de dimensões e formas variadas, muito frequentes no pantanal”, (Nogueira, 1989)

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 8.006

Localização: Sub-Região de Porto Murtinho

Município: Porto Murtinho

Topônimo: Biguá

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do tupi *mbi'gwa*, com variação portuguesa por flutuação *-mb-* > *-m-/b-* e assilábica *w* (precedida da velar sonora *-g-*) > *-gu-/g-/u-/* etc.; variação no sXVII *miguá*; fonte histórica: *migua* > *bigaz* > *biguás* (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc.)

Informações Enciclopédicas: ave da família dos falacrocoracídeos (*Phalacrocorax brasilianus*), que ocorre do México à América do Sul, com cerca de 75 cm de comprimento, coloração negra, saco gular amarelo e tarsos negros; biguá-una, imbiuá, mergulhão, miuá, pata-d'água; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 8.007

Localização: Sub-Região de Porto Murtinho

Município: Porto Murtinho

Topônimo: Formigueiro

Taxonomia: Zootopônimo

Etimologia: do latim *formíca,ae* 'formiga, inseto; (cf. Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Masc. + Suf.)

Informações Enciclopédicas: habitação de formigas, onde vivem em sociedade, geralmente na terra ou em velhos tocos ou troncos de árvores; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 8.008

Localização: Sub-Região de Porto Murtinho

Município: Porto Murtinho

Topônimo: Aliança

Taxonomia: Animotopônimo

Etimologia: do francês *alliance* (1160) de *allier*, do latim *alligáre*, de *ligaráre*; fonte histórica do sXV *aliança*, sXV *allyança* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Estrutura Morfológica: Ns (Sb. Fem.)

Informações Enciclopédicas: pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos para determinada finalidade; união; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 8.009**Localização:** Sub-Região de Porto Murтинho**Município:** Porto Murтинho**Topônimo:** Boa Vista**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *bonus, a, um* 'bom'; 'boa', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Sb. Fem. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** Boa neste contexto corresponde à situação ou estado de quem sente prazer, contentamento, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagem etc.; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.010**Localização:** Sub-Região de Porto Murтинho**Município:** Porto Murтинho**Topônimo:** Bela Esperança**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** do latim *bellus, a, um* 'belo, bela, bonito, bonita', feminino substantivado de belo; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Nc (Subs. Fem. + Sb.)**Informações Enciclopédicas:** que provoca uma sensação de serenidade ou de apazibilidade; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.011**Localização:** Sub-Região de Porto Murтинho**Município:** Porto Murтинho**Topônimo:** Pitoca**Taxonomia:** Animotopônimo**Etimologia:** provavelmente de *pito* + *-oco* (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** a que falta um pedaço (diz-se de objeto ou utensílio, geralmente comprido); (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Conforme Moraes (1956) Bras. 'pênis de criança'.**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.012**Localização:** Sub-Região de Porto Murтинho**Município:** Porto Murтинho**Topônimo:** Conceição**Taxonomia:** Antropotopônimo**Etimologia:** nome português de origem cristã; (Guérios, 1981, 95)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** refere-se à Nossa Senhora da ou Imaculada Conceição; (Guérios, 1981, p. 95)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 8.013**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Flórida**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** nome originário do topônimo Flórida (E.U.A.)**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** A *Flórida* (por vezes também escrita em português como Florida) é um dos 50 Estados dos Estados Unidos da América, localizado na Região Sudeste do país. O nome do estado é um adjetivo espanhol, que significa "cheio de flores", "florida". Os espanhóis descobriram a Flórida na estação da páscoa, que se chama *Pascua Florida* em espanhol, daí o nome do estado. (<http://pt.wikipedia.org/>)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.014**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Londrina**Taxonomia:** Corotopônimo**Etimologia:** nome originário do topônimo Londrina.**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** *Londrina* é um município localizado no norte do Estado do Paraná e fica a 369 km da capital paranaense, Curitiba. (<http://pt.wikipedia.org/>)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.015**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Nova**Taxonomia:** Cronotopônimo**Etimologia:** do latim *nōvus, a, um* 'novo, nova'; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** que se encontra no início de um ciclo, de um processo; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.016**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Prato Quebrado**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** do francês *plat* 'designação genérica para utensílios de fundo chato; prato, vasilha', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ns (Sb. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** vasilha rasa, comumente circular, de cerâmica, madeira, louça, porcelana, metal, plástico, papelão ou outro material, em que são servidas comidas ou na qual se come; (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica**Código:** 8.017**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Tereré**Taxonomia:** Ergotopônimo**Etimologia:** segundo Nascentes, talvez vocábulo guarani, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Estrutura Morfológica:** Ss (Subs. Masc. + Adj.)**Informações Enciclopédicas:** bebida refrescante, tomada com auxílio de bomba de metal, introduzida no centro do recipiente, onde se coloca a erva-mate e a água fria ou gelada. A variante fonética tereré é quase desconhecida no Pantanal, (Nogueira, 2002, p. 151)**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.018**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** Santa Cecília**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanctus, a, um* 'que tem caráter sagrado, augusto, venerando, inviolável, respeitável', (Houaiss, ed. eletrônica, 2003)**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Fem. + Sb. Fem.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquela que foi canonizada e/ou a quem os fiéis rendem culto, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.019**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** São Francisco**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).**Fonte:** EMBRAPA Pantanal**Ficha lexicográfico-toponímica****Código:** 8.020**Localização:** Sub-Região de Porto Murtinho**Município:** Porto Murtinho**Topônimo:** São Felipe**Taxonomia:** Hagiopônimo**Etimologia:** do latim *sanu*; forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, (Michaelis, ed. eletrônica, 2004).**Estrutura Morfológica:** Nc (Adj. Masc. + Sb. Masc.)**Informações Enciclopédicas:** Este topônimo foi classificado como hagiopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção: que ou aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto. A palavra 'são' é empregada diante de nomes que iniciam por

consoante, (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Fonte: EMBRAPA Pantanal

Ficha lexicográfico-toponímica

Código: 8.021

Localização: Sub-Região de Porto Murtinho

Município: Porto Murtinho

Topônimo: Chatelodo

Taxonomia: Sem Classificação

Etimologia: não encontrda.

Estrutura Morfológica: Ns (Sb.)

Informações Enciclopédicas: não encontrado.

Fonte: EMBRAPA Pantanal

2. Quantificação e classificação dos dos topônimos por sub-região

Nesta parte do trabalho, para efeitos didáticos, apresentamos os topônimos, através de tabelas numeradas de 1 a 8, que permitem a visualizar a classificação taxonômica e o número de ocorrência em cada sub-região do Pantanal Sul-mato-grossense. Na tabela 9, pode-se visualizar a quantificação geral dos topônimos, por sub-região. Já a tabela 10 apresenta a quantificação geral dos topônimos que nomeiam as Fazendas do Pantanal sul-mato-grossense; e, a tabela 11, apresenta a quantificação dos topônimos mais produtivos no *corpus*, por categoria – física e antro-po-cultural, conforme teoria de Dick (1990).

**CLASSIFICAÇÃO TAXONÔMICA DOS TOPÔNIMOS QUE NOMEIAM AS FAZENDAS DO PANTANAL SUL-MATO-
GROSSENSE⁵⁶**

TABELA 1 – SUB-REGIÃO DE PAIAGUÁS

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	01	Sol Levante
Cardinatopônimo	--	---
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	06	Buriti Alegre, Pimenteira, Palmeira, Piúva, Embaúba, Campo Dalva
Geomorfotopônimo	--	---
Hidrotopônimo	07	Baía do Tarumã, Baía Verde, Baía Mineira, Baía das Moças, Água Rasa, Lagoa Parada, Corixão
Litotopônimo	02	Itaúna, Ouro Fino
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	05	Lambari, Perdizes, Irapuã, Taiamã, Birigui
Animotopônimo	06	Modelo, Eldorado, Bela Vista, Milagre, Bonsucesso, Formoso,
Antropotopônimo	02	Maria Auxiliadora, Guilherme
Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	06	Lisboa, Cantagalo, Piracicaba, Piratininga, Ipiranga, Candelária,
Cronotopônimo	03	Nova Esperança, Nova Estância, Novo Horizonte
Ecotopônimo	02	Rancho Novo, Rancho Alegre,
Ergotopônimo	04	Sonrisal, Bandeira, Poleiro Grande, Tendal
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---

⁵⁶ A forma de apresentação dos dados baseia-se no modelo de tabela proposto por Schneider (2002, p. 85).

Hagiotopônimo Hagiotopônimo ⁵⁷	33	Sagrada ⁵⁸ , Santa Cruz ⁵⁹ Santa Lourdes, Santa Rosa, São Gonçalo, Santo Antonio (1), São Sebastião, Santa Catarina, São Cristovão, Santo Antonio (2), Santa Mônica, Santa Luzia, Santana (1), São Fernando, São Pedro, Santa Lúcia, Santana (2), São Roque, Santo Onofre, Santa Amália, Santa Edwirges, São Domingos, Santa Glória, Santa Isabel, Santo Estevão, São João, São Luiz, São Bento, São Paulo, Santa Leopoldina, São Clemente, Santa Branca, Santa Leopoldina
Historiotopônimo	--	---
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	03	Dois Ipês, Dois Buritis, Três Estrelas
Poliotopônimo	01	Aldeia
Sociotopônimo	05	Piraquara, Curral Velho, Caiçara, Viveirinho
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	02	Carunal, Sansaruê
TOTAL	88	---

⁵⁷ Segundo classificação de Dick (1990, p. 33) “Os hagiotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: *hagiotopônimos*: topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano; *mitotopônimos*: topônimos relativos às entidades mitológicas”.

⁵⁸ O topônimo *Sagrada* foi considerado um hietopônimo, levando-se em consideração a classificação de Dick (1990, p. 33) “também pode-se referir aos locais de culto: igrejas, templos, etc.”. A acepção adotada para *Sagrada* foi “lugar vedado à profanação, local privilegiado para a realização de rituais sagrados”.

⁵⁹ O topônimo *Santa Cruz* foi classificado como hagiotopônimo, levando-se, também, em consideração na análise o segundo elemento da composição, ou seja, em Santa Cruz subentende-se que se trata de uma cruz que se tornou santa, e também por ser um dos símbolos do cristianismo.

TABELA 2 – SUB-REGIÃO DO PARAGUAI

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	--	---
Cardinatopônimo	--	---
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	04	Faia, Piuval, Angical, Acurizal,
Geomorfotopônimo	01	Morro do Mel,
Hidrotopônimo	01	Lagoa Bonita
Litotopônimo	01	Areião
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	--	---
Animotopônimo	01	Boa Esperança
Antropotopônimo	--	---
Axiotopônimo	01	Frei Leopoldo
Corotopônimo	02	Rondonópolis, Califórnia,
Cronotopônimo	--	---
Ecotopônimo	01	Castelo
Ergotopônimo	--	---
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo ⁶⁰	08	São Jorge, Santa Isabel, São Benedito, Santo Amaro, Santa Inês, São José, São João da Patrulha, Santa Rosa
Historiotopônimo	--	---

⁶⁰ Todos os topônimos listados são hagiotopônimos.

Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	--	---
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	--	---
TOTAL	20	---

TABELA 3 – SUB-REGIÃO DA NHECOLÂNDIA

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	--	---
Cardinatopônimo	01	Horizonte
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	02	Fundão, Panorama
Fitotopônimo	19	Laranjeiras, Coqueiro, Bocaiuva, Tarumã, Palmeiras, Campo Cira, Campo Neta, Campo Leda, Campo Verde, Campo Lea, Campo Alegre, Campina, Pimenteira, Mangaba, Limeira, Palmeirinha, Cerradinho, Juazeiro, Nhumirim
Geomorfotopônimo	04	Morrinho, Boqueirão, Barranco Branco, Várzea Alegre, Barra Mansa
Hidrotopônimo	09	Baía Rica, Baía Grande, Baía dos Patos, Baía das Pedras, Baía Suja, Baía do Cervo,, Rio Negro, Aguaçuzinho, Corixo
Litotopônimo	--	---
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	04	Boi Branco, Cordeiro, Sucuri, Cervo Novo
Animotopônimo	11	Fortuna, Vitória, Aliança, Promissão, Paraíso, Alegria, Livrada, Livramento, Esperança, Bom Jesus, Firme
Antropotopônimo	06	Mercedes, Lourdes, Berenice, Alpires, Conceição, Nazaré,

Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	07	Pindorama, Veneza, Cáceres, Ipanema, Porto Alegre, Guanabara, Marajoara, Corcovado
Cronotopônimo	05	Alvorada, Nova, Novo Eldorado, Novo Horizonte, Primavera
Ecotopônimo	05	Rancho Alegre, Pouso Alto, Ranchinho, Fazendinha, Retiro do Pato
Ergotopônimo	03	Leque, Luzeiro, Sapicoá
Etnotopônimo	01	Guarani
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo / Hagiotopônimo	32	Tupanceretã ⁶¹ , Cruzeiro ⁶² , Divino ⁶³ , Imaculada ⁶⁴ , Natal ⁶⁵ Santa Helena, Santa Edwirges, Santa Terezinha, Santa Maria, Santa Rosa, Santa Isabel, Santa Filomena, Santa Rita, Santa Cecília, Santo Antonio (1), Santo Antonio (2), São Benedito, São Severino, São Miguel, São Vicente, São Paulo, São Francisco, São Pedro, São José (1), São Joaquim, São Manuel, São Rafael (1), São Rafael (2), São Gabriel, São José (2), São José da Formosa, São Sebastião,
Historiotopônimo	--	---
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	02	Quarto Centenário, Três Marias
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	01	Brete
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	01	Chatelodo
TOTAL	114	---

⁶¹ Esse topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a seguinte acepção “a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora”. De acordo com Dick (1990, p. 33) os hagiotopônimo também se referem aos locais sagrados..

⁶² Adotou-se aqui a acepção de lugar sagrado, no qual se ergue grande cruz em certos adros de igrejas, cemitérios, sendo que nesse último se imanam os ossos não reclamados e se acendem velas em intenção de suas almas. (DICK, 1990, p. 33)

⁶³ Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo por referir a algo “relativo ou proveniente de Deus ou de um ou mais deuses”.

⁶⁴ *Imaculada* é o epíteto que se dá a Maria, mãe de Jesus, razão pela qual esse topônimo foi classificado como hagiotopônimo.

⁶⁵ *Natal* refere-se a efeméride religiosa “festa do Nascimento de Jesus”.

TABELA 4 – SUB-REGIÃO DO ABOBRAL

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	01	Estrela
Cardinatopônimo	01	Entre Rios
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	01	Campo Hilda
Geomorfotopônimo	--	---
Hidrotopônimo	--	---
Litotopônimo	--	---
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	--	---
Animotopônimo		Firmezinha
Antropotopônimo	--	---
Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	02	Califórnia, Colorado
Cronotopônimo	01	Nova Estância
Ecotopônimo	--	---
Ergotopônimo	--	---
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo ⁶⁶	07	Santa Delfina, Santa Catarina, Santa Helena, Santa Otília, Nossa Senhora de Fátima, São Jorge, São José do Baú
Historiotopônimo	--	---

⁶⁶ Todos os topônimos listados são hagiotopônimos.

Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	01	Porto Ciríaco
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	--	---
TOTAL	14	

TABELA 5 – SUB-REGIÃO DE AQUIDAUANA

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	01	Luz Alva
Cardinatopônimo	--	---
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	01	Central
Fitotopônimo	02	Taboco, Jatobá
Geomorfotopônimo	02	Pontal, Costa Rica
Hidrotopônimo	04	Baía de Santa Clara, Iguaçu, Iguaçuzinho, Olho D'Água
Litotopônimo	01	Chão Parado
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	01	Tuiuiú
Animotopônimo	04	Proteção, Amparo, Vista Limpa, Vista Alegre
Antropotopônimo	--	---

Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	01	Umuarama
Cronotopônimo	--	---
Ecotopônimo	02	Estância Brasil, Querência
Ergotopônimo	--	---
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo ⁶⁷	10	Santa Helena, Santa Rosa, São Sebastião, São Pedro, São José, São Francisco, Santana, São Roque, São Lourenço, Bonfim ⁶⁸
Historiotopônimo	01	Bandeirante
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	--	---
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	--	---
TOTAL	30	---

TABELA 6 – SUB-REGIÃO DE MIRANDA

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	--	---
Cardinatopônimo	--	---

⁶⁷ Todos os topônimos listados são hagiotopônimos.

⁶⁸ Este topônimo foi classificado como hagiotopônimo em razão de adotar-se a aceção “refere-se ao Senhor do Bom Fim, isto é, da boa morte”; portanto, é também um hagiotopônimo.

Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	02	Capão Verde, Figueira
Geomorfotopônimo	01	Morrinhos
Hidrotopônimo	01	Arroio
Litotopônimo	01	Pedregulho
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	01	Caimã
Animotopônimo	02	Choro, Fortaleza
Antropotopônimo	--	---
Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	05	Miranda Estância, Veneza, Panamá, Bodoquena, Porto Alegre
Cronotopônimo	--	---
Ecotopônimo	02	Tapera, Rancho Alegre
Ergotopônimo	01	Tição de Fogo
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo	--	---
Historiotopônimo	--	---
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	--	---
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	01	Cutape
TOTAL	17	

TABELA 7 – SUB-REGIÃO DE NABILEQUE

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	--	---
Cardinatopônimo	--	---
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	09	Tarumã do Nabileque, Piúva, Louro, Buriti, Pinheiro, Sapucaia, Palmar Alegre, Figueirinha, Vassoural
Geomorfotopônimo	--	---
Hidrotopônimo	03	Baía Santa, Baía dos Touros, Rebojo
Litotopônimo	01	Itaroquém
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---
Zootopônimo	03	Jacutinga, Araras, Piranha
Animotopônimo	03	Boa Vontade, Livramento, Feia
Antropotopônimo	03	Ondino, Hermínio, Fátima
Axiotopônimo	01	General
Corotopônimo	02	Pindorama, Nabileque
Cronotopônimo	03	Antigal. Recreio, Dois de Março
Ecotopônimo	01	Tupaci
Ergotopônimo	01	Chimarrão
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	01	Quero Ver
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo ⁶⁹	21	Santa Brígida, Santa Aparecida, Santa Bianca, Santa Rosália, Santa Rosa, Santa Clara, Santa Helena, Santa Luzia, Santa Rita, Santa Catarina, Santa Terezinha, São Domingos,

⁶⁹ Todos os topônimos listados são hagiotopônimos.

		São Miguel, São Francisco da Mata, São Martin, São Simão, São Paulo, São Jorge, São Carlos, Santo Antonio, Bonfim
Historiotopônimo	--	---
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	02	Curralão, Gabinete
Somatotopônimo	01	Pé de Ferro
Sem Classificação	02	Sajutá, Inhave
TOTAL	57	

TABELA 8 – SUB-REGIÃO DE PORTO MURTINHO

TAXONOMIAS	QUANTIDADE	TOPÔNIMO
Astrotopônimo	--	---
Cardinatopônimo	--	---
Cromotopônimo	--	---
Dimensiotopônimo	--	---
Fitotopônimo	03	Quebracho, Tarumã, Braúna
Geomorfotopônimo	01	Barranco Branco
Hidrotopônimo	01	Baía das Conchas
Litotopônimo	--	---
Meteorotopônimo	--	---
Morfotopônimo	--	---

Zootopônimo	02	Biguá, Formigueiro
Animotopônimo	04	Aliança, Boa Vista, Bela Esperança, Pitoca
Antropotopônimo	01	Conceição
Axiotopônimo	--	---
Corotopônimo	02	Flórida, Londrina
Cronotopônimo	01	Nova
Ecotopônimo	--	---
Ergotopônimo	02	Prato Quebrado, Tereré
Etnotopônimo	--	---
Dirrematotopônimo	--	---
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo ⁷⁰	03	Santa Cecília, São Francisco, São Felipe
Historiotopônimo	--	---
Hodotopônimo	--	---
Numerotopônimo	--	---
Poliotopônimo	--	---
Sociotopônimo	--	---
Somatotopônimo	--	---
Sem Classificação	01	Chatelodo
TOTAL	21	---

⁷⁰ Todos os topônimos listados são hagiotopônimos.

TABELA 9 – QUANTIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS DE NATUREZA FÍSICA E ANTROPO-CULTURAL, POR SUB-REGIÃO DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

SUB-REGIÕES TAXONOMIAS	PAIAGUÁS	PARAGUAI	NHECOLÂNDIA	ABOBRAL	AQUIDAUANA	MIRANDA	NABILEQUE	PORTO MURTINHO
Astrotopônimo	01	--	--	01	--	--	--	--
Cardinatopônimo	--	--	01	01	--	--	--	--
Cromotopônimo	--	--	--	--	--	--	--	--
Dimensiotopônimo	--	--	02	--	01	--	--	--
Fitotopônimo	06	04	19	01	02	02	09	03
Geomorfotopônimo	--	01	05	--	02	01	--	01
Hidrotopônimo	07	01	09	--	04	01	03	01
Litotopônimo	02	01	--	--	01	01	01	--
Meteorotopônimo	--	--	--	--	--	--	--	--
Morfotopônimo	--	--	--	--	--	--	--	--
Zootopônimo	05	--	04	--	01	01	03	02
Animotopônimo	06	01	11	01	04	02	03	04
Antropotopônimo	02	--	06	--	--	--	03	01
Axiotopônimo	--	01	--	--	--	--	01	--
Corotopônimo	06	02	08	02	01	05	02	02
Cronotopônimo	03	--	05	01	--	--	03	01
Ecotopônimo	02	01	05	--	02	02	01	--
Ergotopônimo	04	--	03	--	01	01	01	02
Etnotopônimo	--	--	01	--	--	--	--	--
Dirrematotopônimo	--	--	--	--	--	--	01	--
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo	33	08	32	07	10	--	21	03
Historiotopônimo	--	--	--	--	01	--	--	--
Hodotopônimo	--	--	--	--	--	--	--	--
Numerotopônimo	03	--	02	--	--	--	--	--
Poliotopônimo	01	--	--	--	--	--	--	--
Sociotopônimo	05	--	01	01	--	--	02	--
Somatotopônimo	--	--	--	--	--	--	01	--
Sem Classificação	02	--	01	--	--	01	02	01
TOTAL	88	20	114	14	30	17	57	21

TABELA 10 – QUANTIFICAÇÃO GERAL DOS TOPÔNIMOS QUE NOMEIAM AS FAZENDAS DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

TOPÔNIMOS	QUANTIDADE
Topônimos de Natureza Física	111
Topônimos de Natureza Antropo-Cultural	243
Topônimos Sem Classificação	07
Total	361

TABELA 11 – QUANTIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS DE NATUREZA FÍSICA E ANTROPO-CULTURAL MAIS PRODUTIVOS NO CORPUS

TOPÔNIMOS	QUANTIDADE
Astrotopônimo	03
Cardinatopônimo	02
Cromotopônimo	--
Dimensiotopônimo	04
Fitotopônimo	46
Geomorfotopônimo	09
Hidrotopônimo	26
Litotopônimo	06
Meteorotopônimo	--
Morfotopônimo	--
Zootopônimo	16
Animotopônimo	32
Antropotopônimo	12
Axiotopônimo	02
Corotopônimo	27
Cronotopônimo	13
Ecotopônimo	13
Ergotopônimo	11
Etnotopônimo	01
Dirrematotopônimo	01
Hagiotopônimo/ Hagiotopônimo	113
Historiotopônimo	01
Hodotopônimo	--
Numerotopônimo	05
Poliotopônimo	01
Sociotopônimo	09
Somatotopônimo	01
Sem Classificação	07
TOTAL	361

V – ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das categorias taxonômicas levantadas pela pesquisa seguirá os critérios utilizados por Dick (1990, p. 31-34), e levar-se-á em consideração dois aspectos: o taxonômico, que envolve as vinte e sete classificações, e o lingüístico, que envolve os campos etnodialetológico e o histórico-cultural. A análise dos topônimos de natureza humana (os nomes de fazenda) será efetuada seguindo-se a ordem das categorias de maior frequência para as de menor frequência, partindo-se da análise da macrotoponímia da região, constituída pelos oito topônimos que denominam as sub-regiões em estudo para a microtoponímia, que são os acidentes humanos coletados e que se encontram relacionados nas tabelas de 1 a 8, na terceira parte deste trabalho.

O topônimo *Paiaguás* é classificado como um *etnotopônimo* porque diz respeito ao nome de uma etnia indígena da nação guarani, hoje considerada extinta, que habitou a região do Pantanal Sul-Mato-Grossense, cujos integrantes eram conhecidos como excelentes canoeiros.

Na classificação *corotopônimos* têm-se os topônimos *Abobral*, *Aquidauana*, *Miranda*, *Paraguai* e *Porto Murtinho*. *Abobral*, de acordo com Nogueira (1989, p. 46), advém do rio *Abobral*, que corta a sub-região. Esse topônimo pode ter sido motivado pela presença da planta “abobreira”, muito comum na região, confirmada por Pott e Pott (1994, p. 172). Segundo Schneider (2002, p. 120), para esses biólogos a planta também é conhecida como carne-de-vaca e se reproduz em mata alagável do rio Paraguai e em solos argilosos. Infere-se que o termo *abobral*, coletivo de “abobreira”, possa fazer referência a uma reunião de “abobreiras”, uma variante lexical de abobreira.

O topônimo *Aquidauana*, também se dá em referência ao rio e à cidade de mesmo nome, sendo que este rio banha a cidade e corta a sub-região em questão. De acordo com Robba (1992, p. 17) há duas versões sobre a etimologia do termo *Aquidauana*. A primeira, segundo Emile, agrimensor francês, no seu livro “A vida dos Índios Guaicuru”, *Aquidauana* é proveniente do *Guaicuru*, sendo *aqui* 'rio' e *uana* 'fino, delgado, estreito', portanto, *Aquidauana* significa *rio estreito*. A segunda, conforme denominação dos índios Tupi e Guaicuru, *ac* 'grande', *da* 'lugar' e *dana* 'araras', ou seja, *lugar das araras grandes*.

O signo toponímico que denomina a sub-região de ***Miranda***, é uma homenagem ao nome de um antigo presídio que deu nome à cidade e ao rio de mesmo nome. *Miranda* é originário do latim *miranda* 'que é para admirar, coisa digna de admiração'. Leite de Vasconcelos diz que esse nome “deve ter significado na origem 'miradoiro' ou 'atalaia' “; cf. catalão *miranda*, cf. ainda o português *mirante*, (GUÉRIOS, 1981, p. 178).

Já o topônimo ***Paraguai***, segundo Schneider (2002, p. 96),

parece homenagear o rio Paraguai ou o país vizinho Paraguai, sobretudo em razão da importância exercida por esse rio sobre a região pantaneira, somada à grande quantidade de descendentes paraguaios na região.

Outro aspecto a considerar sobre esse topônimo é o fato de que essa sub-região corresponde, em sua maior parte, à extensa planície de inundação do Rio Paraguai, desde a ilha do Caracará, nos limites do Pantanal de Cáceres, até as bordas do Maciço do Urucum, ao Sul de Corumbá, fato que justifica a escolha do topônimo Paraguai como denominativo da sub-região..

A sub-região ***Porto Murtinho*** tem seu topônimo motivado pela existência do município de *Porto Murtinho*, cujo nome foi uma homenagem ao primeiro presidente

do então estado de Mato Grosso, Manuel José Murtinho. As terras do atual município pertenciam à Fazenda Três Barras e, em 1892, o Dr. Antônio Corrêa, Superintendente Regional do Banco Rio e Mato Grosso, estabeleceu, no local, um porto para o embarque da indústria de erva-mate com destino ao sul do País, cultura que predominava no início do século XX e que era o principal fator econômico de toda a região sul e sudoeste do então Mato Grosso (CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 1991, p. 93).

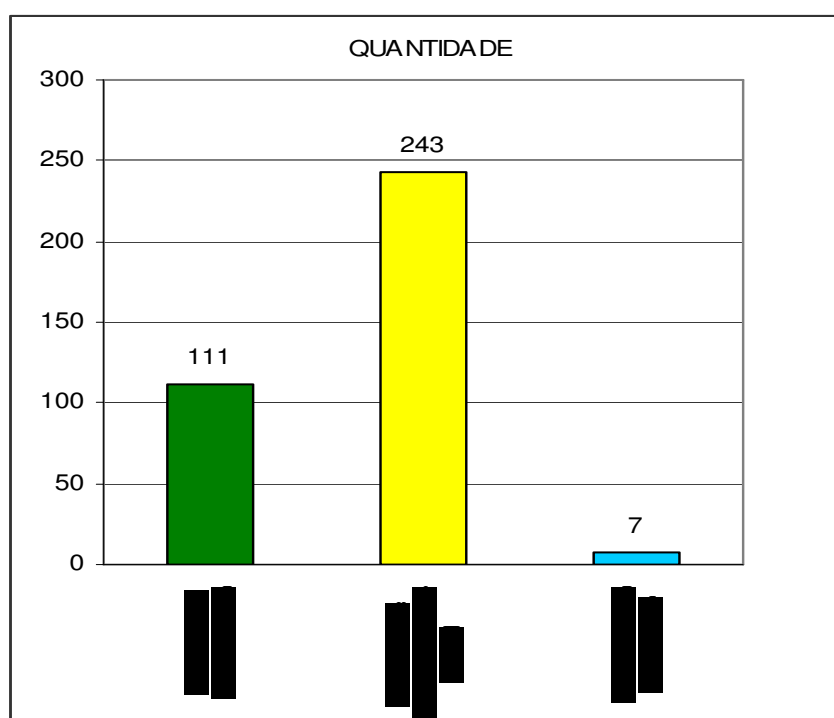
O topônimo *Nhecolândia* tem como fonte motivacional a alcunha do fundador da região, Joaquim José Gomes da Silva, o Barão de Vila Maria, o *Nheco*. Segundo Maeda (2000, p. 68), o costume de atribuir apelidos ou alcunhas uns aos outros já é uma tradição do pantaneiro, que o faz motivado pelas condições culturais e físicas da região, como os apelidos relacionados ao aspecto físico da pessoa nomeada, à personalidade, ao comportamento, à atitude, à fauna regional, à etnia, à origem geográfica e à afetividade familiar do homem pantaneiro. De acordo com Dick (1990, p. 370) é comum aos antropotopônimos composições desinências como em burgo, lândia e pólis, razão pela qual *Nhecolândia* pode ser considerado como um *antropotopônimo*.

O signo toponímico *Nabileque* pode ter como referência o rio Nabileque, um dos rios pertencente à bacia do rio Paraguai. No Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado (1987), *Nabilec* é de origem tapuia. O autor remete ao Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes (1988), na parte relativa aos nomes próprios. Dick (1990, p. 34) faz uma referência ao termo como sendo atribuído por Taunay. Embora haja o topônimo *Nabileque* nomeando um acidente físico, o rio Nabileque, optamos por deixá-lo na categoria “sem classificação”, uma vez que a origem etimológica do termo ainda permanece obscura.

Quanto à microtoponímia do Pantanal, relativa às oito sub-regiões em estudo, totaliza 361 (trezentos e sessenta e um) acidentes humanos, sendo 111 (cento e onze) de

natureza física, 243 (duzentos e quarenta e três) de natureza antro-po-cultural e 07 (sete) foram considerados “sem classificação”, conforme se pode ver na ilustração do gráfico 1 , apresentado a seguir:

Gráfico 1- DISTRIBUIÇÃO DOS TOPÔNIMOS QUE NOMEIAM AS FAZENDAS DO PANTANAL DE MS, DE ACORDO COM O PLANO MOTIVACIONAL DE DICK (1990)



As taxonomias mais produtivas no Pantanal de Mato Grosso do Sul, por ordem de maior para menor ocorrência são: os *hagiotopônimos*, com cento e treze topônimos; os *fitotopônimos*, com quarenta e seis topônimos; os *animotopônimos* com trinta e dois topônimos; os *corotopônimos* com vinte e sete topônimos; os *hidrotopônimos* com vinte e seis topônimos; os *zootopônimos* com dezesseis topônimos; os *cronotopônimos* e os *ecotopônimos* com treze topônimos; os *ergotopônimos* e os *antropotopônimos*

com doze topônimos, os *geomorfotopônimos* e os *sociotopônimos* com nove, os *litotopônimos* com seis topônimos; os *numerotopônimos* com cinco topônimos; os *dimensiotopônimos* com quatro topônimos, com dois topônimos, os *astrotopônimos*, os *cardinatopônimos* e *axiotopônimos*; e, finalmente, apenas com um topônimo, os *etnotopônimos*, *dirrematopônimos*, *historiotopônimo*, *poliotopônimos* e *somatopônimos*. Os *cromotopônimos*, *meteorotopônimos*, *morfotopônimos* e *hodotopônimos* não foram encontrados dentre os topônimos coletados. Registram-se, ainda, sete topônimos na categoria *sem classificação*. Esta distribuição encontra-se ilustrada nos gráficos 2 e 3, a seguir:

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO QUANTITATIVA DOS TOPÔNIMOS DENOMINATIVOS DAS FAZENDAS DO PANTANAL DE MS

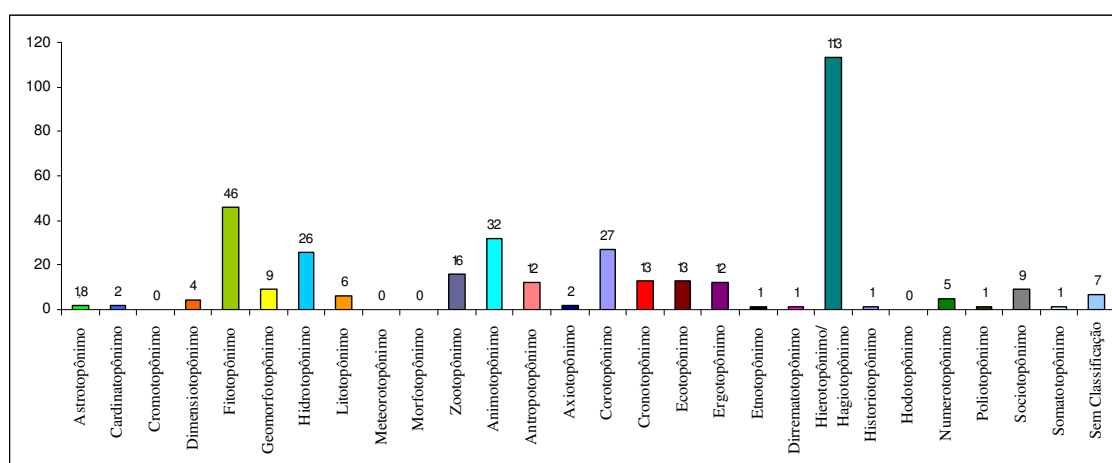
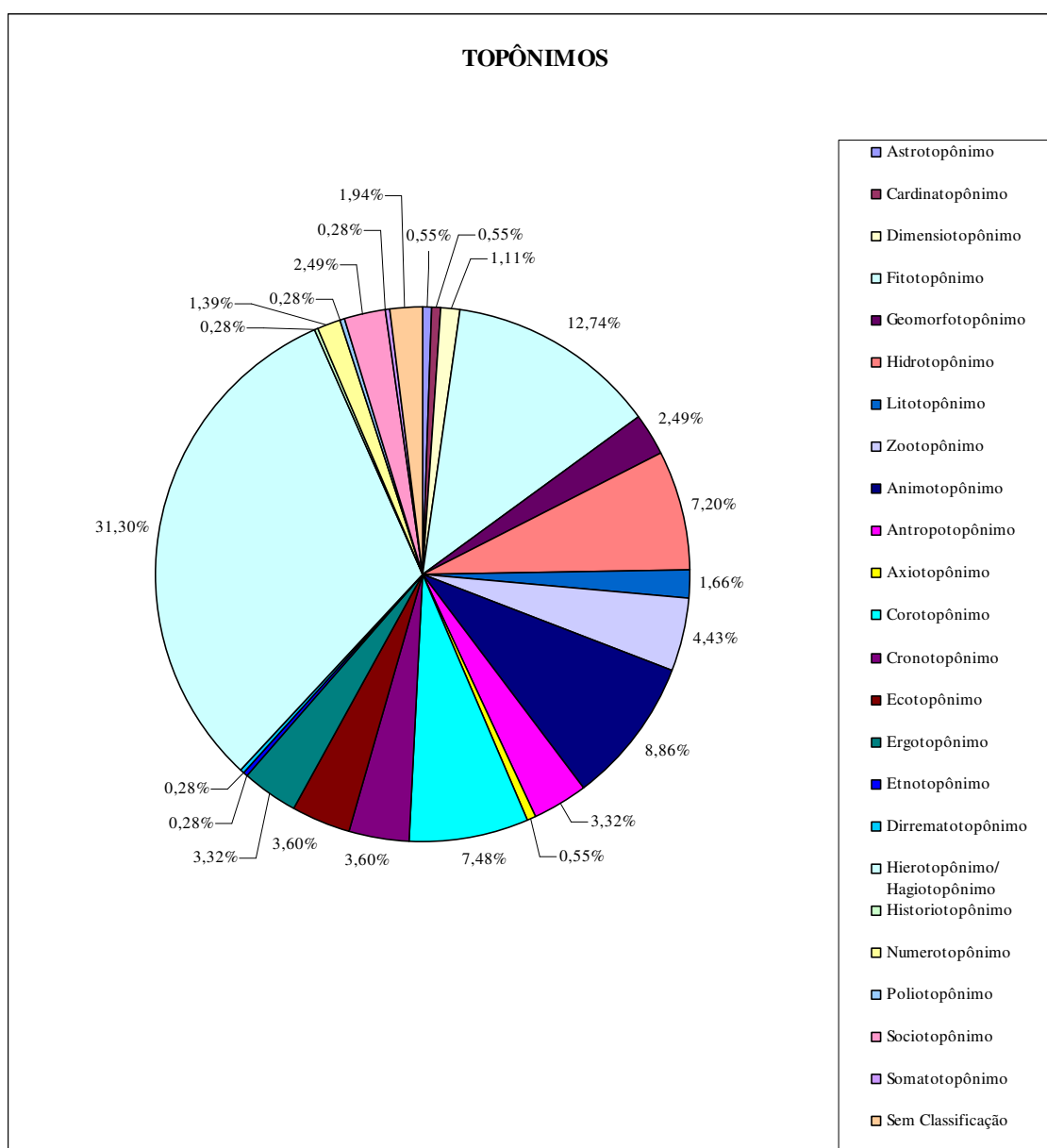


GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TOPÔNIMOS DENOMINATIVOS DAS FAZENDAS DO PANTANAL DE MS



Dentre os designativos de fazendas estudados nesta pesquisa, os topônimos de origem religiosa, denominados genericamente de *hagiotopônimos*, subdividem-se em *hagiotopônimos*, que se referem aos nomes de santos do hagiológico romano, e *mitotopônimos*, ou nomes de lugares que recordam entidades mitológicas. Como se pode ver nos gráficos 2 e 3 apresentados, o *hagiotopônimo* é o signo toponímico de

maior produtividade, apresentando cento e treze ocorrências, sendo que alguns deles se repetem na mesma sub-região ou em sub-regiões diferentes, como é o caso dos topônimos *Santo Antônio, São Francisco, São José*, com variações em *São José do Baú* e *São José da Formosa, São Francisco da Mata São Roque, São Pedro, São Rafael, Santana, Santa Terezinha, Santa Catarina, Santa Rosa*. Já os topônimos *Santa Isabel, Santa Inês, Santa Judite, Santa Mônica, Santa Otília, Santa Glória, Santa Bianca, Santa Maria, Santa Leopoldina, Santa Edwirges, Santa Lourdes, Santa Rita, Santa Rosália, Santa Luzia, Santa Helena, Santa Delfina, Santa Filomena, Santa Lúcia, Santa Amália, Santa Brígida, Santa Aparecida, Santa Clara, . Nossa Senhora de Fátima, São Cristóvão, São Geraldo, São Gonçalo, São Jorge, São Domingos, São Pedro, São Fernando, São Joaquim, São Paulo, São Vicente, São Martin, São Gabriel, São Manoel, São Lourenço, São Carlos, São Miguel, São Rafael, São Severino, Santo Estevão, São Benedito, São Sebastião, São Luiz, São Bento, São Clemente, Santo Onofre, São Carlos, São Simão, São Benedito, São João da Patrulha, Santo Amaro, São Lourenço* aparecem uma única vez. Há também o registro de duas ocorrências de Bonfim, uma única ocorrência de *Imaculada, Natal, Cruzeiro, Divino*, que foram classificados como hagiotopônimos, conforme informação na ficha lexicográfico-topônimica e notas explicativas. Registra-se também a presença de dois **mitotopônimos** de origem indígenas *Tupaceretã* e *Tupaciara*.

A razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta. Para Dick (1990a, p. 311):

A ocorrência desses topônimos representa o legítimo produto de uma mentalidade de época, liga-se a todo um processo subjetivo de reflexão, muito mais próximo, portanto, do intangível, que das manifestações reais do mundo sensível, a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se movimenta.

Entretanto, essa autora ressalta que não se pode ignorar que o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé e, por isso, talvez esteja aí a razão do denominador ir buscar as raízes da toponímia na influência religiosa nacional, assentada em seus primórdios pela tradição católica do colonizador português. Por isso, a opção do denominador pelos elementos lingüísticos *São* ou *Santo/ Santa* é bastante comum na toponímia brasileira e isso acaba por dificultar a classificação terminológica, ou tipológica, pois empresta ao topônimo uma aparência religioso-devocional que nem sempre corresponde à realidade de fato. De acordo com Dick (1990a, p. 312), um exemplo típico dessa ocorrência é o que se deu em relação ao topônimo *São Manuel*, interior do Estado de São Paulo, cujo fundador foi Manoel Gomes de Faria. Posteriormente, o milagroso São Manuel tornou-se o padroeiro do povoado, em homenagem ao seu fundador.

A esse respeito, tem-se também o trabalho de Lima (1997, p. 425) no qual propõe uma subdivisão da categoria dos *hagiotopônimos* em *autênticos* e *aparentes*. Ao analisar os nomes das cidades do Estado do Paraná, essa autora verificou a presença de *hagiotopônimos aparentes* quando a primeira intenção era homenagear pessoas, tais como político ou um pioneiro, como *São Jorge do Patrocínio (AH PR)* ou mesmo no caso de *São Manuel*, citado acima. Já os *hagiotopônimos autênticos* são os nomes de inspiração religiosa, com padroeiro homônimo ou não, porém sem inspiração política.

Vale ressaltar que a definição comumente aceita de santos, entre os católicos, é que são aqueles indivíduos que viveram uma vida exemplar na terra e a quem a Igreja Católica determinou que estão certamente com Deus. Os santos são mais comumente conhecidos pelo martírio, virtude heróica, e milagres. Como resultado destes dons, católicos em todo o mundo rezam aos santos, e os honram celebrando seus dias festivos, mencionando-os de tempos em tempos na celebração da Missa, colocando estátuas e

pinturas deles, entesourando seus pertences mundanos, bem como seus restos físicos, e dando os nomes deles os seus filhos e a suas igrejas.

No caso dos topônimos designativos de fazendas do Pantanal de Mato Grosso do Sul, verifica-se que alguns *hagiotopônimos*, tais como São Francisco, São Sebastião, Santo Antônio, São Pedro, São José, Santana, Santa Catarina e Santa Terezinha, encontrados na denominação de acidentes humanos em todas as sub-regiões ou duas vezes numa mesma sub-região, acredita-se que tal ocorrência se deve ao fato de serem os santos mais populares do hagiológico católico. São Francisco (de Assis), por exemplo, é tido como o santo protetor dos animais; São Sebastião, é o padroeiro dos fazendeiros e criadores. Santo Antonio, São João e São Pedro são os santos cujas datas dedicadas a eles são as mais comemoradas em festas típicas da região – as festas juninas, uma herança de Portugal. Já Santana, Santa Catarina, Santa Rita, Santa Helena e Santa Terezinha figuram entre as santas mais populares de devoção, sobretudo entre as mulheres. Além disso, constituem topônimos de diversos acidentes humanos e físicos no Brasil. Nesse particular, a devoção do pantaneiro a esses santos e santas estaria justificada e eles poderiam figurar entre a classificação dos *hagiotopônimos autênticos*.

Quanto aos hagiotôponimos registrados uma única vez como designativo das propriedades rurais do Pantanal, tais como São Cristóvão, São Gonçalo, São Gabriel, São Miguel, São Severino, São Lourenço, São Manuel, São Fernando, São Carlos, São Joaquim e Santo Onofre, alguns deles também são topônimos designativos de acidentes humanos e físicos no Brasil. O mesmo se dá em relação aos designativos Santa Maria, Santa Tereza, Santa Luzia, Santa Amália, Santa Rita, Santa Edwirges, Santa Brígida, Santa Mônica, Santa Rosália, Santa Delfina, Santa Filomena e Santa Lúcia. Segundo Dick (1990b, p. 340), as ocorrências únicas de topônimos indicam, por certo, a pequena difusão do culto ao padroeiro, em âmbito nacional. Algumas vezes, o nome santificado

denota o culto regional por influência de migrações, como o caso de Bonfin , uma alusão a Nosso Senhor do Bonfin, muito cultuado na Bahia..

Os hagiotopônimos Santa Glória e Santa Leopoldina não figuram na relação de santas do hagiolégio católico. Já o topônimo Santa *Bianca*, no qual o segundo elemento da composição *Bianca* pode ser considerado uma variação de *Branca* – Santa Branca, portanto, figura entre as santas do hagiolégio católico. Os dois primeiros casos tratam-se de *hagiotopônimos aparentes*, referido por Lima (1997, p. 426).

O signo toponímico Divino relaciona-se à *Divindade* de Cristo ou pode ser interpretado como forma abreviada de *Divino Espírito Santo*, culto popular católico de grande penetração. É um topônimo muito predominante em Minas Gerais, com apenas uma ocorrência no Estado de São Paulo (DICK, 1990 b, p. 327). Já a lexia *Cruz* pode ser interpretada como uma alusão à celebração da Santa Cruz, festejada pela primeira vez em 335, na própria Jerusalém. Esta festa relembra a construção de duas basílicas muito importantes: Martyrium ou Ad Crucem (erguida no Monte do Gólgota) e Anástasis, que significa Basílica da Ressurreição, onde ocorreu a morte e a ressurreição de Cristo. Essas basílicas foram construídas por Constantino, para a exaltação da Cruz de Cristo. Roubada pelos persas foi recuperada pelo Imperador Heráclio que a levou às costas, desde Tiberíades até Jerusalém. O patriarca Zacarias recebeu-a de volta no dia 3 de maio de 630. Depois disso a festa da Santa Cruz passou a ser celebrada também no Ocidente, lembrando o triunfo de Jesus que venceu a morte e ressuscitou com o poder de Deus.

Essa lexia acusa um expressivo número de topônimos, seja em posição sintagmática inicial, como em Cruz Alta (AH SP), ou final, como em Bela Cruz (AH MG), ou ainda em expressões derivadas como a encontrada por nós na região, o *hagiotopônimo* Cruzeiro.

Há, também o registro de Natal, relacionado à natividade de Jesus, caracterizando o que Dick (1990b, p. 321) chama de “manifestações externas de devoção”. É importante dizer que o Natal tem sua origem numa festa pagã da antiga Roma, que celebrava o dia natalício do Sol invicto após a noite mais longa do ano, no dia 25 de dezembro. Nessa festa, os escravos comemoravam e recebiam presentes dos seus senhores e ceavam junto com eles. O cristianismo deu um novo significado a essa festa, celebrando o nascimento daquele que é o verdadeiro Sol, a Luz do mundo. É o dia em que todos acreditam na vida, na força do amor, na comunhão e na fraternidade universal. É o dia em que todos nós nascemos. Conforme profetizou Isaías, Natal significa “Deus conosco”, ou seja, daqui por diante não caminharemos mais sozinhos porque haverá sempre Alguém ao nosso lado.

Há, ainda, o registro de uma única ocorrência do culto a *Nossa Senhora*, com o topônimo *Nossa Senhora* de Fátima, que vem comprovar o que diz Dick (1990b, p. 322), “apesar da grandeza da devoção popular a *Nossa Senhora*, são poucos os topônimos consagrados, explicitamente, ao seu culto, em confronto com as manifestações externas pelo fervor natural à Mãe de Cristo”. Outro fato interessante ressaltado por essa autora é com relação a *Nossa Senhora Aparecida*, que, embora seja *Padroeira do Brasil*, esse fato não foi suficiente para que a expressão fosse acolhida, integralmente, na toponímia. Na região do Pantanal aparece apenas uma ocorrência na forma *Santa Aparecida*.

Por fim, há duas ocorrências de *mitotopônimos* ou nomes de lugares de natureza mitológica, como é o caso dos topônimos do lendário indígena Tupanceretã e Tupaciara, que, segundo Sampaio (1928) são variações de Tupã – do tupi *tu'pã* ou *tu'pana* 'gênio do trovão ou do rio', o qual apresenta diversas ocorrências nomeando acidentes

humanos, como Tupã (SP), Tupanaoca (RR) e Tupanatinga (RR). Esse autor apresenta estudo sobre a mitologia indígena, sobretudo a de origem tupi:

Tinham sua mitologia os povos da raça tupi, a despeito do que a princípio disseram os cronistas e escritores dos primeiros tempos que avançavam não ter o gentio nem fé, nem lei, nem rei (...) Todavia, era bastante singela ou rudimentar o que possuía esse povo da idéia religiosa. Tinha uma vaga noção do Ente Supremo, a que denominava “Tupã”, cuja voz se fazia ouvir por ocasião das tempestades – Tupã-cynunga ou o trovão e cujo reflexo ou claridade se denominava “Tupã-beraba” ou relâmpago.

A variedade da motivação religiosa, dentro do quadro distributivo dos *hagiotopônimos*, coloca-os, assim, naquelas categorias mais expressivas da toponímia brasileira, pois os motivos religiosos sempre foram uma constante nos diversos períodos da história do país, desde o seu descobrimento até os dias de hoje, como legado de um patrimônio sócio-cultural português, que se procurou conservar e respeitar como uma das tradições mais caras ao espírito da nação.

Na hierotoponímia, incluindo-se os *hagiotopônimos* e *mitotopônimos*, mais do que em qualquer outra das categorias onomásticas, é possível intuir os estreitos vínculos entre o denominador e o motivo da denominação, seja o nome dado a acidente físico ou humano. A designação das localidades geográficas pelos nomes sagrados não se vale, exclusivamente, de técnicas mecânicas ou de conteúdo impreciso. Aqui, o fenômeno associativo é de outra ordem, porque centralizado no doador, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos fatos místicos, à sua crença e à sua fé. Tal fato pode ser comprovado na região em questão, pois muitas das localidades, além de receberem a denominação de origem religiosa, ainda é comum encontrar-se a construção, na área geográfica denominada por nome religioso, uma pequena capela, na qual tem-se a imagem do santo/ santa que emprestou o nome ao local. Geralmente,

essas capelas são construídas em lugar central, próximas da casa sede, e é freqüentado pelo proprietário e sua família, assim como pelos trabalhadores residentes na fazenda.

Por fim, no tocante à toponímia religiosa, de acordo com Dick (1990b, p. 194):

O nome tem valor místico e até mágico, tantas vezes se invoca a proteção divina para o seu portador ou espaço geográfico, através da intermediação nominal, qualquer que seja a crença envolvida [...] que o nome surja como representante da pessoa ou coisa nomeada, que pronunciar-lo equivalha a chamar à existência presente, que seja temido porque é um ser real, que se deseja conhecê-lo porque contém poder.

Assim, nas lexias de origem religiosa não se pode cogitar a busca pelo equilíbrio e exata adequação entre nome e objeto nomeado, um dos princípios básicos da disciplina toponímia. Tampouco se pode dizer que a motivação, extrínseca à natureza do acidente, não o define nem se ajusta à normatividade do sistema onomasiológico. Apenas, há que se considerar que o ato denominativo, nessa categoria, é motivado por forças anímicas do denominador, como conseqüência de um pensamento coletivo, submerso na individualidade das consciências, ou seja, o sentir e o querer de elementos isolados refletem os processos introspectivos do comportamento comunitário.

Os *fitotopônimos* são a segunda categoria mais produtiva de topônimos do Pantanal de Mato Grosso do Sul, com 12,7% do total geral (vide gráficos 2 e 3). Na sub-região da *Nhecolândia* aparece com dezenove ocorrências, sendo: Laranjeiras, Coqueiro, Bocaiúva, Tarumã, Palmeiras, Campo Cira, Campo Neta, Campo Leda, Campo Verde, Campo Lea, Campo Alegre, Campinas, Pimenteira, Mangaba, Limeira, Palmeirinha, Cerradinho, Juazeiro e Nhumirim. Na sub-região do *Nabileque* são nove ocorrências: Tarumã do Nabileque, Piúva, Louro, Buriti, Pinheiro, Sapucaia, Palmar Alegre, Figueirinha, Vassoural. Na região do **Paiaguás** são seis ocorrências: Buriti Alegre, Pimenteira, Palmeira, Piúva, Embaúba, Campo Dalva. Na sub-região do *Paraguai* ocorre quatro vezes – Faia, Piuval, Angical, Acurizal; e três ocorrências na

sub região do *Porto Murtinho*: Quebracho, Tarumã, Braúna. A sub-região de *Aquidauana* apresenta dois topônimos: Taboco e Jatobá; a sub-região de *Miranda* apresenta duas ocorrências: Capão Verde e Figueira e apenas uma vez na sub-região do *Abobral*: Campo Hilda.

Para Dick (1990b, p. 145), estudar a vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, em razão da variedade das espécies que se entrecruzam em proporções delimitadas do espaço geográfico.

No Brasil, a intensa diversidade da flora configurada nas inúmeras ocorrências dos tipos botânicos, mais difícil ainda se torna a tarefa de selecionar, toponimicamente, as feições da paisagem referentes ao assunto; pois, como bem explica Bertrand (1972, p. 13), “a vegetação comporta-se sempre como ‘reativador’ do meio”. Assim, o importante é não se perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biossistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou usufruir.

Na região em estudo, a posição de Bertrand, citado acima, pode ser comprovada, uma vez que a flora do Pantanal é extremamente diversificada e adaptada às condições especiais da região, onde se alternam alta umidade e acentuada secura, conforme a época do ano e o tipo de solo considerado. Em espaços relativamente pequenos, podem ser identificadas muitas formações vegetais diferentes, constituindo verdadeiros mosaicos de espécies amazônicas, chaquenhas, de cerrado e de caatinga. Sobressaindo por entre a vegetação dos campos, vêem-se conjuntos muito diversificados de vegetais, formados por árvores de grande porte, arbustos, vegetação rasteira e trepadeiras. Podem se apresentar sob dois aspectos: matas ciliares ou galerias, encontradas margeando os rios e se estendendo por áreas mantidas úmidas pelos cursos d’água; capões ou manchas

de vegetação de porte alto, encontradas nas partes elevadas das ondulações da planície, onde o solo é rico e o abastecimento da água garantido pelo lençol subterrâneo.

Na realidade brasileira, segundo Bertrand (1972, p. 17), são bastante nítidas as correlações entre complexo bioclimático (clima, cobertura vegetal e solos) e as fases do processo de ocupação do espaço e formas de organização sócio-econômicas. Esse estudo, de caráter fitogeográfico, enriquecido com pormenores a respeito dos tipos de vegetação brasileira, torna-se de interesse para a Toponímia, pois, através dele, poder-se-á verificar a possível correlação entre áreas fitogeográficas e fitotoponímicas, no País.

A. J. de Sampaio, em sua obra *Fitogeografia Brasileira* (1938) apresentou uma divisão da Flora Brasileira em duas grandes regiões: a Província Amazônica, Flora Amazônica ou Hiléia Brasileira e a Flora Extra-Amazônica ou Flora Geral, que se divide em seis zonas, a saber: Zona dos Cocais, Zona das Caatingas, Zona das Florestas Orientais (ou das Matas Costeiras), Zona dos Pinhais ou Sul-Brasileira da Araucária, Zona dos Campos e Zona Marítima.

A região do Pantanal Sul-Mato-Grossense faz parte da Zona dos Campos, conforme divisão apresentada acima. De acordo com Dick (1990b, p. 185) “Nos *Campos Cerrados de Mato Grosso*⁷¹ impõe-se uma referência aos chamados *Campos do Pantanal*”, atualmente denominado *Complexo do Pantanal*. Para Sampaio (1938, p. 200) em razão de sua constituição geográfica o termo Pantanal classifica-se como um **geomorfotopônimo**.

De acordo com Dick (1990b, p. 185), “a realidade toponímica brasileira demonstra existir pouquíssimas ocorrências sob essa forma: (AH PR, Ig. PA), Pantanalzinho (AH MT)”. Segundo dados de Schneider (2002, p. 113-114), na

⁷¹ Dick (1990b, p. 185) faz referência ao Estado de Mato Grosso. Porém, esta referência é extensiva ao Estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que o Pantanal localiza-se geograficamente tanto no estado de Mato Grosso como no estado de Mato Grosso do Sul.

microtoponímia em estudo, o *macrotopônimo Pantanal* aparece registrado duas vezes como forma designativa de acidentes físicos. A primeira denominando uma morraria; a segunda, na forma diminutiva denominando uma vazante, ou seja, ambos localizados na sub-região do Nabileque. Nesta pesquisa, que estuda os acidentes humanos, não foi registrada nenhuma ocorrência do termo.

As características especiais da formação vegetal do Pantanal constituem os estratos *fitotoponímicos* dos mais diversos. No grupo da família das palmas, têm-se os designativos: Acurizal (coletivo de acuri), Buriti, Buriti Alegre, Palmeira, Palmeiras, Palmeirinha, Palmar Alegre (palmar = coletivo de palmeira). Também da família das palmas, tem-se Bocaiúva, fruto muito comum na região, conhecido popularmente como “cliclete de bugre”, muito embora não seja consumido somente pelos indígenas. Já espécie de palmeira *carandá* que embora figure entre as plantas mais características da região, não se encontrou nenhum registro dessa planta como designativo de fazenda nas sub-regiões em estudo. Há registro do AH Carandazal, localizado na sub-região de Miranda.

No tocante aos designativos Acurizal e Buriti, é importante registrar que são plantas típicas da região, encontradas em número bastante significativo nas propriedades rurais, ao longo das estradas e campos. Também, suas folhas, habilmente trançadas pelos nativos da região, são utilizadas como cobertura de ranchos, casebres e moradias indígenas. Suas folhas, ainda são utilizadas pelas comunidades indígenas locais na confecção de cestos, balaios ou outros utensílios de uso doméstico e de decoração.

Dentre as espécies arbóreas de grande porte e de madeira nobre há o registro de *Jatobá, Sapucaia, Louro, Angico*; os dois primeiros, segundo dados de Dick (1990b, p. 174), originaram inúmeras denominações toponímicas em diversas regiões do país,

tanto como sintagmas simples como compostos: Jatobá (AH BA CE GO MA MG MT PA PE PI SP, Jatobalzinho (AH GO, Jatobá Ferrado (AH MA), Jatobal (AH PA); Sapucaia (AH AL AM BA ES GO MG PA PI RJ RS SE), Sapucaia de Guanhães (AH MG). Os dois últimos, não foram encontrados registros de ocorrências como denominativo toponímico.

Faia, Embaúba, Figueira, Figueirinha, Pinheiro também são denominações de espécies arbóreas de médio e pequeno porte. *Faia* é um tipo de árvore de até 5m, nativa do Brasil (PE, BA, GO), não foi encontrada nenhuma ocorrência como topônimo. *Embaúba*, árvore nativa de regiões tropicais das Américas, da qual extraem-se polpa para papel e fibras e fazem-se calhas e pequenos objetos, (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003), foram encontrados dois registros (AH SP ES), conforme dados de Dick (1990b, p. 164). *Figueira, Figueirinha*, árvore conhecida como gameleira branca, (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003), cuja ocorrência parece recuperar o nome de espécies de figueiras, que são encontradas em todas as sub-regiões do Pantanal, em capões ou próximo de vazantes, à beira de lagoas, mata ciliar e ainda em morraria (POTT e POTT, 1994, p. 208-211). A nomenclatura *Pinheiro*, conforme Dick (1990b, p. 175), manifesta-se em inúmeras denominações, sobretudo no estado do Paraná, tanto em formas simples, compostas e derivadas, *Pinheiro* (AH BA MA MG PR RS SC), *Pinheiro Preto* (AH SC) e *Pinheirinhos* (AH PR), segundo a autora essa diversidade de ocorrências se deve ao foco de dispersão da planta em diversas regiões do País.

Já *Piúva, Piuval* (de piúva), é a denominação comum dada ao Ipê, é uma espécie muito popular no Brasil, sobretudo no Pantanal, cujo colorido exuberante e variado pinta a paisagem pantaneira; no entanto, segundo Dick (1990b, p. 173), há poucos registros na nomenclatura geográfica oficial, havendo dele apenas um acidente humano no Rio Grande do Sul, além do topônimo composto *Ipeúna* (AH SP). Cabe registrar que

o ipê ou piúva (como é mais conhecida pelo pantaneiro) foi eleito árvore símbolo do Estado de Mato Grosso do Sul, Lei nº 1.889/1994, estabelecendo como data comemorativa o dia 21 de setembro, conforme dados da Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul.

Registram-se, também, as ocorrências de nomes de árvores frutíferas (ou seus coletivos) figurando como denominativos: *Laranjeiras*, *Limeira*, *Juazeiro*, *Coqueiro*, *Mangaba*, *Tarumã*, *Tarumã do Nabileque*, todas espécies frutíferas muito comuns no Brasil, sobretudo em pomares domésticos de regiões tipicamente rurais, inclusive no Pantanal, ou até urbanas. Por essa razão é justificável serem encontrados diversos registros de topônimos com essas denominações. Vale acrescentar que o topônimo *Tarumã* recupera o nome de uma árvore de grande porte, muito comum em todas as sub-regiões do Pantanal, que cresce em matas, capões, matas inundáveis e em solos arenosos ou argilosos (POTT e POTT, 1994). No gênero comestível, há o registro do topônimo *Pimenteira*, com duas ocorrências. Essa variedade de planta costuma ser encontrada em pequenas hortas ou quintais junto as moradias na região do pantanal, uma vez que é muito utilizada como condimento pelo sabor pungente.

Há, ainda, os designativos toponímicos *Campina*, *Campo Cira*, *Campo Neta*, *Campo Leda*, *Campo Hilda*, *Campo Lea*, *Campo Dalva*, *Campo Verde* e *Campo Alegre*. De acordo com dados de Pott e Pott (1994, p. 87), no Pantanal, o termo *campina* é entendido como termo genérico para *campo sem árvore*, vegetação típica das áreas de savanas das regiões pantaneiras. Quanto a *campo*, são áreas inundáveis, com predominância de gramíneas. É a formação vegetal mais importante do Pantanal, em razão da exploração econômica da pecuária na região. O termo Nhumirim também figura nessa categoria de vegetação, em razão de seu significado etimológico: do tupi *nhu* 'o prado com vegetação rasteira', (Sampaio, 1928, p. 238) + *myrim* pequeno',

Segundo Dick (1990b, p. 156), a preferência onomatológica por *campo* é bastante superior à registrada para campina, principalmente nos sintagmas compostos, em que o segundo elemento, ou seu termo determinante, revela, de um modo geral, um processo descritivo. É o que ocorre com os fitotopônimos, *Campo Cira*, *Campo Neta*, *Campo Leda*, *Campo Hilda*, *Campo Lea*, *Campo Dalva*, que além do valor descritivo, revelam-se como denominativos particulares e específicos a uma pessoa ou lugar.

No campo das designações ligadas à vegetação, há a ocorrência de *Cerradinho*, uma referência à vegetação típica de certas áreas do Pantanal, constituída de mata de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são geralmente pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa (HOUAISS, ed eletrônica, 2003). *Capão Verde* é também outro designativo que faz referência à vegetação, sendo constituída de formação arbórea de pequena extensão, volume e composição variados e de aspecto diverso da vegetação que a circunda, muito comum em certas sub-regiões do Pantanal.

Já o designativo *Taboco*, segundo Houaiss (ed. eletrônica, 2003) é uma variação de taboca, que é uma lexia de origem Tupi (*ta'woka* 'taquara, haste oca ou furada). Aparece também na região como designativo do rio Taboco, que corta a fazenda de mesmo nome, cujo topônimo talvez tenha sido motivado pela denominação do rio. Segundo Ribeiro (1984, p. 43) a Fazenda Taboco foi fundada entre os anos de 1820 e 1830, vindo a se constituir uma das mais importantes propriedades da sub-região de Aquidauana.

Por fim, o signo toponímico *Vassoural* (coletivo de vassoura), aparece como designativo de uma propriedade rural, na sub-região do Nabileque. Segundo Houais (ed. eletrônica, 2003), o termo designa várias plantas de diferentes gêneros e famílias, por alguma semelhança morfológica com o utensílio vassoura.

Do ponto de vista lingüístico, cabe ressaltar as palavras de origem tupi, designativas da flora e que aparecem nos topônimos da região: tarumã *taru'mã*, piúva *ipi'iwa*, sapucaia *yasapu'kaya*, dentre outros. Teodoro Sampaio (1928, p. 5) deixou-nos a lição indiscutível de que se deve recorrer, sempre, aos designativos autóctones a fim de se obter, através da correta interpretação, “o fundamento para uma identificação de lugares, na certeza de que o significado desses nomes indígenas traduz fielmente a característica natural de cada localidade”.

Como se pode ver, o homem pantaneiro, por meio dos designativos de índole vegetal retoma aspectos da realidade da região, demonstrando a importância que a função paisagística imprime ao fator motivacional do signo toponímico. A análise dos topônimos aqui apresentados, põe em evidência não o espaço geográfico, na totalidade de suas paisagens e recursos imanentes e, sim, a porção ou porções desse espaço que, de uma forma ou de outra, representam um conjunto positivo de forças para a comunidade. É o caso da ocorrência dos designativos ligados ao campo semântico *campo* (Campo Cira, Campo Neta, Campo Leda, Campo Hilda, Campo Lea, Campo Dalva, Campo Verde e Campo Alegre) nos quais o segundo elemento da composição é representado por um Antropônimo, demonstrando o desejo de personificação ou posse do local, nesse caso específico, justificável graças a importância dos “campos” para a pecuária pantaneira; e por lexias que ressaltam características positivas (verde e alegre), ou seja, conforme Sapir (1961, p. 47) “são as forças ambientais se refletindo na língua”.

Os *animotopônimos* reúnem os topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, que não pertencem à cultura física. Encontra-se em terceiro lugar dentre as categorias taxonômicas coletadas no *corpus*, correspondendo a 8,86% do total dos topônimos designativos dos nomes de fazendas, conforme se pode ver no gráfico 3. Os sintagmas toponímicos levantados são:

Modelo, Eldorado, Bela Vista, Milagre, Bonsucesso, Formoso, Boa Esperança, Fortuna, Vitória, Aliança, Promissão, Paraíso, Alegria, Livrada, Livramento, Esperança, Bom Jesus, Firme, Firmezinha, Proteção, Amparo, Vista Limpa, Vista Alegre, Choro, Fortaleza, Boa Vontade, Livramento, Feia, Aliança, Boa Vista, Bela Esperança e Pitoca.

Neste trabalho, adota-se a sub-divisão dos ***animotopônimos eufóricos e disfóricos***, conforme a proposta de Isquierdo (1996, p. 118), sendo que os ***eufóricos*** são aqueles que denotam “sentido de sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo”; os ***disfóricos*** “apresentam sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas”. Essa classificação nos permite analisar com maior acuidade os topônimos que revelam a subjetividade e o psiquismo do denominador, projetado no nome do acidente humano, de forma a revelar não os aspectos reais de sua aparência, mas sim um determinado estado emocional que o animava no momento da atribuição.

Procurou-se agrupar os ***animotopônimos eufóricos*** levantados na pesquisa em blocos distintos, utilizando-se o critério de proximidade de sentido entre eles. No primeiro campo conceitual reúnem-se os sintagmas: *Aliança, Boa Esperança, Vitória, Bonsucesso, Fortuna, Esperança, Bom Jesus, Firme, Firmezinha, Boa Vontade e Bela Esperança* que podem denotar o desejo do denominador de integrar-se harmoniosamente ao ambiente da região (*aliança, esperança, boa esperança*), de forma a conseguir atingir com êxito qualquer adversidade frente as suas conquistas (*vitória, bonsucesso, alegria*). Determinação e firmeza, requisitos indispensáveis para qualquer conquista (*firme, firmezinha*).

Em outro campo conceitual, reuniram-se *formoso e modelo*. *Formoso* recupera a idéia de agradabilidade, de belo, de bem feito. *Modelo*, por sua vez, remete à coisa ou

pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou que serve como fonte de inspiração. *Alegria*, revela o estado de viva satisfação, de vivo contentamento; regozijo, júbilo e prazer do denominador. *Bela Vista*, *Vista Limpa*, *Vista Alegre*, *Boa Vista*, revela a capacidade de percepção do mundo exterior pela visão, no caso do Pantanal, a visão da exuberância e beleza da região.

O sintagma *Eldorado* denota a idéia ou desejo do denominador em se ter um local pródigo em riquezas e oportunidades, talvez em alusão ao Eldorado, cidade ou país lendário e cheio de riquezas que exploradores do século XVI afirmavam existir na América do Sul. *Paraíso* remete ao lugar em que reina a felicidade; lugar agradável e prazeroso de se viver. *Promissão* lembra a idéia de Canaã, de terra prometida. Já *Milagre*, *Livrada*, *Livramento*, *Proteção e Amparo* alude à proteção que livra de situação difícil; salvação das adversidades naturais do ambiente pantaneiro. *Fortaleza* remete àquele que resiste à ação ou influências exteriores, neste caso, a ação do ambiente, as adversidades do dia-a-dia do trabalho no campo.

Na categoria *animotopônimo disfórico* foram encontradas as lexias *Feia*, *Choro* e *Pitoca* denominando acidentes humanos, que podem remeter ao estado de espírito do denominador no momento da denominação, ou seja, revelam que o ser humano é embuído não só de sentimentos agradáveis e positivos, mas também não-positivos.

Como se pode ver, essa categoria de topônimos fala por si só, muitas vezes não sendo preciso acrescentar maiores dados, pois a escolha do topônimo já revela a subjetividade ou estado emocional do denominador no momento do batismo.

Os *corotopônimos* são os topônimos designativos de continente, país, região, pátria, estado, província ou divisão administrativa qualquer. No *corpus* levantado para este trabalho correspondem a 7,45 % do total de topônimos, conforme se pode visualizar no gráfico 3.

De acordo com Backheuser (1952, p. 188), é comum aos topônimos viajarem acompanhando as migrações ou impulsionados pelo próprio prestígio do local. A semelhança da paisagem ou o anseio de prolongar a pátria fazem os imigrantes batizarem os lugares com nomes familiares. Ainda de acordo com ele, “essa transplantação ocorre principalmente em países novos, de crescimento rápido e cheio de esperanças, prognosticando futuro êxito para as cidades ou lugares em nascimento”.

A esse respeito, Dick (1990 a, p. 90) trabalha com a idéia de *nomes transplantados*, ou seja, refere-se ao designativo geográfico que existe como tal em um determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo. Nessa noção está implícito o sentido de “deslocamento” ou “mudança”. Um exemplo típico dessa situação é o que se deu na região norte do país, em relação aos municípios de Bragança, Faro, Alenquer, Alcobaça, Vizeu, Tomar, Castro d’Avelães, etc., os quais Levy Cardoso (1961, p. 143) considera nomes transplantados como legítimas segundas vias de topônimos portugueses.⁷²

Nesse particular, foram coletados na região do Pantanal os seguintes *corotopônimos*: *Lisboa, Cantagalo, Piracicaba, Piratininga, Ipiranga, Candelária, Rondonópolis, Califórnia, Pindorama, Veneza, Cáceres, Ipanema, Porto Alegre, Guanabara, Marajoara, Califórnia, Colorado, Umuarama, Miranda Estância, Veneza, Panamá, Bodoquena, Porto Alegre, Pindorama, Nabileque, Florida, Londrina*. Ao analisar os topônimos acima listados, pode-se dizer que talvez tivesse aqui ocorrido fato semelhante ao descrito na nota 72. No entanto, como bem lembra Dick (1990 a, p. 104),

⁷² Fato semelhante também se dá na microtoponímia da cidade de São Paulo, que registra denominações que lembram países e antigas cidades européias, havendo, mesmo, determinados bairros paulistanos, como Jardim Europa, Parque Sevilha, Jardim Dona Sinhá, que trazem como fator distintivo as características, a saber: ruas Dinamarca, Áustria, Polônia, Sofia, Paris, Viena Madrid, Gênova, Marselha, entre outras (DICK, 1990 a, p. 103).

É preciso lembrar que nem sempre se pode falar em transposição conjunta povo / nome, não se pode ignorar que o prestígio e a difusão cultural do designativo empregado é suficiente, por si só, para justificar a prática onomástica.

Ao lado dos *hagiotopônimos*, *fitotopônimos*, *animotopônimos* os *hidrotopônimos*, topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral, figuram entre as categorias de maior ocorrência, correspondente a 7,2 % do total de topônimos levantados pela pesquisa. Para Dick (1990b, p. 196), “o aparecimento dos topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica, vincula-se à importância dos cursos d’água para as condições humanas de vida”. No Pantanal isso não poderia ser diferente, pois a alternância das águas – nas cheias ou na seca – determina a dinâmica de suas atividades.

Cabe lembrar que o sistema hidrográfico do Pantanal apresenta certas peculiaridades em razão das enchentes periódicas, que formam todo o sistema hidrográfico regional, constituído de baías, brejos, lagoas, córregos, corixos, rios, vazantes que contribuem para a biodiversidade da região. Vale lembrar, também, que o sistema hidrográfico do Pantanal, no final do Século XIX e início do Século XX, propiciou a fundação e o desenvolvimento da região, como a implantação da ferrovia Noroeste do Brasil, que ligava toda a região do Pantanal a Bauru-SP, (SANT’ANNA NETO e VESENTINI, 1992, p. 92). Antes da implantação dessa ferrovia, toda a comunicação social, política e econômica com outras regiões do país e mesmo entre os próprios pantaneiros, era feita através da via fluvial.

Além disso, os rios foram elemento importante na criação das principais cidades pantaneiras, como a cidade de Corumbá, localizada à margem do *Rio Paraguai*; Coxim, à margem do *Rio Taquari*; Miranda, à margem do *Rio Miranda*; Aquidauana,

à margem do *Rio Aquidauana*, o Forte Coimbra⁷³, à margem direita do *Rio Paraguai* e a cidade de Porto Murtinho, à margem do *Rio Paraguai* (CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 1991, p. 25).

Como se pode ver, são inúmeros os valores utilitários relacionados à água. Para Dick (1990b, p.197),

Se a água consubstancia o alimento vital do ser humano, representa também, para ele, outro fator de significação, na medida que lhe oferece meios e condições locomotoras. Já se definiram os rios, por isso mesmo, de “os caminhos que andam”, permitindo ao indivíduo que deles se utiliza um processo dinâmico de intercâmbio cultural. Trocas materiais e espirituais se sucedem, assim, às margens das vias navegáveis, expandindo, por essa forma, usos e costumes que, de outro modo, permaneceriam, quem sabe, desconhecidos de quantos.

Nessa perspectiva, e tomando-se, então, por princípio, o fato de que o espaço natural é percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita e do qual tem uma noção precisa de suas principais características, no que se refere ao espaço geográfico da região em estudo, percebe-se que as peculiaridades do sistema hidrográfico da região se fazem sentir na nomenclatura hidrotoponímica, conforme se pode ver nos topônimos levantados: *Corixo, Corixão, Baía Verde, Baía Mineira, Baía das Moças, Baía Rica, Baía dos Patos, Baía Grande, Baía do Cervo, Baía das Pedras, Baía Suja, Baía Formosa, Baía de Santa Clara, Baía dos Touros, Baía Santa, Baía das Conchas, Água Rasa, Rio Negro, Lagoa Parada, Lagoa Bonita, Lagoa dos Pássaros, Aguaçuzinho, Arroio, Iguaçu, Iguaçuzinho, Olhos D’Água e Rebojo.*

⁷³ O Forte Coimbra, importante guarnição militar, construído no barranco Oeste do Rio Paraguai, com o objetivo de promover a ocupação e a fortificação de um ponto importante do Rio Paraguai contra ataques dos Castelhanos. Foi fundado em 1775 e, anos mais tarde, foi atacado por índios Guaicuru. No ano de 1797 foi reconstruído por Ricardo Franco, que também rechaçou o ataque dos espanhóis, em 1801. No final do ano de 1864, foi tomado pelas tropas paraguaias de Barrios, durante a Guerra do Paraguai (CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 1991, p. 27).

O termo *corixo* remete à denominação tipicamente regional que se dá aos “pequenos cursos d’água permanentes, conectando baías adjacentes com canais estreitos e muito mais profundos. Quando o corixo é mais longo e tem uma seção transversal bem definida é chamado de corixão” (BEZERRA et al, 1997, p. 12). De acordo com Allem e Valls (1987, p. 46), “na época da seca, os corixos podem diminuir de volume, mas não desaparecem; às vezes é braço de rio”. Percebe-se, assim, que os *corixos* ou *corixões* integram a paisagem típica da região, razão pela qual esse signo toponímico aparece com duas ocorrências no *corpus* levantado. Com *Baía* (pequenas lagoas de formas circulares, semicirculares ou irregulares, muito comuns em toda a região do Pantanal) ocorre fato semelhante. Mas, a sua presença está mais fortemente marcada na cultura do pantaneiro, que o leva a utilizar o termo como topônimo nas mais diversas constituições. Percebe-se que o elemento genérico da composição (substantivo *baía*) se funde ao segundo elemento da composição, cuja variável combinatória apresenta-se bastante diversificada (*verde, formosa, suja, dos cervos, dos touros, das moças, das pedras, etc.*) de forma a constituir a descrição da paisagem vislumbrada pelo denominador no momento da nomeação. É o ambiente servindo de fonte geradora dos ***hidrotopônimos***.

Segundo Dick (1998, p. 86), dos elementos ambientais que constituem o sistema onomástico, o termo *água* foi um dos que, no Brasil, seguindo as tendências universais, revelou-se como traço toponímico de destaque, mesmo nos lugares de escassez dos recursos hídricos. No Pantanal, onde tudo depende do “ciclo das águas”, ele também ocorre, sendo o caráter descritivo o traço pertinente ao modelo que o define *Água Limpa, Água Rasa* – substantivo (termo genérico) + adjetivo (específico toponímico), ou seja, são traços específicos a determinados recortes ambientais que estruturam, na realidade, a composição do sintagma toponímico, associando o elemento genérico

(constante toponímica) ao dado particular do objeto da nomeação (termo específico /determinante) (DICK, 1998, p. 85).

Com relação à lexia *rio*, também aparece com bastante frequência na nomenclatura geográfica e humana. Do ponto de vista dos campos conceituais utilizados na pesquisa, além do aspecto descritivo, no qual se faz referência aos índices cromáticos (*Rio Negro*, subst. + adj.), podem surgir outros modificadores, como grande (genérico y = *rio* + *guassú* = *grande*, *Iguassú*) manso, pequeno, seco, comprido; por derivação sufixal (*Aguaçu* + *Zinho*), ou ainda com elementos zoonímicos, fitonímicos e litorânicos (*Rio Pomba*, *Rio Prado*, *Rio Ouro*, etc.). Podem ocorrer também construções associadas a antropônimos, mas ocorrem com marcas de gênero e de plural (Afonso, Conceição, Pires, Lemes). A derivação diminutiva (riozinho) é notada nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (DICK, 1998, p. 86).

Há também outros lexemas ligados ao campo hidronímico ocorrentes na macro-toponímia brasileira, com expressivos índices de exemplificação, as *fontes*, os *olhos d'água*, as *lagoas* e *lagos*, além da própria *água*, em formas compostas: *Fonte Nova* (AH BA), *Olhos D'Água* (AH AL), *Lago Verde* (AH RO), *Lagoa Azul* (AH SP). No corpus levantado, foram encontradas três ocorrências com *lagoa*, (*parada, bonita, dos pássaros*). De acordo com Dick (1998, p. 86) a estrutura toponímica comporta outras variações para *lagoa*, tais como: subst. + morf. aum. (*Lagoão*, MG), subst. + morf.pl. (*Lagoas*, PI), subst. + morf. dim. (*Lagoinha*, MA) e da própria base lexical simples (*Lagoa*, RN). Essa autora ressalta, também, que a frequência do lexema *lagoa* é bem mais expressiva que as formas em *lago* e *laguna*. Encontrou-se, também, no corpus estudado, uma ocorrência para *Olho d'água*⁷⁴ e uma ocorrência para *Arroio*; o primeiro, segundo Dick (1990b, p. 251) há registro de inúmeras ocorrências, em formas simples

⁷⁴ Olhos D'Água –é uma nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003).

ou compostas (Olho d'água AH BA e Olho d'água da Bica AH CE), o segundo, de acordo com ela, é um termo mais circunscrito ao Sul do País. No entanto, essa ocorrência tenha se dado no Pantanal, por influência das migrações de riograndenses para a região.

Quanto aos acidentes fluviais que surgem nos cursos de um rio, vários deles integra a nomenclatura geográfica brasileira, em maior ou menor proporção toponomástica. Segundo Ivan Lind (1957, p.20) as correntes dos rios, sem quedas d'água, podem ser chamadas de *carreira*, *corrida*, *corredeira*, *correnteza*. O termo *Rebojo* 'movimento de rotação em espiral causado por queda de cachoeira, sorvedouro, turbilhão, voragem' é um regionalismo brasileiro (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003). Foi encontrada uma única ocorrência no *corpus*.

Dada a importância do sistema hidrográfico da região em estudo, comprovada pela alta produtividade dos designativos ligados ao campo hidronímico, tanto na nomeação dos acidentes humanos (7,2%), como na nomeação dos acidentes físicos (7,28%), conforme dados de Schneider (2002, p. 129), que registra várias ocorrências de acidentes físicos com a lexia *baía* (Vazante Baía Negra, Vazante Baía Branca, Córrego Baía das Amoreiras) ou ainda com a lexia *corixo* (Vazante do Corixão, Vazante do Corixinho) e *água* (Corixo Água Limpa, Corixo Água Fria, Corixo Água Doce), vem comprovar que os hidrotopônimos retomam e descrevem a realidade ambiental do Pantanal por meio da retomada de designativos ligados a tipicidade regional.

Ao lado das categorias de *hagiotopônimos*, *fitotopônimos*, *animotopônimos* e *hidrotopônimos*, que são as mais produtivas na região em estudo, os *zootopônimos* situam-se em sexto lugar, com 4,43% do total. De acordo com Backheuser (1952, p. 178), ao se referir ao Brasil, argumentava que há baixa incidência de zootopônimos, comparando-se com outras categorias denominativas. Dick (1990b, p. 255), por sua vez,

reforça que os estudos onomásticos brasileiros devem ser voltados para os zoônimos de origem indígena, por se tratar da realidade brasileira. Ressalta, ainda, que a caça e a pesca aparecem mais nas denominações dadas a rios e montanhas, principalmente os de origem indígena.

Dentre as espécies animais, o peixe despertou maior interesse denominativo. Entretanto, na realidade das sub-regiões do Pantanal sul-mato-grossense em estudo, isso não ocorreu de forma significativa, embora existam duzentas e sessenta e três espécies de peixes catalogados para a região pantaneira. Os *zootopônimos* encontrados são: *Lambari, Piranha, Irapuã, Birigui, Formigueiro, Boi Branco, Cordeiro, Cervo Novo, Sucuri, Caimã, Tuiuiú, Jacutinha, Biguá, Araras, Taiamã, Perdizes*. Aqui, à semelhança do que ocorreu com os fitotopônimos, a maior parte dos designativos é de origem indígena, fato que configura uma indiscutível realidade lingüística brasileira.

Os *zootopônimos* relacionados a nomes de peixes, *Piranha* (tupi *pi'rãya* de *pi'ra* 'peixe' e *'ãya* 'com dente') é uma espécie muito abundante nos rios do Pantanal, tanto que há registro de acidentes físicos na região com essa denominação (Córrego Piranha, na sub-região de Aquidauana (SCHNEIDER, 2002, p. 101). Há também vários relatos de “causos pantaneiros”, nos quais a piranha é personagem importante, além de ser muito temida por ribeirinhos e peões, em razão da voracidade de sua mordida. A lexia *Lambari* (provavelmente do tupi *arawe'ri* 'nome de várias espécies de peixes da família dos caracídeos', através de *araberi* > *arambari* > *alambari* > *lambari* (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003), corresponde a uma espécie de peixe de pequeno porte, com ampla distribuição nos rios brasileiros e muito usado para alimentação em regiões ribeirinhas.

Já *Caimã* (do Taino⁷⁵ 'kaiman' através do espanhol caimán 'espécie de jacaré, próprio dos rios da América')⁷⁶, também muito comum na região do Pantanal e da Amazônia.

Os *zootopônimos* relacionados a nomes de aves são mais abundantes nessa categoria. Os cinco primeiros são de origem tupi: *Araras* (*a'rara*⁷⁷), *Biguá* (*mbi'gwa*), *Tuiuiu* (*tuy'yu*), *Taiamã* (*tayá'mã*), *Jacutinha* (*yaku'tinga*); já a lexia *Perdizes* (do latim *perdix,icis*). De acordo com Zysman (1989, p. 63):

A riqueza da fauna é a mais impressionante característica da região, que apresenta a maior concentração de aves do continente”. No entanto, essa concentração é maior em indivíduos do que em espécies de aves, pois se podem ver árvores completamente tomadas por grupos de garças, patos-selvagens, por tuiuiús e outras espécies nos chamados “ninhais do Pantanal.

Quanto aos *zootopônimos* relacionados a animais mamíferos foram encontrados apenas três: *Cervo Novo*, *Boi Branco* e *Cordeiro*. O primeiro signo toponímico é constituído do genérico toponímico 'cervo' (do latim *Cervus*) + adjetivo 'novo'. A espécie cervo é conhecida na Mastozoologia como “cervo-do-pantanal”. *Boi Branco* remete à espécie animal de maior importância econômica para a região em estudo. O vocábulo “branco”, segundo elemento da composição do signo toponímico, remete à coloração da pelagem da raça nelore, a mais comum no Pantanal. *Cordeiro* (filhote do carneiro) é também encontrado na região, porém a criação é restrita ao consumo próprio dos moradores das fazendas. Embora estejam catalogados cento e trinta e duas espécies de mamíferos da região do Pantanal, este número não se fez produtivo nos topônimos de acidentes humanos; na de acidentes físicos, conforme pesquisa de Schneider (2001,

⁷⁵ Corresponde a língua falada pelo povo Taino, hoje extinta, que deu origem ao crioulo haitiano (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003).

⁷⁶ <http://www.zoologico.sp.gov.br/repteis/jacaredepapoamarelo.htm>.

⁷⁷ Houaiss (ed. eletrônica, 2003) transcrevem a seguinte explicação do escritor brasileiro José de Alencar: "ará 'periquito'. Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra.[...] *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do gênero".

p.99) esse número foi bem significativo: catorze na sub-região da Nhecolândia, treze na do Nabileque, onze na do Paiaguás, dez na de Porto Murtinho e dois na do Abobral.

O signo toponímico *Sucuri* (do tupi *suku'ri*) remete a uma das espécies de réptil muito comum na região pantaneira, podendo alcançar cerca de 10 m de comprimento, é muito temida por peões e ribeirinhos porque mata suas presas por constrição (Houaiss, ed. eletrônica, 2003). Há ainda os signos toponímicos *Formigueiro*, *Irapuã* e *Birigui*. O primeiro (do latim *formica,ae*, constituído de substantivo + sufixo); os dois últimos, do tupi *eirapu'a* < *e'ira* 'mel' + *apu'a* 'redondo como bola'⁷⁸ e *mberu'wi* (*mbe'ru* 'mosca' + '(w)i' 'pequeno').

Como se pode ver, o animal, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Para Dick (1990b, p. 261), sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica. Assim, alguns pontos principais que podem justificar os motivos de uma integração homem-animal, em termos de culturas nativas, verifica-se que na toponímia, também ocorre o mesmo fenômeno associativo, onde algumas espécies ganham maior emprego que outras. Por isso, a difusão, maior ou menor de uma determinada espécie em pontos diversos do país, impede, muitas vezes, que se considere esta ou aquela zona ambiental como o seu *habitat*.

Os ***cronotopônimos*** – encerram indicadores cronológicos, e os ***ecotopônimos*** – relativos às habitações de um modo geral, também apresentam registro na região pesquisada, com treze ocorrências cada. Os ***cronotopônimos*** encontrados são: *Nova Esperança*, *Nova Estância*, *Novo Horizonte (1)*, *Nova Alvorada*, *Nova*, *Novo Eldorado*,

⁷⁸ Segundo Houaiss (ed. eletrônica, 2003), José de Alencar ao comentar sobre a palavra: "*Irapuam* - de *ira* - mel e *apuam* - redondo: é o nome dado a uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua colméia. Por corrupção reduziu-se esse nome atualmente à *arapuã*".

Novo Horizonte, Primavera, Novo Horizonte (2), Nova Estância, Antigal, Recreio, Dois de Março. Note-se que em apenas quatro denominações o termo genérico toponímico não é constituído pelo adjetivo *novo/nova*; tal ocorrência pode denotar a idéia de local ou propriedade cuja estrutura ou aparência tem curso atual ou se mostra modificada em relação a alguma outra existente. Em apenas uma denominação o adjetivo *novo* é utilizado como termo específico; em outra o adjetivo antigo vem acrescido do sufixo – *al*. Já *Primavera* está classificada nessa categoria porque, no nosso entendimento, guarda a idéia de cronologia, 'época primeira, tempo primordial; aurora' . *Recreio* , também, no nosso entender, remete à cronologia, 'espaço de tempo concedido às crianças para seus brinquedos nos intervalos das aulas ou do estudo' (Houaiss, ed. eletrônica, 2003).

Os **ergotopônimos** encontrados acusam exemplos dos mais diversos conteúdos semânticos tais como: *Sonrisal, Bandeira, Poleiro Grande, Tendal, Leque, Luzeiro, Sapicoá, Tição de Fogo, Chimarrão, Prato Quebrado e Tereré*. As lexias *chimarrão* e *tereré*, relacionam-se a hábitos alimentares típicos, sobretudo o costume de ingerir o mate-quente (*chimarrão*) e o *tereré*, tão representativo na cultura pantaneira que chega a extrapolar as raízes da cultura rural. O hábito de tomar essa bebida obedece a todo um ritual, inclusive com horários mais ou menos estabelecidos, constituindo a chamada “roda de tereré”, oportunidade na qual os peões aproveitam para conversar sobre as atividades do dia-a-dia, contar os “causos” e piadas que povoam a imaginação prodigiosa do pantaneiro. *Sapicoá* e *Tendal* remetem a objetos e utensílios típicos do meio rural. As demais lexias são representações típicas da cultura material e também há registros na toponímia física da região. Segundo dados de Schneider (2002, p. 137) representam 5,38% do total geral do *corpus* da pesquisa, representados pelas lexias:

Vazante do Fuzil, Vazante do Bocó, Morro do Azeite, Córrego da Porteira, Córrego Rapadura, dentre outros.

Os *ecotopônimos*, se fazem representar pelos lexemas: *Rancho Novo*, *Rancho Alegre* (1), *Castelo*, *Rancho Alegre* (2), *Pouso Alto*, *Ranchinho*, *Fazendinha*, *Retiro do Pato*, *Estância Brasil*, *Querência*, *Tapera*, *Rancho Alegre* (3) que se referem a nomes de aglomerados humanos, mas voltados para o universo rural, com exceção de castelo, que tanto pode ser em área urbana como rural. Sobre o denominativo *Rancho* é importante lembrar que esse designativo era usado com a acepção de 'cabana rústica', e designava inicialmente qualquer lugar para acomodar soldados, marinheiros e pessoas que viviam fora do povoado (HOUAISS, 2003, ed. eletrônica). No caso específico do pantanal *Rancho* remete à propriedade rural ou fazenda de criação de gado, diferentemente do regionalismo do Sul do Brasil, onde *Rancho* tem a acepção de 'casebre feito de pau a pique e coberto de folhas' (HOUAISS, 2003, ed. eletrônica). Não se pode esquecer, porém, que o termo *Rancho*, também pode-referir-se a 'choça ou telheiro, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário', existente na região e destinado ao abrigo dos tropeiros ou peões condutores de boiadas; o que não se aplica às ocorrências encontradas.

Os *antrotopônimos*, topônimos relativos aos nomes próprios individuais também se fazem registrar na região em estudo, com doze ocorrências, são eles: *Maria Auxiliadora*, *Guilherme*, *Mercedes*, *Lourdes*, *Berenice*, *Alpires*, *Conceição*, *Nazaré*, *Ondino*, *Hermínio* e *Fátima*, que podem representar o desejo do denominador de homenagear uma pessoa ou um ente querido da família. De acordo com Dick, (1990b, p. 310):

Os nomes pessoais aplicados a localidades geográficas, podem revelar aspectos de autolatria, imodéstia ou desejo de perpetuação dos feitos individuais, não se pode por em dúvida que, quando bem aplicados,

procurando-se um vínculo aproximado entre a circunstância do lugar e o denominador que lhe permitiu a designação, possibilitam, realmente, que uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida às gerações posteriores.

Num outro sentido, o emprego dos nomes próprios na toponímia de uma determinada zona geográfica e a existência de topônimos como fonte geradora daqueles, conforme exemplifica Dick (1999, p. 122) *cabra* 'mamífero ruminante, a fêmea do bode', *cabral* 'lugar onde há ou pastam cabras', *Cabral* 'antropônimo de origem familiar', *Cabrália Paulista* AH SP. Este esquema mostra as relações de inclusão sensíveis entre Antroponímia e Toponímia, conforme já se demonstrou neste trabalho (Figura 1). É importante lembrar, conforme Dick (1999, p. 123) “a troca dos campos aplicados não altera, na estrutura básica do vocábulo, a sua carga semântica”. Em qualquer das posições (antropônimo, topônimo), a intenção da escolha é a homenagem ao ator que se esconde na forma lingüística.

Na toponímia dos acidentes físicos da região, segundo dados de Schneider (2002, p. 133) foram encontrados doze acidentes físicos designados por prenome, quatro por sobrenome ou nomes (apelidos de família – os patronímicos), três por conjuntos onomásticos completos (prenomes + nome de família), totalizando 6,9% do total de topônimos levantados pela pesquisa. Porém, é preciso lembrar que essa tendência de denominar com nomes de pessoas os acidentes físicos ou humanos não se manifesta somente na região pantaneira, mas sim em quase todas as regiões do Brasil, conforme Dick (1990 a, p. 300), pois demonstram o vínculo existente entre o denominador e o acidente físico ou humano nomeado.

As formas do relevo terrestre se fazem representar na toponímia com uma variedade de signos onomásticos – os *geomorfotopônimos* – que, em sua grande maioria, traduzem uma técnica espontânea de designação. Para Dauzat (1928, p.11) “designar os lugares a partir de uma de suas particularidades topográficas mais

flagrantes é um procedimento natural do ser humano”. Muitas vezes, o nome registra realmente a existência do acidente assim identificado, no lugar; em outras, porém, ocorre que o topônimo deixa de ser descritivo propriamente dito para revestir apenas a característica sugerida pela forma de linguagem.

Vale ressaltar que, em relação ao aspecto denominativo, é conhecido o fato de que o homem, de um modo geral, só “nomeia” aquilo que “conhece”, pois não se dá nome ao desconhecido. Por isso a mobilidade dos grupos humanos na Terra deixa atrás de si a grande cadeia nominativa que se tem notícia. Tal fato levou Backheuser (1952, p. 115) a fazer a seguinte observação a respeito da quantidade das designações geográficas de uma região:

“A toponímia será mais rica nas planícies e planaltos que nas montanhas; nestas, nos vales largos que nos escarpados; nas regiões periféricas que nas centrais; nas costas mais que nos hinterlândios; próximo aos cursos d’água mais que distante deles”.

Na região em estudo, foram coletados os seguintes *geomorfotopônimos*: *Morro do Mel, Morrinho, Morrinhos, Boqueirão, Barranco Branco, Barranco Alto, Barra Mansa, Várzea Alegre e Pontal*. A constituição geográfica do Pantanal “uma imensa planície de áreas alagáveis”, pode ser visivelmente percebida em alguns dos denominativos levantados pela pesquisa, tais como os sintagmas *Barranco Alto, Barranco Branco*, que são considerados significativos para a topografia da região, sobretudo na época das cheias, na medida em que constituem os locais escolhidos para a construção das sedes das fazendas e de abrigo à fauna silvestre e ao gado. A lexia barranco também aparece registrada em outras regiões do país, conforme dados de Dick (1990b, p. 122), Barranco (AH MT) Barranco Vermelho (AH RO).

Já as lexias *Boqueirão* 'abertura estreita em serra, por onde corre um rio; bocaina'; *Várzea* 'grande extensão de terra plana; planície, vale' e *Pontal* 'ponta de terra que penetra um pouco no mar ou no rio'; *Barra* é termo peculiar à geografia física brasileira, com o sentido de *foz* ou *embocadura*, e a *barra* indica o ponto de confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho), (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003) ocorrem somente nos acidentes humanos da região em estudo; não havendo registro de tais lexias denominando acidentes físicos.

A peculiaridade da geografia física da região do Pantanal, constituída de terreno plano e, portanto de baixa declividade, se faz sentir nos signos onomásticos selecionados pelo denominador, que ao optar por *Morrinho*, *Morrinhos*, refletem, em sua origem semântica, a natureza topográfica que, em tantas ocasiões, motiva o denominador.

Os *sociotopônimos*, topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade, estão representados pelos signos toponímicos: *Caiçara*, *Piraquara*, *Curral Velho*, *Curralão*, *Brete*, *Porto Ciríaco*, *Gabinete* e *Viveirinho*. Em relação às lexias *Caiçara* (do tupi *kaai'sa*) estamos considerando a seguinte acepção: 'habitante do litoral, que vive de modo rústico, especialmente da pesca ou de atividade próxima', e *Piraquara* 'nome que se dá às populações ribeirinhas que sobrevivem da pesca' (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003), razão pela qual foi classificada nessa categoria. Já as lexias *Curral Velho*, *Curralão*, *Brete*, *Porto Ciríaco*, *Gabinete* e *Viveirinho* resgatam locais de trabalho ou onde se executa determinadas atividades profissionais. Ressalta-se que *Curral Velho*, *Curralão*, *Brete* remetem ao ambiente típico de trabalho da atividade econômica mais importante da região: a pecuária.

Há também, embora em número bastante reduzido, registro de *astrotopônimos* e *litotopônimos*, ambos topônimos de natureza física. Os primeiros são topônimos relativos aos corpos celestes em geral, constituídos pelas seguintes lexias: *Sol Levante*, *Estrela* e *Luz Alva*; os segundos, topônimos de índole mineral e também à constituição do solo, representados pelas lexias *Itaúna*, *Ouro Fino*, *Areião*, *Chão Parado*, *Pedregulho*, *Itaroquém*. No que se refere a essa categoria, cabe aqui um esclarecimento de Dick (1990b, p. 125),

Os topônimos de índole mineral, aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatores: um, de índole genérica, física, ambiental, específico às regiões da terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns momentos significativos da história de um povo.

Os dois sintagmas dessa categoria - se voltam a um elemento de origem indígena - tupi, mais precisamente (*i'ta* 'pedra') - *Itaúna*, *Itaroquém*, que concorre com inúmeras formações que ampliam o quadro dos litotopônimos no Brasil. Já as lexias *Ouro Fino*, *Areião* e *Pedregulho* estão ligadas ao universo semântico do extrativismo mineral, talvez *Ouro Fino* remeta à época do extrativismo do ouro, ocorrido nas minas de Mato Grosso, que foram exauridas e, em razão disso, houve a migração de pessoas daquela região para o Pantanal sul-mato-grossense. *Chão Parado* corresponde à superfície da Terra; solo.

Dada a importância histórica do extrativismo mineral no Brasil, desde seu Descobrimento até os dias atuais é que, segundo Dick (1990b, p. 133) se justifica a presença de inúmeros topônimos de índole mineral em todo o país.

Tem-se também registro de *numerotopônimos*, com cinco ocorrências; *dimensiotopônimos*, com três ocorrências; os *cardinatopônimos* e *axiotopônimos*, com

duas ocorrências cada; e *etnotopônimo*, *dirrematopônimo*, *historiotopônimo*, *poliotopônimo* e *somatopônimo* com apenas uma ocorrência. Os *numerotopônimos*, topônimos relativos aos adjetivos numerais, estão representados pelas lexias: *Dois Ipês*, *Dois Buritis*, *Três Estrelas*, *Quarto Centenário*, *Três Marias*. Note-se que, no plano da composição desses sintagmas toponímicos, o adjetivo numeral é sempre o termo genérico toponímico. Os *dimensiotopônimos*, topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, se fazem representar, no *corpus* analisado, pelos signos toponímicos *Fundão* (derivado de fundo) 'que está abaixo da superfície ou do nível; que tem profundidade; que adentra'; *Panorama* 'amplo quadro circular que permite ao espectador, colocado num ponto central, observar, como se estivesse do alto, objetos representados' e *Central* 'colocado no centro de determinada superfície, área ou região' (HOUAISS, ed. eletrônica, 2003).

Os cardinotopônimos, topônimos relativos às posições geográficas em geral, apresentam as lexias *Horizonte* e *Entre Rios*; já *axiotopônimos*, topônimos relativos aos títulos e dignidades, pela presença das lexias *Frei Leopoldo* e *General*. Por fim, os *etnotopônimo*, topônimos referentes aos elementos étnicos; *dirrematopônimo*, topônimos constituídos por frases ou enunciados lingüísticos; *historiotopônimo*, topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social; *poliotopônimo*, topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; e *somatopônimo*, topônimos empregados em relação metafórica à parte do corpo humano ou do animal., representados, respectivamente, pelas lexias *Guarani*, *Quero Ver*, *Bandeirante*, *Aldeia* e *Pé de Ferro*.

Há, ainda, os signos toponímicos categorizados como *sem classificação*, que podem representar a opacidade de algumas lexias em termos de motivação, uma vez que

não se encontram dicionarizados. São eles: *Carunal*, *Sansaruê*, *Chatelodo*, *Cutape*, *Sajutá* e *Inhave*.

Por fim, os *cromotopônimos*, *meteorotopônimos*, *morfotopônimos* e *hodotopônimos* não apresentaram ocorrência no *corpus* analisado.

1. Quanto à natureza dos topônimos

A natureza dos topônimos, conforme se viu anteriormente, divide-se em antropocultural e física. Na análise realizada, predomina o segundo grupo, como se pode verificar: de um total de 361 topônimos, 111 são de natureza física e 243 são de natureza antropocultural, cujos dados percentuais podem ser visualizados no gráfico 4, abaixo:

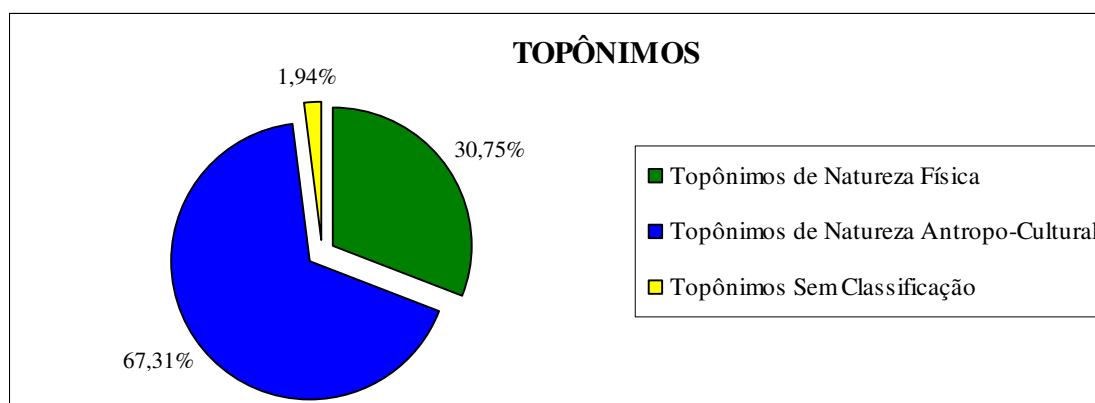


Gráfico 4 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais

Desses 361 topônimos, 7 não foram classificados e correspondem a 1,94% do total dos topônimos analisados.

Comparando-se esses dados da pesquisa, que estuda os topônimos dos acidentes humanos localizados na região do Pantanal Sul-mato-grossense com os dados de uma

outra pesquisa, que estudou os topônimos dos acidentes físicos da mesma região⁷⁹, pode-se verificar que, ao contrário desta pesquisa, naquela, os topônimos de natureza física são a maioria – 52,22%, enquanto os de natureza antro-po-cultural representam 43,04% e os sem classificação representam 4,75% do total de 316 topônimos analisados. Para Schneider, autora da pesquisa, essa preferência se justifica em razão da enorme riqueza ambiental da região, em termos de variedades de espécies da fauna e da flora. Ela ressalta também a influência do fator social do ambiente em que o grupo está inserido, na forma de noação dos elementos da realidade.

Já esta pesquisa, conforme se demonstrou no gráfico 4, a preferência do denominador voltou-se para as taxes de natureza antro-po-cultural, sendo a categoria dos hagiotopônimos a de maior ocorrência, com 113 taxes, uma demonstração evidente da conservação da influência portuguesa na região, representada por seus valores cristãos, antropológicos, sociais e culturais.

Não se pode desprezar, porém, a ocorrência dos topônimos de natureza física, encontrados na denominação dos acidentes humanos, uma vez que estes demonstraram a presença das características ambientais refletidas no léxico da região, sobretudo nos fitotopônimos, hidrotopônimos e zootopônimos, que permitem o estabelecimento de uma correspondência entre o nome de lugar e a condição ambiental determinativa, evidenciando aspectos valorativos e culturais do denominador.

2. Quanto às taxonomias registradas na região

Os topônimos de natureza física, que perfazem 30,75% do total geral de topônimos, ocorreram nos dados aqueles pertencentes às seguintes taxonomias:

⁷⁹ A pesquisa em questão é *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-mato-grossense: a Toponímia dos Acidentes Físicos*, de Schneider (2002).

astrotopônimos, cardinatopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos e zootopônimos. Não foram identificados cromotopônimos, meteorotopônimos e morfotopônimos. Nessa categoria, os mais produtivos são: fitotopônimos, com 41,4% do, hidrotopônimos com 23,4% e zootopônimos com 14,4% do total de ocorrências nessa categoria, conforme gráfico 5, abaixo:

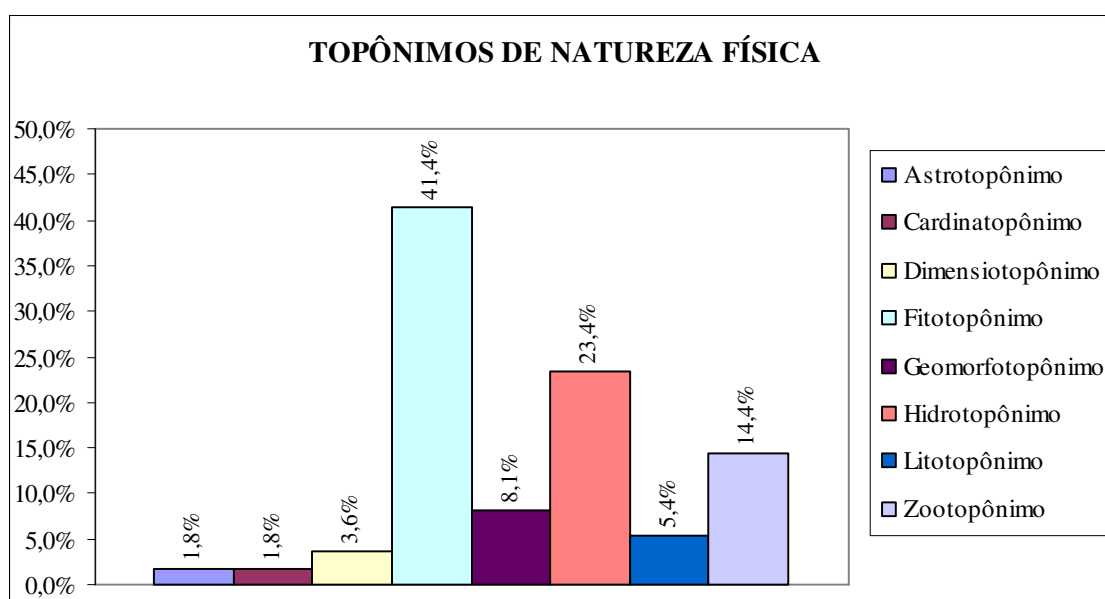


Gráfico 5 – Identificação quantitativa dos topônimos em relação ao aspecto físico

Os dados quantitativos dessa categoria vêm comprovar a hipótese inicial estabelecida, no sentido de que tais ocorrências têm como fator motivacional a enorme riqueza ambiental e a diversidade e peculiaridade dos acidentes hidrográficos da região pantaneira pesquisada.

Os topônimos de natureza antropocultural podem ser de vários tipos. Os 67,31% de topônimos antropoculturais detectados nesta análise são constituídos das seguintes taxas: animotopônimos, antropotônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, dirrematopônimo, hagiopônimo, historiotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimo, sociotopônimo, somatopônimo.

Não ocorreu, entre os dados desta pesquisa, topônimos que pertençam à classe dos hodotopônimos.

A hierotoponímia fornece o maior número de topônimos da região estudada, somando 113 ocorrências, totalizando 31,3% dos dados, conforme mostra o gráfico 3. Se a observarmos em relação a sua natureza, essas 113 ocorrências correspondem a 46,5% dos dados de natureza antropocultural, conforme gráfico 6, abaixo:

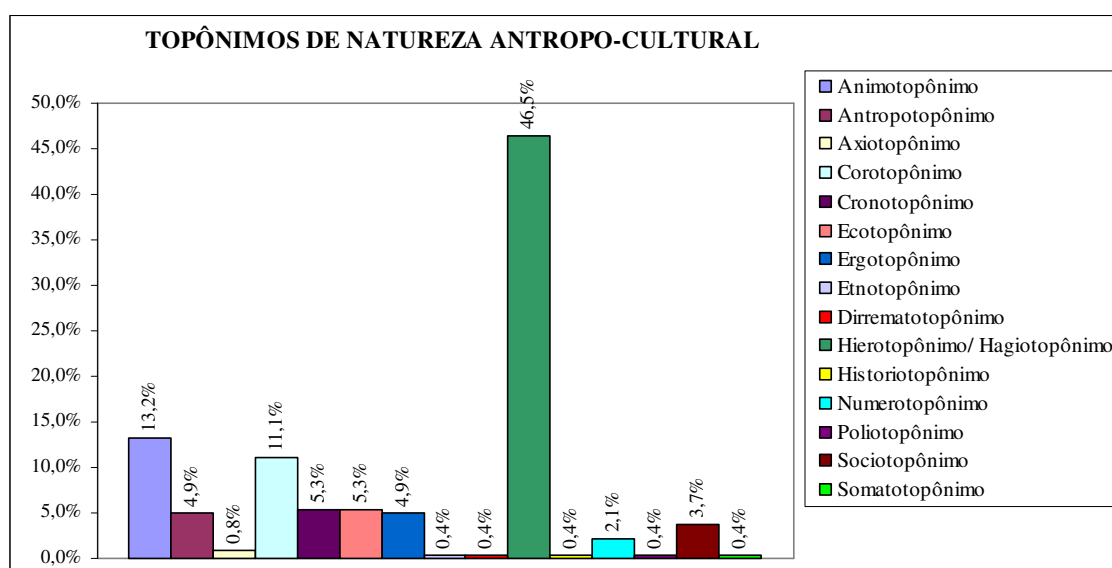


Gráfico 6 – Identificação quantitativa dos topônimos em relação ao aspecto antropoculturais

Como se podem ver nos resultados quantitativos apresentados, a hierotoponímia, no caso específico desta pesquisa, voltados para os hagiotopônimos, demonstrou ser uma tendência bastante disseminada entre a população, fato esse devido às crenças e à religiosidade da população, que busca nessas entidades, forças e proteção necessárias para vencer os obstáculos advindos do tipo de vida próprio do ambiente pantaneiro.

De acordo com Dick (1990, p. 311), há uma diferença essencial entre toponímia de origem religiosa e os outros tipos (natureza física, por exemplo: fitotoponímia, hidrotoponímia, etc.): o cerne ou o motivo principal é o homem. O denominador é o

centralizador, cujo processo subjetivo de reflexão liga-se a uma mentalidade de época “muito mais próximo, portanto, do intangível, que das manifestações reais do mundo sensível, a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se movimenta”.

Ainda, de acordo com a autora,

As circunstâncias locais pouco interferem na escolha desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos místicos, à sua crença e à sua fé. Forças anímicas, portanto, estimulam-no e condicionam-no em todas as manifestações existenciais, sejam artísticas, políticas, éticas ou filosóficas (1990b, p. 312)

Assim, a partir das palavras de Dick, pode-se concluir que a toponímia de origem religiosa se prende muito mais a fatores subjetivos que objetivos: a motivação para a denominação pode não obedecer à observação do mundo físico, mas a sensações espirituais, de acordo com a crença de cada um. Há um sentido de “proteção” quando se denomina alguma coisa com nome de santo.

Vale ressaltar, também, que dos 113 hagiopônimos encontrados, 105 são hagiopônimos (topônimos referentes a santos, santas e mártires) e 8 são considerados hierônimos (hiero + onoma significa nome sagrado). Esse termo, segundo Carvalhinhos (2005, p. 76), foi empregado por Leite de Vasconcelos em fins do século XIX e começo do século XX, podendo depender que aqui o nome sagrado pode estar vinculado a qualquer objeto, concretamente ou não.

Sobre os hagiopônimos, cabe aqui uma outra observação, 02 são considerados hagiopônimos aparentes, e 95 hagiopônimos autênticos, conforme terminologia de Lima (1997, p. 423). Ainda, 45 hagiopônimos se referem a nomes de Santas e 60 a nomes de Santos.

Com isso, podemos perceber que o princípio denominativo da divindade é completamente diverso do dado às coisas normais: os objetos recebem nome para

possibilitar a identificação (ou posse); e as coisas e entes sagrados recebem nome que poderão servir de salvo-conduto ao usuário, o nome é o vínculo pelo qual o usuário da língua, no momento da enunciação, usa para estabelecer contato com a divindade.

Dentre os designativos de natureza antro-po-cultural, os *animotopônimos* e os *antropotopônimos*, depois dos hagiotopônimos, são os mais produtivos, conforme se pode ver no gráfico 6. Sobre os animotopônimos, conforme Dick (1990b, p. 351), nem sempre se pode explicar, de modo objetivo, a existência de um determinado nome. Consegue-se, muitas vezes, vincular o fato onomasiológico a um motivo aparente, mas a verdadeira razão-de-ser do topônimo, a sua causalidade necessária e única pode estar ligada a fatores que transcendem ao procedimento de verificação momentânea. O próprio desdobramento da tipologia em questão fala por si só, não sendo preciso acrescentar maiores dados.

Assim, a natureza língu-toponímica dos signos mencionados remete, portanto, quase necessariamente, a uma pesquisa local das circunstâncias ambientais que teriam influenciado a motivação; ou, o processo seletivo seria de responsabilidade única e exclusiva das condições subjetivas ou psíquicas de denominador, que teria projetado no nome do acidente não os aspectos reais de sua aparência, e sim, um determinado estado emocional, que o animava no momento do batismo.

É importante lembrar, também, que a classificação taxonômica, em alguns casos, é difícil de ser intuída pelo analista, uma vez que não envolve apenas elementos de ordem objetiva, mas, dada a carga semântica de que alguns se revestem, estes, podem figurar numa ou noutra categoria. Exemplificativamente, toma-se o caso dos topônimos *Fortaleza* e *Porto Alegre*: o primeiro, poderia ser classificado como corotopônimo, dada a existência da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará; porém, foi classificado como animotopônimo. No nosso entendimento, esse topônimo estaria mais bem

classificado como animotopônimo, uma vez que remeteria ao estado anímico do denominador. O segundo, poderia ser classificado como sociotopônimo, no entanto, foi classificado como corotopônimo. Nesse caso, optou-se por essa classificação em razão do prestígio da cidade Porto Alegre e, sobretudo, porque poderia ser um caso de “nome transplantado”, em função da migração de riograndenses para a região.

Está claro que a observação acima não isenta o analista de críticas. Apenas, a observação acima intenta marcar quão problemática se torna, em alguns casos, o emprego correto da expressão classificatória, segundo o modelo adotado, de forma a definir, com menor probabilidade de erro, os motivos toponímicos.

3. Quanto à origem dos nomes

A análise sobre a origem dos topônimos aponta a predominância da língua portuguesa na região, com algumas ocorrências de indigenismos e estrangeirismos como produto do processo civilizatório. A herança lingüística portuguesa na região, representada, sobretudo, pelos hagiotopônimos que se apresentam como legado de um patrimônio sócio-cultural português, que se procurou preservar e respeitar como uma das tradições mais caras ao espírito da nação. Isso demonstra, por certo, que o homem, ainda e sempre, está destinado a reservar um espaço em seu espírito para a faceta mística, responsável por muitas de suas atitudes volitivas.

Sobre a ocorrência de nomes indígenas na região analisada, desses, todos os topônimos são de origem tupi, sobretudo os de natureza física, predominando, dentre eles, os fitotopônimos e zootopônimos, demonstrando que, apesar da ocupação portuguesa, conservou-se certos aspectos referentes à cultura regional, manifestada nos

denominativos que remetem especificamente ao modo de ser do pantaneiro e na sua forma de sentir e vivenciar aspectos particulares da realidade pantaneira.

Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que,

O sistema léxico tupi, como reflexo de uma sociedade, deixou uma gama variada de contribuição lingüística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiências. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na Toponímia, que se vale deles como fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas. (DICK, 1990b, p. 39).

No tocante a análise etimológica dos nomes indígenas, é importante ressaltar o caráter descritivo que exprimem, as feições características do objeto denominado, como produtos que são de impressões nítidas, reais, vivas, retratando o convívio desses com a natureza. Também Sapir (1968), resalta essa vinculação lingüística em relação ao léxico, falando em um “interesse” do homem pelo meio circundante que, se manifesto positiva ou significativamente, faz com que o traço ambiental desejado se perpetue como signo lingüístico, marcando, assim, o idioma com as seqüências dessas tipologias identificadoras.

Essa tese pode ser comprovada nos topônimos levantados pela pesquisa, no tocante aos de natureza física, sobretudo os fitotopônimos, hidrotopônimos e zootopônimos, cujas cargas semânticas, conforme já se demonstrou nesta análise, apresentam-se voltadas ao aspecto natural da região. São detalhes, perspectivas de descrição que possibilitam a apreensão e conhecimento das características locais, tanto a atual como a de outrora, que, certamente, deu origem à denominação investigada.

Por fim, mediante a análise do *corpus* e a comparação com outros trabalhos realizados sobre o assunto, dentre eles o de Schneider (2002), constata-se que a tendência da toponímia dos acidentes humanos aqui analisados, embora apresente suas

peculiaridades denominativas, conforme já se salientou, no geral, não foge aos padrões denominativos encontrados em diferentes regiões do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivos neste trabalho proceder ao levantamento e análise de topônimos que nomeiam as fazendas localizadas na Região do Pantanal Sul-matogrossense, com base na pesquisa realizada junto ao Banco de Dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária do Pantanal – EMBRAPA/ CPAP e no Mapa “Fazendas do Pantanal”, elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento dessa instituição de pesquisa, na escala de 1:750000, acreditando que estes nomes de lugares nos revelariam aspectos importantes da vida e respectiva história e cultura do homem que naquele lugar habita: o homem pantaneiro. Além disso, pretendeu-se detectar a estruturação dos motivos ou das fontes geradoras dos nomes de lugares, sistematizando-os em categorias classificatórias, de forma a interpretar os nomes de lugares com maior segurança do ponto de vista semântico e, assim, apontar características e tendências lingüístico-culturais importantes para o resgate da identidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

O referencial teórico, exposto na parte intitulada *Linguagem e Toponímia*, demonstrou-se pertinente ao trabalho, cujos dados da lingüística geral estabelecida nos postulados de SAUSSURE (edição de 1970), FREGE (1978) e BENVENISTE (1991), associado ao signo toponímico e orientações metodológicas de DICK (1990), respaldaram a análise e classificação taxonômica dos dados, a partir de uma nomenclatura técnico-científica, tornando-os termos-objeto, particularizantes e eficazes como designativos, podendo explicarem-se metalingüísticamente.

Considerado como um importante meio de investigação lingüística, uma vez que se constitui de reminiscências de um passado muitas vezes esquecido, os instrumentos

Onomásticos – Toponímia e Antroponímia – mostram-se singulares para o estudo da língua, sobretudo se relacionados, como no estudo toponímico proposto, à história e à cultura local, em um fazer-se etnolingüístico. Julgamos que ao centrarmos nossa pesquisa na relação língua-cultura, passamos a ver os topônimos não somente como um espelho da realidade social, mas como uma ferramenta poderosa que nos permite descobrir visões de mundo e formas de relação entre os indivíduos enquanto construtores de seu *habitat*.

Dada a diversificação da natureza dos topônimos, ligada a campos semânticos vários, conforme se demonstrou na análise, põe-se em evidência a própria conformação dos motivos que o animam. No conjunto dos topônimos analisados predominam os de natureza antro-po-cultural, notadamente os hagiotopônimos, marca da religiosidade na Região do Pantanal Sul-mato-grossense, retratada nos nomes de fazendas, um legado da colonização portuguesa, que se mantém até os dias hoje, não só nos nomes, mas também nos cultos de penetração popular, como as festas comemorativas aos santos padroeiros, sobretudo Santo Antonio, São João , São Pedro e São Sebastião, que é o santo padroeiro dos criadores.

Identificar acidentes geográficos buscando a sua significância sîgnica é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico, fato que os torna verdadeiros adjetivos dos nomes de lugares, pois, qualificando-os, permitem que se estabeleça a função identificadora que trazem consigo. Tal fato fica mais evidente ao se analisar os topônimos de natureza física, sobretudo os fitotopônimos, hidrotopônimos e zootopônimos, nos quais se vê refletida a influência do ambiente atuando na formação lingüística desses topônimos. Os exemplos aqui coletados são suficientes para justificar nossa hipótese inicial sobre a existência de um nexu relacionante entre “nome” e

“ambiente”, e a conseqüente transmutação do topônimo em fonte segura de informação científica.

A análise da natureza lingüística dos topônimos que nomeiam as fazendas do Pantanal Sul-mato-grossense nos permitiu concluir que estes se revestem de camadas lingüísticas intercorrentes: a indígena, sobretudo a de origem tupi; a portuguesa, que, por razões históricas, econômicas, políticas, esteve em situação dominante ou privilegiada. Soma-se a isso a força dos elementos ambientais pantaneiros, representados pela biodiversidade da flora, fauna, sistema hidrográfico, a geografia física, o estado anímico do denominador, os nomes de pessoas. O resultado dessa conjugação de valores originou o que chamamos de cultura pantaneira.

Há que se registrar, porém, que uma nomenclatura geográfica torna-se mais difícil de ser analisada globalmente quanto mais complexas forem as camadas lingüísticas componentes dos respectivos estratos onomásticos, ou quanto mais distantes de seus focos originários estejam os designativos. Muitas vezes, nesses casos, a correta interpretação de um nome torna-se improfícua, pelas dificuldades de se recompor todos os elos da imensa cadeia etimológica, já que o verdadeiro sentido do topônimo encontra-se cristalizado em sua forma atual, perdida que foi a primitiva transparência do significado.

É o que ocorreu em relação aos topônimos que figuram na categoria “sem classificação”, embora se tenha buscado a sua etimologia em diferentes bibliografias. Talvez a sua etimologia ainda não tenha sido dicionarizada, ou seja originária de diferentes estratos lingüísticos que não puderam ser abarcados pela pesquisa.

Ao postularmos como um dos objetivos desta pesquisa que a toponímia pode configurar-se como instrumento que atua funcionalmente como forma conservadora da memória do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos, capaz de recuperar

os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo, não se pode esquecer que o referente desempenha o papel da relação de significância, imanente aos elementos do signo lingüístico, capaz de revelar nas formas denominativas geográficas os valores sócio-culturais do grupo-meio retratado.

Por fim, as diferentes origens dos topônimos, conforme se demonstrou na análise, não deixa dúvida de que a escolha dos nomes dificilmente comporta a marca da impessoalidade, traduzida por algo aleatório ao ato denominativo em si mesmo, haja vista que há vários agentes motivadores na estruturação do nome de um lugar, seja ele de natureza física ou antro-po-cultural. Assim, julgamos oportuna e pertinente a afirmação de DICK (1990a: 22) quando diz que “*o nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica*”. De fato, o homem vem escrevendo a sua história na Região do Pantanal Sul-mato-grossense, denominando os lugares em que vivencia suas experiências enquanto os mesmos se mantêm armazenados na memória de seu povo, que os tem preservado como um patrimônio lingüístico-cultural de uma sociedade. Acreditamos que foi este o compromisso que se tratou de articular nesta pesquisa: a Toponímia tem um compromisso com a língua como voz, ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história dos povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de A. Animotopônimos e Litotopônimos do Paraná. In: *Estudos Lingüísticos - XXX GEL*, Assis: UNESP, 2000. (CD-ROM)

ALLEM C. Antônio; VALLS, José F. M. *Recursos Forrageiros Nativos do Pantanal Mato Grossoense*. Brasília/DF: Departamento de Difusão de Tecnologia – EMBRAPA, 1987.

ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari. O signo Toponímico e sua Significação na Sociedade. In: *I SELISIGNO seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação: texto e imagem*. Londrina/PR: Ed. da UEL, 2000.

BALDINGER, Kurt. *Teoria semántica*. Hacia una semántica moderna. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.

BACKHEUSER, Everardo. *Toponímia. Suas regras. Sua evolução*. São Paulo: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, v. IX, 1952.

BARBOSA, Padre A. Lemos. *Pequeno dicionário tupi-português*. Rio de Janeiro: São José, 1955.

BARROS NETTO, José de. *A Vontade Natural e o Pantanal da Nhecolândia*. São Paulo: Alfa-Omega, 2001.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 3 ed. Campinas-SP: Pontes, 1991.

_____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989.

BERTELLI, Antônio de Pádua. *O paraíso das espécies vivas: Pantanal de Mato Grosso*. São Paulo: Cerifa, 1984.

BERTRAND, G. *Paysage et géographie physique globale*. Esquisse méthodologique. Trad. de O. Cruz. In: *Caderno de Ciências da Terra*. São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, nº 13, 1972.

BEZERRA, Maria A. de Oliveira; CHAPARRO, Marcelo; PEIXOTO, José Luís S. Moluscos Dulceaquícolas do Pantanal do Abobral: uma abordagem arqueológica. In: *Revista Científica: Ciências Biológicas e da Saúde*. Campo Grande: UFMS, 1997, p. 10-17.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria Lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLIKSTEIN, Izidoro. “Crátilo e Hermógenes: motivação versus arbitrariedade do signo lingüístico”. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: T.A. Queiroz (EDUSP), 1981, p. 27-37.

_____. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1995.

BORDONI, Orlando. *A Língua Tupi na Geografia do Brasil*. Campinas: gráfica Muto, s.d.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-guarani/português*. São Paulo: Brasilivros, 1982.

_____. *Vocabulário Tupi-guarani/português*. São Paulo: Éfeta, 1998.

CALHEIROS, Débora Fernandes; FONSECA JR., Wilson Correa da (orgs). *Perspectivas de estudos ecológicos sobre o Pantanal*. Corumbá/MS: EMBRAPA-CPAP, 1996.

CÂMARA Jr., J.M. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1979, 195 p.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

CANTAGALLO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantagallo>. Acesso em 10/07/2006.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *A Toponímia Portuguesa: um recorte lingüístico do Douro ao Tejo*. Dissertação (Mestrado), 1998, 240f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CARVALHINHOS, Patrícia de J. *Hierotoponímia Portuguesa. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de Caso: as Nossas Senhoras*. 2005, 375 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2005.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas*. Trad. de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORRÊA, Lucelino Rondon. *Glossário Pantaneiro*. Campo Grande: UNIDERP, 2001.

CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso*. Campo Grande/MS: UFMS, 1995.

CORRÊA, Valmir Batista; CORRÊA, Lúcia Salsa; ALVES, Gilberto Luís. *Casario do Porto de Corumbá*. Campo Grande: Fundação de Cultura de MS; Brasília: Gráfica do Senado, 1985.

CORREA FILHO, Virgílio. *Pantanaís matogrossenses: devastamento e ocupação*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1946.

_____. *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1955.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semântica Estrutural*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CURADO, Fernando Fleury. *Considerações iniciais sobre a agricultura familiar de assentamentos rurais em Corumbá-MS*. Comunicado Técnico. EMBRAPA/CPAP, nº 9, fevereiro, 2006.

DAUZAT, Albert. *Noms de Lieux: origine et evolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1928.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Características do Signo Toponímico. In: *Separata da Revista Língua e Literatura*. nº 09. São Paulo: USP, 1980, p.287-293.

_____. Aspectos históricos de microtoponímia no Brasil. In: *Separata da Revista de História*. nº 116. São Paulo: USP, 1984, p.43-54.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1990a.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990b.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Tomo III. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996a, p.2389-2396.

_____. *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996b.

_____. O sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande/MS: UFMS, 1998, p.77-88.

_____. Inter-relação Léxico e Cultura na América Indígena. Estudo de Caso. In: *Acta Semiótica et Lingüística*. Vol. 08. São Paulo: Plêiade Ltda./ Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística - SBPL, 2000, p. 295- 308.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs.). *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande/MS: UFMS, 2004, v. II.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

ELIA, Silvio. *Orientações da lingüística moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

ESSELIN, Paulo Marcos. *A Pecuária no Processo de Ocupação e Desenvolvimento Econômico do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830-1910)*. 2002, 397p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. PUC, Porto Alegre, 2002.

FAUNA. Disponível em <http://parqueregionaldopantanal.org.br/território/fauna.php>
Acesso em 19/12/2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Novo, Século XXI. Dicionário da Língua Portuguesa - Eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 2000.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à Lingüística. I. Objetos teóricos*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORA. Disponível em <http://parqueregionaldopantanal.org.br/território/flora.php>
Acesso em 19/12/2004.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. Trad. de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.

FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade constitutiva. *Almanaque* 5:9-27, 1977.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. *O Nome e o Lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí*. 1998, 255f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Letras e Ciências Humanas, UEL, Londrina, 1998.

GREIMAS, A. J. *Du Sens (Essais Sémiotiques)*. Paris, Seuil, 1970.

_____. *Dicionário de termótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A Semiologia*. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1993.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Ed. Eletrônica, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O Fato Lingüístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural*. 1996, 409 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1996.

_____. A Toponímia como signo de representação da realidade. In: *Revista de História Fronteiras*. Vol. 1. Campo Grande: UFMS, 1997. p.: 27-46.

KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Trad. de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969.

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. In. *Estudos Lingüísticos XLV_Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 1997. p.:422-428.

LIND, Ivan. *Varadouro*. Lisboa: Casa Portuguesa, 1957.

LOPES, E. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Portugal/Lisboa: Livros Horizontes Ltda.; 1987. Cinco volumes .

MAEDA, Raimunda Madalena. *A contribuição dos Apelidos e Alcinhas para formação do léxico de Mato Grosso do Sul: Microrregião Pantanaís*. 2000, 110f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2000.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo M. *Mato Grosso do Sul, Fazendas: uma Memória Fotográfica*. Campo Grande/MS: Alvorada, 2005, v. III.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve ainel etno-histórico de Mato grosso do Sul*. Campo Grande/MS: UFMS, 1992.

MARTINS, Maria Silvia Cintra. *Entre palavras e coisas*. São Paulo: UNESP, 2002.

MATO GROSSO DO SUL. Fundação Instituto de Apoio ao Planejamento do Estado-FIPLAN, 1987.

MÜLLER, Charles. *Iniciation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1988.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

NOGUEIRA, Albana. Xavier. *A Linguagem do Homem Pantaneiro*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de Mackenzie, 1989.

_____. *O que é Pantanal?* São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Pantanal: Homem e Cultura*. Campo Grande/MS: UFMS, 2002.

OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. *O Significado de Significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972, 349 p.

OS RIOS: o domínio das águas. Disponível em: <http://www.virtualink.com.br/guiapantanal/os-rios.asp>. Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

O SANTO DE CADA DIA. Disponível em <http://www.psleo.com.br/santo03.htm> acesso dia 10/07/2006.

PANTANAL DO PARAGUAI. Disponível em http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_paraguai.php. Acesso em 19/12/2004.

PANTANAL DO ABOBRAL. Disponível em http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_abobral.php. Acesso em 19/12/2004.

PANTANAL DE AQUIDAUANA. Disponível em http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_aquidauana.php. Acesso em 19/12/2004.

PANTANAL DE MIRANDA. Disponível em http://www.parqueregionaldopantanal.org.br/territorio/p_miranda.php. Acesso em 19/12/2004.

PÊCHEUX, Michael . *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas-SP: Pontes, 1990.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Lingüística: I. Objetos teóricos*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

POSSEBOM, Francisco. Toponímia Paulistana: ruas com nomes de militares In: *XLVII Seminário Programação e Resumos do Gel*. Campinas: Unicamp, 1999.

POTT, Arnildo; POTT, Vali J. *Plantas do Pantanal*. Brasília: EMBRAPA/DF, 1994.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas Lingüísticas do Português*. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

PROENÇA, Augusto César. *PANTANAL: Gente, Tradição e História*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 1997.

- _____. *Memória Pantaneira*. Campo Grande-MS: Editora Oeste, 2003.
- RIBEIRO, Renato A. *Taboco 150 anos: Balaio de Recordações*. Campo Grande/MS: Prol Editora, 1984.
- ROBBA, Cláudio. *Aquidauana: Ontem e Hoje*. Campo Grande/MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1992.
- ROSA, Antonio do N.; MELO, José de. *Levantamento da situação atual da produção de touros para o Pantanal Mato-Grossense*. Comunicado Técnico. EMBRAPA/CNPGC, nº 14, maio, 1995.
- ROSSI, Marco Aurélio Ferreira. *Noroeste: ferrovia do MS*. Campo Grande-MS: Editora Horizonte Verde, 2003.
- ROSTAING, Charles. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Iniversitaires de France, 1961, p. 5-8.
- SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La Toponimia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela - Publicaciones de la Facultad de Ciências Económicas y Sociales, 1985.
- SAMPAIO, A. J. de. *Fitogeografia do Brasil*. 2 ed. Rev. E Ampl.. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série Brasileira, 35.
- SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geographia Nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.
- SANT'ANNA NETO, J.L.; VESENTINI, J. W. *O Pantanal*. São Paulo: Ática, 1992..
- SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: *Linguística e Ciência*. Trad. De Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9ª ed.. São Paulo: Cultrix, s.d.
- SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. 2004, 387 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras/ UFMG, 2004.
- SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos*. 2002. 164 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Letras, UFMS, Três Lagoas, 2002.
- SILVA, João dos Santos Vila da; ABDON, Myrian de Moura. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. In: *Pesquisa Agropecuária Brasileira*. v.33. Brasília/DF: EMBRAPA, 1998, p. 1675-1813.
- STEWART, George R. *A classification of place-names*. *Names*. Berkeley, v. II (1)1954, p. 01-13 (Tradução do Prof. Erasmo D' Almeida Magalhães - fotocopiado).

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos de Origem Tupi*. São Paulo: Traço, 1997.

ULLMANN, S. *Semântica: uma Introdução à Ciência do Significado*. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opúsculos*. Vol. III *Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VIEIRA, Zara Peixoto. *Estudo Onomástico do Município de Socorro: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração*. 2000, 194f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *Thinking And Speech: The Collected Works Of L. S. Vigotski*, Vol. I. New York: Plenun Press, 1987.

_____. *A formação social da Mente*. Trad. de Mind in Society, The President and Fellows of Harvard College, 1984.

VOCABULÁRIO PANTANEIRO. Disponível em:
<http://virtualink.com.br/guiapantanal/curiosidades-vocabulario.asp>. Acesso em 28
fevereiro de 2004.

ZYSMAN, Neiman. *Era verde?: ecossistemas brasileiros ameaçados*. São Paulo: Atual, 1989.